



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

Mateus Mecca Rodighero

**SEM FECHAMENTO, EM TEMPO REAL:
A PRODUÇÃO E A RECEPÇÃO EM BLOG JORNALÍSTICO**

Passo Fundo, abril de 2015.

Mateus Mecca Rodighero

**Sem fechamento, em tempo real:
A produção e a recepção em blog jornalístico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, sob orientação do Dr. Miguel Rettenmaier.

Passo Fundo

2015

Quando alguém decide mergulhar em uma pesquisa extensa e complexa, é preciso tempo, paciência e apoio. Por isso, se a escassez do tempo e a falta de paciência foram inimigas que colocaram à prova este ponto final, dedico este trabalho a quem mais me deu o apoio necessário: minha família. À minha fiel companheira, esposa e parceira Bibiana, aos meus pais, Ademir e Cleusa, e ao meu irmão André, dedico cada linha aqui escrita. Dedico ainda ao mestre Miguel Rettenmaier por ter apostado nesta pesquisa quando tudo não passava de uma simples ideia.

Acima de tudo, agradeço a Deus, pela capacidade física e intelectual, que me possibilita aprender cada dia mais.

Agradeço à minha esposa Bibiana, pelo amor que sempre tivemos um pelo outro e pela felicidade que traz à minha vida. Sem teu apoio, teria desistido!

Ao meu irmão André, por ser mais que um vínculo de sangue, mas um amigo para os melhores e piores dias.

Aos meus pais, Ademir e Cleusa, por me incentivarem desde sempre e demonstrarem orgulho infinito a cada conquista minha.

Ao meu orientador Miguel Rettenmaier por ser um incentivador integral e por confiar no resultado deste projeto.

Aos meus alunos do curso de Jornalismo, que a cada indagação em sala de aula me motivam a aprender mais nesse “mundo das letras e da comunicação”.

Ao Jornal Zero Hora, por abrir espaço para minha pesquisa.

Aos jornalistas participantes desta pesquisa, por dedicarem parte de seu tempo a responder às minhas indagações.

Muito obrigado!

“A linguagem digital nos arranca da inércia do repetível.”

Lucia Santaella,

Linguagens líquidas na era da mobilidade.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir as relações entre as novas tecnologias de escrita e leitura a partir dos *blogs* jornalísticos, a fim de entender como leitores e jornalistas interagem no ciberespaço. O trabalho preocupou-se especificamente em refletir sobre as relações entre jornalismo e tecnologia, dos meios impressos ao digital; entender se e como os leitores influenciam no texto dos autores dos *blogs*; discutir os estatutos de leitura em meio digital, em específico no blog; identificar como e em que medida se estabelece a interação entre leitores e blogueiros. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, posteriormente, uma pesquisa de campo com estudo de caso. A revisão bibliográfica buscou identificar elementos históricos e conceituais no que tange ao surgimento da escrita, a evolução das plataformas de comunicação e a adaptação do leitor ao ciberespaço, passando pela hipermídia. A conceituação baseou-se nos textos de Lévy (1993, 1996, 1999), Santaella (2003, 2004, 2007, 2010) e Chartier (1998, 2002, 2007). Buscou-se ainda apresentar como o jornalismo se utilizou dessas ferramentas e como os *blogs* ganharam espaço nas últimas décadas, a partir de Prado (2011) e Hewitt (2007). Posteriormente, na pesquisa de campo, observou-se a relação existente entre leitores e jornalistas de quatro *blogs* jornalísticos, a partir de análise sistematizada de textos postados na blogosfera de um importante jornal de Porto Alegre (RS) e de respostas a entrevistas semiestruturadas com os autores das colunas.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. *Blogs*. Jornalismo. Cibercultura.

ABSTRACT

This study aims to discuss the relations between the new writing and reading technologies from journalistic blogs, in order to understand how readers and journalists interact in cyberspace. The study focused especially in reflecting the relations between journalism and technology, from print to digital media; understand if and how readers influence the texts of blog authors; discuss the reading statutes in digital media, specifically blogs; identify how and to what extent interaction between internet users and authors is established. To do so, a literature search was carried out, followed by field research and a case study. Literature review aimed to identify historical and conceptual elements related to the outbreak of writing, the evolution of the platforms and the reader's adaptation to the cyberspace through hypermedia. The concept was based on the texts of Lévy (1993, 1996, 1999), Santaella (2003, 2004, 2007, 2010) and Chartier (1998, 2002, 2007). It was sought to present how journalism utilized these tools and how blogs gained ground in the last decades, from Prado (2011) and Hewitt (2007). Later, in the field research, the relation existing between readers and journalists of four journalistic blogs was observed, through both systematized analysis of blogs posted to the blogosphere of an important newspaper from Porto Alegre (RS) and answers to semi-structured interviews with the authors of the columns.

Key words: Writing. Reading. *Blogs*. Journalism. Cyberculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Réplica da prensa de Gutenberg.....	37
Figura 2- Estrutura básica de um blog.....	48
Figura 3- Página inicial de todos os <i>blogs</i> hospedados no <i>site</i> de Zero Hora, a partir da plataforma clicRBS	64
Figura 4 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	70
Figura 5 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	72
Figura 6 - Reprodução dos comentários de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.....	74
Figura 7 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	75
Figura 8 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	77
Figura 9 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	84
Figura 10 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	85
Figura 11 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	87
Figura 12 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	88
Figura 13 - Reprodução de comentários de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.....	89
Figura 14 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	96
Figura 15 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	98
Figura 16 - Reprodução de uma resposta do jornalista no espaço dos comentários	99
Figura 17 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	99
Figura 18 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	101
Figura 19 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	102
Figura 20 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	109
Figura 21 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	111
Figura 22 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	112
Figura 23- Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora.	113
Figura 24 - Reprodução de uma resposta do jornalista no espaço dos comentários de leitores	114
Figura 25 - Reprodução de um <i>post</i> do blog, disponível no <i>site</i> do jornal Zero Hora	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A PALAVRA EM TEMPOS DE TELAS	10
2. ESCRITA E LEITURA: LETRAS, TELAS E LABIRINTOS	14
2.1 O hipertexto na cibercultura: base lógica e princípios	17
2.2 Cibercultura e o leitor imersivo	21
2.3 O labirinto da hipermídia e a Web 2.0	24
2.4 Web 3.0 e o futuro do leitor	29
3. JORNALISMO E TECNOLOGIA: DA PRENSA AO BLOG.....	33
3.1 Evolução da imprensa.....	34
3.2 Diários, <i>blogs</i> e jornalismo.....	42
3.3 As novas relações de produção jornalística e a interação com o leitor	46
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
4.1 Tipos de pesquisa e métodos empregados.....	55
4.2 Caracterização do corpus e sujeitos da pesquisa	59
4.3 Desenvolvimento da pesquisa	60
5. BLOG: CONVERSAÇÃO VIRTUAL, REAL COMUNICAÇÃO?	63
5.1 “Nem gênio, nem imbecil”	66
5.1.1 A entrevista.....	66
5.1.2 Os <i>posts</i>	69
5.1.2.1 O ditado espanhol	69
5.1.2.2 Ouça o Timeline Gaúcha	71
5.1.2.3 Dia de Ação de Graças	73
5.1.2.4 Som de sexta.....	75
5.1.2.5 Os negros da América.....	76
5.1.3 Uma rede que pesca peixe, sapato velho, pneu... ..	78
5.2 “Sozinho num lugar distante”	79
5.2.1 A entrevista.....	80
5.2.2 Os <i>posts</i>	83
5.2.2.1 O que penso para 2014	83
5.2.2.2 A Iugoslávia está morta. Viva a Iugoslávia.....	84
5.2.2.3 O ano da virada.....	86
5.2.2.4 Portas abertas	88
5.2.2.5 A questão dos túneis	89
5.2.3 Influência ao pensar a pauta	90
5.3 “O debate ficou muito pobre”	91
5.3.1 A entrevista.....	92

5.3.2 Os <i>posts</i>	95
5.3.2.1 Nem tudo está perdido	95
5.3.2.2 Finanças, o pesadelo de Sartori	97
5.3.2.3 O custo milionário das campanhas presidenciais	99
5.3.2.4 Pesquisas eleitorais orientam doações a candidatos	100
5.3.2.5 Boa notícia em meio à tempestade	102
5.3.3 Esperança em outro nível de debate	103
5.4 “‘Ao vivo’ o tempo inteiro”	104
5.4.1 A entrevista.....	105
5.4.2 Os <i>posts</i>	108
5.4.2.1 O Grêmio não perdeu por culpa do árbitro.....	108
5.4.2.2 R\$ 23 milhões suplementares para fechar o orçamento do Grêmio	110
5.4.2.3 Cresce o número de votos pela internet na eleição do Inter	111
5.4.2.4 Caso Petros: Arrogância Futebol Clube	112
5.4.2.5 A pior Libertadores da América vem aí	114
5.4.3 Uma rede colaborativa com pouca colaboração	116
5.5 Observações, impressões e projeções	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os blogueiros.....	128
APÊNDICE B - Entrevista com blogueiro 1	129
APÊNDICE C - Entrevista com blogueiro 2	133
APÊNDICE D - Entrevista com blogueiro 3.....	138
APÊNDICE E - Entrevista com blogueiro 4	142

1. INTRODUÇÃO: A PALAVRA EM TEMPOS DE TELAS

A não-linearidade das mídias já está encarnada na própria maneira de viver. É certo, porém, que essa descontinuidade é levada a extremos nas mídias que nos dão a capacidade de acessar qualquer ponto randômico e, então, facilmente saltar para outro, sejam esses pontos páginas de um processador de texto, informação em um disco ou outro recurso de arquivamento, ou mundos digitais localizados em qualquer lugar do universo ligado na internet e naquilo que passou a ser mais genericamente designado como ciberespaço.
(Lucia Santaella, 2003, p. 97)

Quando Gutenberg inventou a prensa no século XV, as possibilidades de leitura se multiplicaram junto com as páginas dos livros. Não era mais preciso escrever à mão para reproduzir um texto. As reproduções tornaram-se mais comuns e a sociedade moderna e contemporânea adaptou-se a esse ritmo de produção e oferta de textos. Durante séculos, o saber ficou armazenado nos livros, manufaturados, feitos mediante a capacidade individual dos copistas; a partir de um determinado momento histórico, com a prensa, este conhecimento articulou-se a novas circunstâncias de reprodução dos escritos, multiplicados e potencializados pela mecanização que se iniciava.

Todavia, os dispositivos de armazenamento de texto também evoluíram com o passar dos tempos e com o progresso da modernidade. Livros e papéis foram abrindo espaço para computadores, CDs, plataformas virtuais, como a internet. Os textos se multiplicaram. Para Chartier (1998), a comunicação eletrônica proporcionou a “superabundância textual”. Nessa multiplicação descomedida, porém, parece não ser equivocado pensar que há muito mais textos do que leitores preparados a se apropriar de tais escritos. Há muita informação, mas o que se pode pensar sobre a forma como interagimos com essa informação?

Com o passar do tempo e com as mudanças que aconteceram na sociedade nos últimos anos, especialmente com a evolução da tecnologia, percebe-se que as formas de leitura e os tipos de leitores também mudaram. Alguns autores, entre eles Santaella (2004), apontam que, a partir da adoção de tais técnicas de reprodução, o ato de ler deixou de ser apenas decifrar letras, mas relacionar palavras, desenhos, imagens e diagramação. A informática e a internet proporcionaram a evolução de um leitor de textos impressos, para um leitor de desenhos e, posteriormente, ao leitor que toma conta das telas eletrônicas, o leitor imersivo, indivíduo analisado neste trabalho. O advento da informática e da internet

possibilita o acesso do leitor a mídias e a evolução da interatividade entre leitores e autores.

A cibercultura de Lévy (1996) abre espaço para a interação, para o hipertexto, uma forma de construção do pensamento baseada em links (nós), que remetem a assuntos correlacionados, e a constituição de um novo tipo de leitor, definido por Santaella (2004) como “imersivo”.

Em tempos de “superabundância textual”, o jornalismo também se apropria dessas novas ferramentas, sendo ao mesmo tempo desafiado por elas. Consolidado em meios tradicionais, como jornal, rádio, revista e televisão, é possível afirmar que, observando o jornalismo *on-line* realizado no Brasil, ele ainda procura, senão adaptar-se às novas tecnologias, compreender todas as decorrências, o alcance e a própria influência delas na rotina de um trabalho feito “sem fechamento, em tempo real”. Na última década, grandes e tradicionais mídias adotaram “braços” na rede virtual. *Sites*, redes sociais e *blogs* passaram a ser algumas ferramentas de disseminação na internet. Grandes veículos e redes de televisão e jornais começaram a dar atenção aos meios digitais, com compartilhamento de conteúdo e vias de interatividade. A força das mídias digitais é tão grande na atualidade que alguns teóricos chegaram a cogitar o fim da imprensa tradicional, motivada pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

A hipermídia proporcionou uma mudança significativa na forma de produção e recepção do conteúdo jornalístico. No mundo virtual não há mais o deadline, a noção de fechamento. Há uma abertura constante, em tempo real, que motiva a participação de quem lê e a atualização de quem escreve. O texto pode ser alterado o tempo todo, a qualquer hora. Além dos *sites*, os *weblogs* (popularmente conhecidos por *blogs*) ganham destaque. Jornalistas e veículos consagrados passam a ter páginas pessoais ou institucionais a fim de agilizar a comunicação e possibilitar uma nova forma de contato com seus leitores.

Nesse contexto, surge um questionamento: como acontece essa relação de interação entre autores e leitores de *blogs* jornalísticos? Busca-se entender ainda: em que medida o leitor passaria a participar do texto, não apenas como um recontextualizador do texto no plano dos sentidos, mas como um sujeito potencialmente em prontidão para uma resposta “concreta”, via web e comentários. A pesquisa tem como objetivo geral investigar e analisar os efeitos da recepção na produção de *blogs* jornalísticos, a partir da seguinte pergunta de pesquisa: como se estabelece a relação de interação entre jornalistas e leitores pela via das mídias digitais, em específico, em *blogs* jornalísticos, em um contexto em que a imprensa obriga-se a trabalhar a informação “sem fechamento, em tempo real”?

Da mesma forma, outros quatro objetivos específicos são elencados, tais como: a) refletir sobre as relações entre jornalismo e tecnologia, dos meios impressos ao espaço digital; b) entender se e como os leitores influenciam no texto dos autores dos *blogs*; c) discutir os estatutos de leitura em meio digital, em específico no blog; d) identificar como e em que medida se estabelece a interação entre leitores e blogueiros (jornalistas).

A pesquisa analisa como acontece a relação entre esses indivíduos nos espaços comunicativo-informativos. A partir da observação de quatro *blogs* jornalísticos, hospedados no *site* do jornal *Zero Hora* do Grupo RBS e de entrevistas com os jornalistas-autores pretende-se compreender a forma como esse leitor se relaciona com o texto e com os autores.

O acesso dos leitores a *blogs* jornalísticos sugere possibilitar uma nova forma de interação entre jornalistas e leitores, algo inviável ou, ao menos, pouco exequível em outras mídias. A possibilidade de comentar, criticando, questionando ou agregando novas informações ao texto do autor atualizaria a produção escrita jornalística em uma nova dimensão, sob novos estatutos, em conformidade com uma nova realidade, na qual o leitor é um sujeito atuante, que responde, que escreve e mesmo rasura o lido.

Por todos esses elementos destacados, define-se uma organização conceitual e de contexto ao longo da pesquisa. O trabalho é dividido em seis capítulos, que abordam, inicialmente, questões conceituais, para posteriormente servir de base às análises.

No primeiro capítulo, apresenta-se esta introdução justificando a escolha do tema e da pergunta de pesquisa, apresentado ainda os objetivos (geral e específicos). Na sequência, o capítulo 2 resgata a evolução da escrita, desde os tempos pré-históricos passando pelo hipertexto, a hipermídia e a cibercultura. As bases teóricas estão influenciadas por autores contemporâneos, porém clássicos, como Lévy (1993, 1996, 1999), Santaella (2003, 2004, 2007, 2010) e Chartier (1998, 2002, 2007). Nesta divisão, parte-se das pinturas rupestres, resgatando a escrita em papiros, passando pelas leituras silenciosas da Idade Média, até chegar no leitor moderno, dos livros, das telas e dos nós, princípio básico do hipertexto.

No capítulo 3, o foco da pesquisa bibliográfica é na evolução da imprensa, na novidade estrutural proporcionada pela prensa de Gutenberg, passando pela chegada da internet. Baseado em autores como Prado (2011) e Hewitt (2007), trata-se de como o jornalismo se insere neste mundo e aproveita dessas novas potencialidades, até a chegada do blog como plataforma de publicação.

O capítulo 4 apresenta a metodologia da pesquisa descritiva, que será inicialmente

bibliográfica, passando um estudo de caso a partir da observação e de uma pesquisa qualitativa, conforme Prodanov e Freitas (2009).

O quinto capítulo é dedicado à análise do *corpus* da pesquisa, neste caso quatro *blogs* jornalísticos do jornal Zero Hora, observados durante um período determinado e cujos autores foram entrevistados a partir de um roteiro padrão de entrevista, com perguntas abertas. Nesta etapa do trabalho, resgata-se a teoria referenciada nos capítulos iniciais e à luz desses conceitos observa-se a prática, a fim de atingir os objetivos propostos nesta introdução. Por fim, o capítulo 6 é dedicado às considerações finais do pesquisador a respeito do tema proposto e do *corpus* observado.

O estudo está inserido na linha de pesquisa de *Leitura e Formação do Leitor* e oferece contribuições acadêmicas e profissionais para estudantes e profissionais de Comunicação, Jornalismo e Letras, além daqueles que por algum motivo interessem-se pelos assuntos, na tentativa de compreender com maior clareza o que acontece com os indivíduos envolvidos com os meios digitais de comunicação.

2. ESCRITA E LEITURA: LETRAS, TELAS E LABIRINTOS

A leitura de uma enciclopédia clássica já é do tipo hipertextual, uma vez que utiliza as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, índices, *thesaurus*, atlas, quadros de sinais, sumários e remissões ao final dos artigos. No entanto, o suporte digital apresenta uma diferença considerável em relação aos hipertextos anteriores à informática: a pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó a outro, fazem-se nele com grande rapidez, da ordem de segundos.
(Pierre Lévy, 1996, p. 44)

A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal ou num sentido intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas.
(Roger Chartier, 1998, p. 16)

A hipermídia é uma tecnologia que permite escrita e leitura não-linear, o que favorece o desenvolvimento de um pensamento complexo.
(Lucia Leão, 2005, p. 55)

Das pinturas rupestres, na Pré-História, até a superabundância textual do mundo da comunicação eletrônica, conforme resumiu Chartier (2007), passaram-se milhares de anos. Formatos e plataformas mudaram, mas o texto segue com a capacidade de contar a História da Humanidade. O que conhecemos e sabemos hoje provavelmente não teria sido possível sem a presença do texto, dos símbolos, dos primeiros escritores e seus respectivos leitores. Atualmente, pesquisadores apontam que a oferta de escrita é significativamente maior que a capacidade de apropriação dos leitores. Chartier (2007, p. 200) reconhece que “a literatura denunciou a inutilidade dos livros acumulados, o excesso dos textos numerosos”.

Entretanto, chegar a essa situação de abundância só foi possível após a evolução mecânica e tecnológica das plataformas de escrita. Cerca de quatro mil anos antes de Cristo, a necessidade de contabilizar o movimento dos bens econômicos, no que pode ser chamado de o início do comércio, provocou uma mudança na organização da sociedade da época.

Os primeiros livros teriam surgido há 5.300 anos, de acordo com Zilberman (2007). A utilização e a necessidade de escrever passaram a garantir um aprendizado, tal qual viria a ser a escola, muitos séculos mais tarde. A autora diz que “o aparecimento da escrita decorre de uma necessidade prática”. Mas nem todos tinham acesso a essa nova

descoberta. O uso ficava restrito a poucos, especialmente aqueles que seriam representantes do poder divino.

A sacralidade transfere-se aos textos que resultam dela, razão por que são preservados e poupados. Pela mesma razão, mostram-se adequados a conservar um saber comum que precisa ser transmitido às gerações vindouras. Mesmo quando não constituem o veículo de transmissão da religião, como ocorre entre os hebreus, o povo da Bíblia, os textos guardam um conteúdo que não se pode dispersar, de que é testemunha, por exemplo, o Código de Hamurábi, datado de 1700 a.C. (ZILBERMAN, 2007, p. 184).

A escrita passou a ser a fiadora da permanência da cultura ao longo dos anos. Era possível deixar registrado o que seria preciso transmitir às gerações futuras. “Mesmo antes da difusão da leitura entre as diferentes classes sociais, [...] era a tradição escrita, não a transmissão oral, que afiançava a vários povos a permanência de sua cultura ao longo do tempo” (ZILBERMAN, 2007, p. 184).

O suporte de escrita sobre pedras, madeiras, pergaminhos aos poucos foi se modernizando. Até meados de 1.400 d.C., só era possível reproduzir textos à mão. Segundo Chartier (1998), a prensa de Gutenberg pode ser considerada uma revolução significativa pela popularidade que deu aos escritos.

A nova técnica de imprimir livros por meio de tipos móveis transfigurou a relação com a escrita. Mas uma ressalva é importante e indispensável: “a transformação não é tão absoluta como se diz: um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex” (CHARTIER, 1998, p. 7). Ambos seriam compostos por folhas dobradas, num formato de livro tradicional.

A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isso existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno. A hierarquia dos formatos, por exemplo existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande in-fólio que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo antes de Gutenberg; e o *libellus*, isto é, o livro que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão (CHARTIER, 1998, p. 8-9).

Com a invenção da prensa e da tipografia na Europa em meados de 1450, foi possível reproduzir textos em uma escala, até então, impensável. O livro ficou mais barato, mais acessível, mais rápido. Além disso, cada leitor poderia ter acesso aos livros com maior facilidade. Contudo, não se pode afirmar que houve uma ruptura entre o manuscrito e o impresso. “Na realidade, o escrito copiado à mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutemberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX” (CHARTIER, 1998, p. 9).

Enquanto a prensa de Gutemberg trazia novas perspectivas para a escrita ocidental, no Oriente, outro sistema de multiplicação era utilizado: a xilografia. Nesse sistema, os escritos eram gravados em madeira, a partir da fricção da folha sobre a madeira mergulhada na tinta. Enquanto o sistema ocidental reproduzia modelos feitos a partir de formas prontas (letra romana), a xilografia ainda utilizava modelos caligráficos. “No Extremo Oriente, o signo, ao mesmo tempo que tem um conteúdo semântico, possui um sentido pela sua própria forma, o que não sobreviveu no Ocidente” (CHARTIER, 1998, p. 10).

No Brasil, segundo Silveira (2010), o processo de revolução da escrita não aconteceu tão rápido. “O Brasil, em específico, ainda Colônia Portuguesa, demorou cerca de dois séculos para receber o modelo, já ultrapassado nos países europeus, com a fabricação das rotativas” (SILVEIRA, 2010, p. 21). De acordo com a autora, a chegada dos religiosos católicos da Companhia de Jesus, no século XVI, foi determinante nesse processo de apropriação intelectual dos brasileiros. Livros só começaram a ser impressos no Brasil no século XIX, em meio a Revolução Industrial. Conforme Silveira (2010), o objetivo dos religiosos era criar um padrão linguístico e uma identidade nacional.

De qualquer forma, a invenção de Gutenberg ainda é considerada uma das principais revoluções da história do mundo das letras. A revolução causada pela prensa só ganhou uma concorrente de tamanho ou maior impacto com o surgimento das plataformas digitais de escrita e, conseqüentemente, de leitura. Tudo isso só chega ao fim do século XX, com o advento da informática, da internet e do mundo digital. Segundo Zilberman (2007, p. 185), “com o passar do tempo, a difusão da escrita veio acompanhada do aumento do número de suportes que garantiram seu registro”. De acordo com a autora, a escrita passou por diversas fases, com diferentes possibilidades de armazenamento, o que garantiu a sobrevivência dos conteúdos.

Das tabuletas de argila, da madeira e da pedra para o pergaminho, depois, o papel e, recentemente, para o disco rígido do computador, o CD, o *pendrive*, a escrita experimentou as possibilidades mais diferenciadas de armazenamento, algumas mais frágeis, outras supostamente mais resistentes, capazes de conservar seu conteúdo por séculos. Essas mutações são acompanhadas pela variedade de formatos que a escrita assumiu, de distintos instrumentos (por exemplo, o estilete, o lápis, o teclado) de fixação, de diferenças ortográficas, de discussões sobre seus padrões (culto ou popular, urbano ou rural) e sobre o modo mais correto de se expressar (ZILBERMAN, 2007, p. 185).

De acordo com Chartier (2007), o advento dos novos meios de comunicação e escrita possibilitam ao leitor uma nova oportunidade de leitura. “No mundo digital, todas as entidades textuais são como bancos de dados que oferecem unidades cuja leitura não supõe, de nenhuma maneira, a percepção global da obra” (p. 205). De acordo com o autor, o mundo eletrônico propõe uma ruptura na ordem dos discursos em três aspectos: “uma nova técnica de inscrição e de divulgação do escrito; incita a uma nova relação com os textos; impõe a estes uma nova forma de organização” (CHARTIER, 2007, p. 205).

Essa nova forma de organização de texto ignora o modelo do livro, da tipografia e do *códex*. Revolucionaria a forma de reproduzir os textos, de armazenar conteúdo e muda a forma de perceber os discursos. Por isso, é possível vislumbrar algumas mudanças na forma com que o leitor encara o texto e como interage com texto e autor. A lógica deixa de ser linear e dedutiva, consagrada nos séculos anteriores sobre uma página e permite uma articulação aberta, possível graças as relações hipertextuais. Esses pontos que surgem a partir das plataformas digitais e a adaptação do indivíduo leitor a esse contexto serão vistos ainda neste capítulo. Antes, porém, é fundamental ampliar a discussão a respeito das mídias digitais e hipertextuais.

2.1 O hipertexto na cibercultura: base lógica e princípios

“A partir do hipertexto, toda a leitura tornou-se um ato de escrita” (LÉVY, 1996, p. 46). Com tal definição, Pierre Lévy resume um pouco do que mudou a partir do reconhecimento de um novo conceito de texto. A relação entre escrever e ler não mais acontece necessariamente nessa ordem. O autor que escreve passa a ser um leitor e o leitor ganha a possibilidade de atuar como autor do que lê.

A definição vem da década de 40, segundo Lévy (1996), com o surgimento do

hipertexto. O conceito teria surgido a partir de Vannevar Bush, matemático e físico renomado, que havia concebido uma calculadora analógica “ultra-rápida”. A mente funcionaria a partir de associações, pulando de representação para representação, com associações distintas.

De acordo com Leão (2005), os tradicionais sistemas de organização e troca de informações não seriam eficientes. “Seu projeto *Memex (Memory Extension)*, uma máquina anterior ao computador, mistura de microfilme e célula fotoelétrica, era um potente aparelho para armazenar dados de diferentes tipos, permitindo elos entre os documentos” (LEÃO, 2005, p. 19). Nesse novo sistema, a consulta acontecia a partir de elos associativos, oportunizando ao usuário construir a leitura a partir do próprio interesse.

Duas décadas depois, Theodor Nelson criaria o termo “hipertexto” para definir a ideia de escrita/leitura não linear em um sistema informatizado. “Desde então, Nelson persegue o sonho de uma imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo, uma espécie de Biblioteca de Alexandria dos nossos dias” (LÉVY, 1993, p. 29). Este seria o modelo precursor do hipertexto que existe hoje.

Leão (2005) defende que o sistema conceituado por Ted Nelson no início dos anos 60 possibilitaria a compartilhamento de ideias. Era uma espécie de grande biblioteca acessível a todos. “O ousado projeto de Nelson nos remete a um mito muito antigo: o da biblioteca universal, aquela que contém um exemplar de todos os livros possíveis” (LEÃO, 2005, p. 21). Esse modelo de organização originou o que hoje se conhece por internet (WWW)¹.

Santaella (2003) cita que o hipertexto é apenas um reflexo de como a sociedade se estruturou nas últimas décadas.

Enfim, a não-linearidade das mídias já está encarnada na própria maneira de viver. É certo, porém, que essa descontinuidade é levada a extremos nas mídias que nos dão a capacidade de acessar qualquer ponto randômico e, então, facilmente saltar para outro, sejam esses pontos páginas de um processador de texto, informação em um disco ou outro recurso de arquivamento, ou mundos digitais localizados em qualquer lugar do universo ligado na internet e naquilo que passou a ser mais genericamente designado como ciberespaço (SANTAELLA, 2003, p. 97).

¹ O WWW (*World Wide Web*) é a parte da internet que conta com a tecnologia hipermediática para navegação. Seu criador foi Tim Berners-Lee. O WWW é baseado na linguagem em HTML (*Hypertext Markup Language*) para construção das páginas. É possível escrever páginas usando um processador de texto e incluindo códigos (tags) que indicam a função de cada elemento da página. Essa linguagem colocou em prática o conceito de hipertexto.

Segundo Lévy (1993), o hipertexto supõe diferentes possibilidades de conexões no texto. Uma das principais características, seja no meio digital ou no impresso, é a possibilidade de se conectar por diferentes caminhos a partir de diferentes pontos do texto. Para entender o funcionamento do hipertexto, é fundamental relacionar com a ideia de interatividade. “Um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras” (LÉVY, 1993, p. 33). A estrutura hipertextual não está apenas ligada a comunicação. O hipertexto seria uma metáfora para todas as esferas da realidade que tratam de significações. De acordo com o autor, o hipertexto pode ser caracterizado por seis princípios abstratos:

- Princípio da metamorfose: a rede hipertextual está em constante construção. Mesmo estável por certo tempo, sua composição estaria em jogo permanentemente;

- Princípio da heterogeneidade: os nós e conexões da rede não são homogêneas. Na memória do sistema hipertextual estão palavras, imagens, sons e formatos. Mas o processo prático de uso colocará em jogo pessoas, situações de contexto e proporcionará associações de todos os tipos entre os elementos disponíveis na rede;

- Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: cada nó ou conexão do hipertexto por ser identificado como toda uma rede;

- Princípio de exterioridade: a rede não possui unidade própria, pois sua composição (ou recomposição) depende de um exterior, a partir de outras conexões, outros elementos, outros indivíduos;

- Princípio de topologia: no hipertexto, tudo se conecta a partir de caminhos. A rede é o próprio espaço para se estabelecer as conexões possíveis nessa plataforma;

- Princípio de mobilidade de centros: a rede não possui um centro específico, mas vários centros possíveis. A cada nó, há uma ramificação infinita e nova, redefinindo o mapa do hipertexto.

Esse conjunto de palavras, textos, imagens é responsável por proporcionar a infinidade de nós possíveis no espaço. “Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira” (LÉVY, 1993, p. 33).

A passividade do leitor é uma característica que se opõe ao conceito de hipertexto. Segundo Santaella (2007, p. 310), “o hipertexto é eminentemente interativo. O leitor não pode usá-lo de modo reativo ou passivo. Ao final de cada página ou tela, é preciso escolher para onde seguir”.

Tal mudança no comportamento do leitor não acontece de forma isolada do

mundo exterior. Ela está inserida em um novo modelo de compreensão das relações humanas.

A descontinuidade das mídias não muda apenas nossa forma de pensar. Essa descontinuidade é perfeitamente homóloga aos modos contemporâneos de viver. Basta imaginar como se processa o cotidiano de uma pessoa em uma grande cidade, acompanhada de um celular conectado na internet, de um *notepad*, ou mesmo de um *notebook*, movendo-se no trânsito caótico, atendendo a compromissos disparatados (SANTAELLA, 2003, p. 97).

Essa não-linearidade da vida contemporânea reflete em sua forma de compreender o mundo ao seu redor. É a metáfora do mundo moderno, em que a linearidade não é visível aos olhos do indivíduo. Conforme Santaella (2007, p. 306), “a estrutura do conhecimento de cada indivíduo é idiossincrática, de modo que cada qual deveria estruturar a informação de maneira que lhe faça sentido”.

Nesse contexto, apresenta-se o texto, seja ele digital ou impresso. É a partir da linguagem que o indivíduo consegue criar sentido a respeito daquilo que vê. E tal sentido não é construído a partir de pré-definições lineares. Cada um possui seus próprios interesses, sua maneira de construir a realidade e se relacionar com os outros. Essa lógica é identificada por Lévy (1996, p. 44).

A abordagem mais simples do hipertexto que, insisto, não exclui nem os sons nem as imagens, é a de descrevê-lo, por oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto seria constituído de nós (os elementos da informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, ‘botões’ que efetuam a passagem de um nó a outro).

Essa infinidade de vínculos possíveis entre os diferentes nós possibilita ao leitor criar sua própria linha de raciocínio e compreensão a partir da possibilidade de leitura não-linear. De acordo com Santaella (2007, p. 308), o objetivo do hipertexto não é ser lido do começo ao fim, mas a partir das próprias escolhas do leitor, independentemente da ordem de apresentação no papel ou na tela. Os caminhos são múltiplos e, não raro, podem ser divergentes.

Bellei (2002) defende que mesmo a leitura textual possibilita a criatividade e a

definição de diferentes caminhos por parte do leitor, embora no hipertexto isso seja mais fácil e comum de existir.

Toda leitura, seja ela textual ou hipertextual, implica descoberta ou invenção de roteiros. A diferença é que o hipertexto, sendo estruturalmente um banco de dados dispersos, em que cada unidade de sentido já vem marcada para a conexão com outras unidades, torna natural e explícito o convite para a navegação aos saltos (BELLEI, 2002, p. 48).

Outro conceito importante ausente nesta lógica hipertextual de construção das ideias é a de hierarquia. Não há essa exigência no hipertexto. Nenhum elemento é preestabelecido como mais importante. É o leitor quem vai definir isso ao estruturar sua ordem de leitura e compreensão do texto. Os tópicos estão à disposição para serem encadeados da forma que o leitor considere a mais interessante para seu objetivo.

2.2 Cibercultura e o leitor imersivo

Com a evolução das plataformas de escrita, da madeira, do papiro, do pergaminho, do livro, as mudanças na sociedade e o passar do tempo, as leituras também mudaram. Com elas, mudaram os leitores. Na Idade Média e no período pré-industrial, a leitura acontecia em livros escritos à mão. Segundo Santaella (2004), a leitura tinha características estáticas, imagens fixas.

As condições de leitura eram muito regradadas. O livro passou a se disseminar de maneira lenta. Um dos poucos locais públicos de leitura era as bibliotecas. “Com a instauração obrigatória do silêncio nas bibliotecas universitárias da Idade Média central, a leitura se fixou definitivamente como um gesto de olho” (SANTAELLA, 2004, p. 20). A leitura silenciosa possibilitou ao leitor uma comunicação direta com o livro.

Mais tarde, com a prensa foi possível começar a ler impressos de forma individual, concentrada, criando, assim, novos hábitos intelectuais. Apesar desses avanços, o caráter industrial da impressão só viria no século XIX. O leitor nesse período é definido pela autora como contemplativo.

Mesmo depois de fixada a genealogia da nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos, continuaram existindo leituras em voz alta com sua dupla função: de um lado, comunicar o texto aos que não sabem decifrar, de outro lado, cimentar as formas de sociabilidade em espaços comunitários (SANTAELLA, 2004, p. 22).

Em geral, trata-se de um ato individual de leitura, uma atividade interior. O leitor tem diante de si próprio, signos fixos, algumas imagens, como se o mundo fosse o papel. Como estão parados no tempo e no espaço podem ser acessados a qualquer momento. Para Santaella (2007), entre os séculos XV e XIX foi a “era das letras”, uma vez que o texto dominava o processo de difusão do saber. “O livro impresso, feito de registros facilmente duplicáveis e transmissíveis transformou a informação em objeto transportável, rompendo com os mistérios do conhecimento reservado a poucos privilegiados” (SANTAELLA, 2007, p. 286). Assim, foi possível expandir a capacidade de leitura, o que proporcionou a democratização dos meios de produção e a disseminação de ideias, a evolução do conhecimento científico e a distribuição em larga escala desses registros.

No fim do século XIX, algumas mudanças sociais voltaram a acontecer e começou o período chamado de Revolução Industrial. Nessa fase, o leitor testemunhou a chegada do jornal em grande escala, o surgimento do rádio, da TV e mudou seus hábitos. O surgimento do telégrafo e da fotografia proporcionou um impulso ao crescimento do jornal, como suporte de informação. A evolução da prensa manual para a prensa mecânica também foi fundamental para disseminação do novo meio.

O texto que, no livro, era via de regra mantido na sua natureza monossemiótica, no jornal começou a adquirir propriedades intersemióticas presentes na diagramação, na variação de tamanho e forma dos tipos gráficos, nas relações indissociáveis entre texto e imagem, propriedades estas que, com o tempo, foram ganhando intensidade no próprio jornal assim como nas revistas e nos anúncios publicitários (SANTAELLA, 2007, p. 287).

A coexistência de diferentes linguagens e mídias provoca mudanças no próprio livro e, conseqüentemente, no leitor. O ato de ler deixa de ser estático, imóvel. O leitor movente, fragmentado de Santaella (2004), é aquele que surge em meio à sociedade do consumo, das metrópoles e da multiplicidade de imagens e registros.

Aquilo que realmente deu forma à experiência da modernidade foi a destituição crescente de todas as coisas de sua aura de valor. A roupa, o livro, o médico, o advogado e o poeta, tudo foi se transformando em mercadoria e com ela nasceu um novo tipo de percepção do mundo, cada vez mais voltada para a proximidade, para o imediato (SANTAELLA, 2004, p. 27).

A publicidade também surge em meio a essa nova comunidade. Com ela, o espetáculo, o luxo, o desejo explícito nas imagens. Esse novo leitor se ajustou a novos ritmos de percepção e de realidade. O leitor movente é o precursor do que viria a ser o leitor da era digital. É o leitor de formas, de cores, de volumes, sincronizado à aceleração da sociedade moderna.

Entre o século XX e o XXI surge o que muitos autores, entre eles Chartier (2007), definem como a revolução das revoluções. O mundo digital ou a “era digital”, conforme Santella (2004), possibilitou a convergência de formatos, conteúdos e plataformas em uma tela. A telecomunicação e a informática oferecem possibilidades antes não cogitadas.

O suporte principal dessa nova etapa é a multimídia, baseada na escrita hipertextual, acessíveis com o menor esforço. O mundo torna-se também virtual. Como abordado anteriormente, Chartier (2007) resgata que o mundo eletrônico propõe uma tripla ruptura, na divulgação do escrito, na forma de organização e na relação do leitor com esses conteúdos.

Lévy (1996) define este novo espaço como a cibercultura. De acordo com o autor, o virtual é composto por algumas características muito peculiares. Uma das principais é a organização hipertextual.

Consideremos primeiro a coisa do lado do leitor. Se definirmos um hipertexto como um espaço de percursos de leitura possíveis, um texto apresenta-se como uma leitura particular de um hipertexto. O navegador participa assim da redação ou pelo menos da edição do texto que ele ‘lê’, uma vez que determina sua organização final (LÉVY, 1996, 45).

Chartier (2002, p. 24) alerta que estaria aí uma das principais razões para a reconfiguração dos leitores, “que devem transformar seus hábitos e percepções”. Para o autor, essa nova posição de leitura “junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas” (CHARTIER, 1998, p. 16).

Sob a ótica de Chartier (2002), essa mudança de concepção é natural e obrigatória no mundo eletrônico. Nesse contexto, o leitor contemporâneo é obrigado a abandonar as heranças e o comportamento do passado. “O mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o ‘livro unitário’ e está alheio à materialidade do códex” (CHARTIER, 2002, p. 24).

O ciberespaço, tal qual existe hoje, nasce a partir de alguns princípios. Lévy (1999) reforça a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva como base fundamental desse novo mundo. “Para a cibercultura, a conexão é sempre preferível ao isolamento. A conexão é um bem em si” (LÉVY, 1999, p. 127), ou seja, o ciberespaço é capaz de criar novas redes e novos vínculos sociais.

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LÉVY, 1999, p. 130).

Tais comunidades mantêm uma forma de comunicação que não se baseia mais apenas em texto, definido historicamente como uma sequência organizada de signos linguísticos. Com a evolução das mídias, é possível considerar imagens, sons e vídeos como parte fundamental da leitura. Todos esses elementos compõem a hipermídia, a ser explorada na sequência.

2.3 O labirinto da hipermídia e a Web 2.0

O título desta seção toma emprestado um conceito amplamente difundido por autores que tratam da hipermídia, que nada mais é do que um emaranhado de caminhos formados por mídias diferentes, que proporcionam aos usuários caminhos a percorrer, sob livre escolha. É a metáfora do labirinto, conforme trata Leão (2005), concordando com o pensamento anterior de Chartier.

Pensar no leitor como um agente ativo – como um construtor de seu próprio labirinto – no processo de atualização da obra hipermidiática envolve mexer com antigos esquemas conceituais. Costumávamos pensar num tipo de obra em que os papéis de autor e leitor eram bem definidos e separados (LEÃO, 2005, p. 42).

Santaella (2007, p. 305) entende que a hipermídia é a união do hipertexto com a multimídia, que seria a soma de textos, sons e imagens variadas. Os conglomerados de informação aparecem unidos, tornando possível a navegação a partir de palavras-chave aleatórias. Elas constroem coletivamente o sentido. Sendo assim, “a linguagem digital nos arranca da inércia do repetível” (SANTAELLA, 2007, p. 296).

Da mesma forma, Bairon (2011) afirma com propriedade que a plataforma digital possibilita a imersão do leitor no texto. Ele pode entrar no escrito, seja em forma de texto ou de outra mídia. “Todos os participantes de ambientes de hipermídia são artesãos de textos e significados, a partir de textos que estão alhures, algures” (BAIRON, 2011, p. 36). O mesmo autor reforça que “com a linguagem da hipermídia, o que já era complexo no interior da relação entre texto/autor/leitor assumiu uma condição de contínuas especulações que estão sempre em construção” (BAIRON, 2011, p. 17).

Todavia, para Lévy (1996), essa é justamente a lógica hipertextual e hipermidiática, num suporte digital que permite leituras e escritas coletivas. Dessas redes digitais, “um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais” (LÉVY, 1996, p.43).

Justamente essa capacidade infinita de ligações é que faz apontar caminhos. Para Bairon (2011, p. 12), “as palavras transformam-se em Ícaros na frequente busca por um lugar para aterrisar”. A trajetória da leitura não é mais única, mas múltipla e superlativa.

Esse texto deve ser compreendido como uma galáxia de significante e, não, uma estrutura de significados; não tem princípio, mas diversas vias de acesso sem que nenhuma delas possa qualificar-se como principal. Os códigos que esse texto mobiliza se estendem até onde alcança a vista, pois são intermináveis, e os sistemas de significados só podem impor-se, nele, abosolutamente no plural, mas seu número nunca está limitado, já que está baseado na infinitude da linguagem” (BAIRON, 2011, p. 14-15).

Apesar dos avanços, Lévy (1996) resgata que a lógica de hipetexto e hipermídia não chega a ser uma novidade. A leitura de encilopédias impressas pode ser caracterizada como hipertextual, já que oferece índices, quadros e notas explicativas. Contudo, a

principal diferença é a velocidade com que os meios digitais proporcionam esses caminhos. “A pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó a outro, fazem-se nele com grande rapidez, da ordem de segundos. Por outro lado, a digitalização permite associar na mesma mídia e mixar finamente os sons, as imagens animadas e os textos” (LÉVY, 1996, p. 44).

Uma das principais plataformas em que a hipermídia se desenvolve, na essência do conceito, é a internet. Criada em 1969 com o nome original de ARPA (Advanced Research Projects Agency), era uma rede do governo norte-americano para interligar centros de pesquisa do departamento de defesa. Para Leão (2005, p. 22), “a Internet foi concebida como uma rede sem um ponto de comando central”. Todos os pontos teriam o mesmo poder de comunicação.

A Internet tem, como rede, uma grande capacidade de autogênese. Uma rede se forma e se transforma a cada momento. Diferentemente dos sistemas hierárquicos, do tipo árvore, no qual um tronco central mantém e sustenta seus ramos, quando falamos em redes, cada nó, cada ponto tem em si a capacidade de gerar uma outra. Supondo que um grande centro de pesquisas, fornecedor de dados da rede, fosse totalmente destruído, isso não implicaria em uma destruição da rede. Esta poderia voltar a crescer e a se desenvolver mesmo que só sobrasse um *site* ativo, pois, através desse *site*, outros poderiam ser criados e interconectados e a rede se reconstruiria novamente (LEÃO, 2005, p. 22-23).

Já a *World Wide Web* (WWW) corresponde à parte da Internet construída a partir da lógica hipertextual. O surgimento data de 1991, segundo Leão (2005), idealizado por Tim Berners-Lee, funcionário de um laboratório de pesquisas europeu. Segundo a autora, a Web baseia-se numa interface gráfica, oferecendo acesso a dados diversos, como áudios, vídeos, textos, animações.

O surgimento da rede facilitou muito a pesquisa, a troca de informações e conhecimento. A Internet aproximou quem estava longe e possibilitou interações instantâneas entre indivíduos em países e até continentes diferentes.

Pesquisar na WWW é ao mesmo tempo se encontrar nas multiplicidades e se perder; é avançar e recuar o tempo todo; é não mais separar e ao mesmo tempo, com todas as forças, tentar distinguir; é o ilimitado e o limitado que tentam se manifestar e se confundem (LEÃO, 2005, p. 25).

No mesmo ritmo e sentido, Bairon (2011) ressalta a dificuldade em definir autores e leitores nesse contexto. Para o autor, a responsabilidade de controlar o sentido textual não é mais do autor tradicional, mas repassada ao leitor. “Um dos fatores que deve nos deixar otimistas é o fim da ideia de recepção, embutida em quase todos os autores que recorrem às discussões filosóficas sobre o tema digital” (BAIRON, 2011, p. 31). A Internet, a partir do WWW, proporcionou mudanças no comportamento de quem lê e de quem escreve.

O modelo digital da compreensão hipermídia não pode ser lido ou compreendido como fazemos diante de um texto escrito, pois faz parte de sua própria essência o navegar de forma interativa, e, por vezes, temos de valorizar muito mais a aleatoriedade e o randomismo do que os nexos contruídos pelos autores” (BAIRON, 2011, p. 86).

Tal afirmação apenas reforça o que Lévy (1996) já havia antecipado: “o leitor em tela é mais ‘ativo’ que o leitor em papel: ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa” (p.40).

Defensor da interatividade nesse contexto digital, Xavier (2007) aponta que a evolução da Internet fez surgir o que ele considera a “segunda geração da internet” (p. 33). Os motivos dessa disseminação são vários, desde a chegada da banda larga até a queda nos preços dos produtos eletrônicos. O novo fenômeno é chamado pelo autor de Web 2.0. Essa nova fase levaria em conta muito mais as pessoas do que as tecnologias utilizadas: “trata-se de um novo paradigma de internet, cujo objetivo principal é gerar conteúdo proveniente dos próprios usuários ou alimentado por eles, tornando a experiência de navegação muito mais ‘viva’ e dinâmica” (XAVIER, 2007, p. 37).

A adaptação desses sujeitos a esse novo mundo seria tão natural, segundo Xavier (2007, p. 34), que “talvez eles nem percebam a diferença entre interagir com outros sujeitos mediados pelo computador remotamente e interagir meramente com um programa de computador”. A principal diferença da primeira para a segunda fase da internet, de acordo com o autor, é a maior capacidade de participação e intervenção dos navegadores na construção do conteúdo que deve ser disponibilizado na rede.

Xavier (2007, p.37) ressalta ainda que uma das principais potencialidades da rede é justamente desenvolver “a capacidade comunitária para a resolução de problemas e satisfação de necessidades [...] Em suma, a Web 2.0 é a internet feita por gente, não só por

sistemas operacionais e conglomerados corporativos”.

De acordo com Xavier (2007, p. 33), a segunda geração da internet, a Web 2.0, “tem despertado o interesse em observar a natureza da interação/interatividade e os modos de (hiper)leituras”. O leitor da tela não é apenas contemplativo, que segue a sequência estrutural de um livro. Santaella (2004) chama de leitor imersivo, virtual, que proporciona um modo totalmente novo de leitura,

distinto não só do leitor contemplativo da linguagem impressa, mas também do leitor movente, pois não se trata de um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como é o caso desse segundo tipo de leitor, mas de um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles (SANTAELLA, 2004, p. 33).

É o leitor conectado por nós e nexos (links) num roteiro em que todas as sequências são possíveis, basta que ele construa as relações. Para a autora, este leitor imersivo ainda é pouco conhecido, mas algumas evidências já começam a surgir em meio ao processo de leitura, que seria orientada hipermidiaticamente. “É uma atividade nômade de perambulação de um lado para outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa” (SANTAELLA, 2004, p. 175).

A partir desse conceito de leitor imersivo, envolvido diretamente com os “nós” já antecipados por Lévy (1996) ao contextualizar o hipertexto como ferramenta principal do mundo virtual e da cibercultura, Santaella (2004) faz uma subdivisão desta classificação de leitor, em três perfis cognitivos – a serem explorados na sequência: o internauta errante, o internauta detetive e o internauta previdente.

Capaz de ler e se comunicar através de uma tela, o usuário de computador, em geral, pode ser identificado como um leitor imersivo, capaz de entender o funcionamento no mínimo básico da cibercultura. Todavia pode ser perigoso e inadequado generalizar os usuários de internet, ignorando suas características próprias, habilidades com a navegação na internet e diferentes níveis de raciocínio.

Santaella (2004) faz um resgate da neurociência cognitiva para definir três perfis de usuários da internet, numa espécie de escala de conhecimento do ciberespaço. A divisão é baseada em três tipos de inferência do pensamento, abdução, indução e dedução. Cada uma dessas inferências, a grosso modo, ajuda a identificar o perfil do usuário da Web 2.0.

As diferenças específicas que se apresentam nos processos de navegação exibidos pelos novatos, pelos leigos e pelos expertos demonstram corresponder cada uma delas à dominância de um dos tipos de inferências. Os novatos exibem a predominância da abdução, os leigos, da indução, e os expertos, da dedução (SANTAELLA, 2004, p. 89-90).

Dessa forma, os internautas seriam classificados a partir desses conceitos: o *internauta errante*, que pratica a adivinhação na rede, o *internauta detetive*, que segue pistas e vai aprendendo a cada experiência, e o *internauta previdente*, que sabe o que quer e antecipa as consequências de suas ações.

Todos esses indivíduos identificados estão dentro de um contexto da Web 2.0. São usuários que já viveram a primeira fase da web, conhecida como a fase da publicação, cujos destaques eram os *browsers*, portais, *sites*, álbuns de fotos e *e-mails*, segundo Prado (2011). Avançaram para uma nova etapa, da cooperação, das redes de relacionamento, da escrita coletiva, da convergência das mídias e do webjornalismo coletivo. Hoje podem estar migrando para a Web 3.0, tratada por alguns autores, cujo conceito breve será visto no próximo tópico.

2.4 Web 3.0 e o futuro do leitor

A revolução causada pela internet já foi tratada anteriormente com a abordagem das novas possibilidades de escrita e leitura. O mundo virtual é uma plataforma em constante evolução.

Na fase inicial, tratada por Santaella (2010, p. 268) como Web 1.0, as práticas ficavam na ordem do “disponibilizar, buscar, ter acesso e ler”. Era uma fase em que a interatividade ainda engatinhava, enquanto os atores tinham uma postura menos intensa. Já na Web 2.0, as palavras de ordem são “expor-se, trocar, colaborar em atividades de interação que encontram suas bases em princípios de confiança e compartilhamento” (SANTAELLA, 2010, p. 268).

Depieri et al. (2011) resgatam que a Web 2.0 é a segunda geração de ferramentas e serviços disponíveis na internet, que viabilizam a ampliação da participação dos atores na rede. Esses indivíduos podem compartilhar informações e conteúdos on-line. Diferente da Web 1.0, a Web 2.0 é uma plataforma participativa. Com a Web 2.0, os usuários podem

não apenas “navegar” na Internet como usuários passivos, mas produzir e compartilhar suas produções em diversos formatos, como textos, apresentações, vídeos, áudios e aplicativos” (DEPIERI et al., 2011, p. 19-20).

É a possibilidade de colaboração, segundo Santaella (2010, p. 278), o avanço mais significativo da Web 2.0, que “estimula o trabalho participativo, a interação em tempo real e em que a informação disponível não é mais fornecida ‘de cima para baixo’” (SANTAELLA, 2010, p. 278). Depieri et al. (2011) aponta que as principais ferramentas da segunda geração da internet são serviços de mensagem, como o *e-mail*, *blogs*, fóruns, wikis (Wikipédia), redes sociais (Facebook, Orkut e outras), mecanismos de busca (Google, Yahoo!) e sistemas de conexão, produção, publicação e interação com fotos, sons, música, vídeos (podcast, videocast, Flickr, You Tube, Skype, Windows Live Messenger, Google Voice).

Todavia, como tudo nesse mundo virtual evolui e se transforma em uma velocidade cada vez mais expressiva, é inadmissível imaginar que a Web 2.0 será o limite da internet. Hoje, Santaella (2010) já fala em Web 3.0. Na terceira geração da internet,

os atributos se encontram na web semântica, que promete mudar ainda mais o modo como as redes são usadas, na exploração das possibilidades da inteligência artificial, nas aplicações modulares, na gráfica tridimensional, na intensificação da conectividade e da convergência tecnológica (SANTAELLA, 2010, p. 268).

O conceito é relativamente novo, portanto torna-se difícil traçar um desenho definido sobre todas as possibilidades que se abrem na Web 3.0. De qualquer forma, Santaella (2010) arrisca algumas facilidades que surgem nesse novo contexto. “As pessoas não precisarão mais refinar os termos da pesquisa. A Web 3.0 poderá fazer isso sozinha, ou seja, o motor de busca estreitará a pesquisa até o ponto de oferecer ao usuário o que ele realmente quer” (p. 72). As ferramentas de busca não se limitam a colher e buscar dados dispersos. Elas tornam-se capazes de processar as informações, com filtros que ajudam a produzir respostas mais eficientes.

Isso nos afastará das pesquisas por palavras-chave, pois a internet deixará de ser um mundo de documentos para ser um mundo de dados que descrevem dados. Extraídos da web, os dados serão apresentados de modo estruturado. Além disso, as páginas poderão ser lidas não só por pessoas, mas também por máquinas. Outro aspecto da Web 3.0 é o uso de gráficos animados, áudio e vídeos de alta definição, 3D, e muito mais, tudo isso dentro do *browser*. Em síntese: grande parte dos *websites* vão tornar-se *webservices* (SANTAELLA, 2010, p. 72).

Com tantos avanços significativos, fica evidente que a comunicação entre os homens tende a abrir cada vez mais os caminhos para novas possibilidades, especialmente nos seus grupos de interesse, buscando atender suas próprias necessidades.

É nesse contexto que surge um novo conceito diretamente ligado à evolução tecnológica. Embora o leitor imersivo seja o ator estudado nesta pesquisa, não se pode ignorar que a tendência é para o surgimento e consolidação de outro tipo de leitor, ainda de difícil classificação. Esse leitor da Web 3.0 estaria ligado ao conceito de ubiquidade, ou seja, a possibilidade de compartilhamento simultâneo de diferentes lugares.

Falamos em ubiquidade a propósito da comunicação móvel quando a continuidade temporal do vínculo comunicacional é assimilada a uma plurilocalização instantânea. Isso só é possível porque a afiliação à rede situa o usuário não mais em um espaço estritamente territorial, mas em um híbrido território/rede comunicacional (SANTAELLA, 2010, p. 18).

O conceito de ubiquidade é do fim da década de 80, segundo Ferraz e Messias (2011) e foi definido pela Xerox Palo Alto Research Center. O criador do conceito é apontado pelos autores como Mark Weiser, cientista chefe da empresa. “A computação ubíqua vai resolver o problema da sobrecarga de informações” (FERRAZ; MESSIAS, 2011, p. 5). Para Ferraz e Messias (2011), as máquinas estariam se adaptando aos humanos, ao invés dos humanos se adaptarem às máquinas: “a máquina que vai saber o que o usuário quer e irá servi-lo. Assim, o uso do computador será uma coisa tão simples que será imperceptível” (p. 5).

Nessa lógica da ubiquidade, podemos identificar o leitor ubíquo, capaz de comunicar-se durante seu próprio deslocamento. O leitor ubíquo estaria ligado à lógica da onipresença, ou seja, seria capaz de continuar suas atividades mesmo em outros lugares. Para Santaella (2010, p. 18), “a comunicação móvel está sendo apenas o primeiro sinal de um movimento progressivo do computador para além do desktop, rumo a novos contextos

físicos e sociais”. Tais interações interligam cada vez mais próximo os mundos físico e digital, por meio da inteligência computacional.

Impossível ignorar esses dois últimos conceitos tratados, a ubiquidade e a Web 3.0, por isso eles estão abordados de forma breve na etapa final desta seção. No entanto, uma vez que a pesquisa pretende investigar a presença do leitor imersivo nas plataformas interativas de jornalismo, como o blog, é sobre esses assuntos que o próximo capítulo do estudo se detém.

Nas próximas páginas, será possível compreender melhor como o jornalismo se apropria da evolução das tecnologias, como surgem os *blogs*, objeto deste estudo, e como leitores e blogueiros podem interagir mutuamente dentro desse contexto.

3. JORNALISMO E TECNOLOGIA: DA PRENSA AO BLOG

Quando os *blogs* começaram, eram como diários pessoais – e isso é notório –, aqueles diários de antigamente, escritos em papel, mas com alguns pontos diferentes: o anonimato e a possibilidade de receber comentários do que se escrevia, ou melhor, postava e a partir daí, interagir com os leitores, criando uma rede de identificação por assuntos e situações comuns a pessoas, muitas vezes distantes fisicamente. (Magaly Prado, 2011, p. 168)

Não foi apenas para o mundo dos livros que a prensa de Gutenberg foi decisiva. A invenção da tipografia pode ser considerada um dos marcos do surgimento da atividade jornalística, da forma como a identificamos nos dias atuais. Por volta do século XV, as mensagens eram transmitidas por viajantes. Era a forma encontrada para informar alguém, em outra localidade.

Segundo Miranda (2004), o momento histórico foi importante, pois a técnica como instrumento é fundamental para a produção. Mais importante do que a própria evolução do jornalismo, é entender como a sociedade evoluiu. A imprensa tem papel importante, de acordo com o autor.

De fato, não é exagero afirmar que Gutenberg causou uma revolução. Depois dele, vieram os impressos, que mudaram para sempre a forma de transmitir informações. Surgiram os folhetins, os jornais, as revistas. Mais tarde os meios massivos de comunicação, como rádio e televisão. Por fim, todas essas plataformas seriam vistas convergindo em um único suporte, a web, pano de fundo desta pesquisa.

Chega pois o ano de 1440. Segundo as crônicas de Colônia de 1499 “a admirável arte da imprensa” tinha nascido em Mogúncia-sobre-o-Reno, na Alemanha, através das formas férreas – os caracteres móveis metálicos –, que Gutenberg havia criado. Jean Fust, que havia ajudado Gutenberg na sua investigação, leva-o em 1455 a tribunal pedindo-lhe o capital emprestado, e dele, Gutenberg, pouco mais se sabe a partir de então... Sabe-se no entanto que o primeiro livro impresso – a Bíblia de 42 linhas – é de sua lavra. É conhecida exatamente como a “Bíblia de Gutenberg” (CÁDIMA, 1996, p. 65).

Cádima (1996) entende que o ineditismo da criação de Gutenberg mudou os rumos da sociedade contemporânea, passados mais de 500 anos. A tipografia substituiu a

palavra oralizada, modo de comunicação mais comum nos séculos anteriores. Após o surgimento da prensa, a oralidade do discurso é substituída pela mediatização, por meio da tipografia, uma vez que é possível a reprodução pública.

Para entender a noção de jornalismo, é preciso entender o conceito de *esfera pública*, um espaço social – imaginário – em que particulares e figuras públicas discutem questões de interesse social. Antes da imprensa, essas discussões ocorriam em ambientes públicos. Em função dessa necessidade de um espaço para tratar dos assuntos de interesse é que surge o jornalismo.

Aqueles particulares que discutiam questões de interesse público necessitavam da difusão das mesmas a fim de que outros sujeitos pudessem participar ou apoiar os debates. Ao mesmo tempo, houve uma proliferação desses grupos, requerendo algum veículo de comunicação que mediasse as múltiplas ideias. Esse veículo veio a consolidar-se na forma jornal que viabilizaria, com o passar do tempo, o surgimento do jornalista (MIRANDA, 2004, p. 17).

Dessa forma, para compreender a função dos meios de comunicação nesse contexto, é fundamental traçar uma linha histórica, desde o surgimento dos espaços públicos de discussão até chegar no estágio atual das plataformas digitais de comunicação, principal objeto deste estudo.

3.1 Evolução da imprensa

Não seria exagero afirmar que as redes sociais tiveram suas primeiras origens há mais de quinhentos anos, com a emergência da esfera pública burguesa. A prensa de Gutenberg pode ser identificada como a principal propulsora desse novo espaço de conversação. “A imprensa servia à burguesia para dar a conhecer ordens e disposições assim se convertendo os seus destinatários em público, muito embora a noção de público não seja também aqui, aliás como vimos, nova” (CÁDIMA, 1996, p. 72).

No entanto, o espaço público surge como a evolução de uma sociedade ansiosa por espaços conversacionais. Para Cádima (1996), a Antiguidade é repleta de exemplos. Na Grécia e na Roma Antiga, os suportes de escrita eram vários. Tábuas cobertas de cera, papiro, a pele e o pergaminho. “Num período em que precisamente a escrita se completa, é

interessante verificar que as formas embrionárias então emergentes que poderemos associar ao ‘jornalismo’ – tal como veio a ser conhecido na idade clássica -, existiram sobre suportes tão simples” (CÁDIMA, 1996, p. 80).

Os gregos anotavam em formato de almanaques as descobertas nas áreas de astrologia, curiosidades e costumes da época. Configuravam-se em plataformas com registros históricos.

Foi necessário esperar pelos antigos gregos para chegarmos a uma historiografia mais factual, e neste sentido mais “jornalística”, afastada das lendas, da religião e dos mitos, elaborada com intenção de verdade, com cânones expressivos importados da literatura, nomeadamente a exposição cronológica ou diacrónica (modus per tempora). Além de nos ter legado a literatura como hoje a concebemos e conhecemos, a civilização helénica foi também, efetivamente, a grande responsável pela alteração da forma de narrar e fixar para a posteridade os acontecimentos relevantes do passado e do presente, influenciando, por essa via, a génese e desenvolvimento do jornalismo moderno e contemporâneo (SOUZA, 2009, p. 23).

É fato que algumas características fundamentais que definem o jornalismo apareceriam mais tarde. No entanto os Romanos também traçaram algumas linhas do que viria a ser consolidado após a invenção de Gutenberg. Na Roma Antiga, muitos fatos de interesse público eram registrados nas *Actas Publicas*. De acordo com Cádima (1996), as *Actas* eram afixadas nas paredes dos palácios nas principais regiões da cidade. Configuravam-se em relatos da vida romana divulgadas em locais de grande circulação da sociedade. “Os *actuarii*, que redigiam e reproduziam essas informações, da necrologia aos incêndios, das execuções à sexualidade, eram, por assim dizer, autênticos ‘noticiaristas’” (CÁDIMA, 1996, p. 80).

Souza (2009) aponta que algumas características equiparam as *Actas Romanas* aos jornais contemporâneos. Entre elas estariam:

1. Periodicidade mais ou menos regular, presumivelmente quotidiana em algumas fases;
2. Frequência da publicação;
3. Conteúdos multifacetados de carácter noticioso (a notícia é o núcleo da informação);
4. Corpo de escribas (os diurnarii ou actuarii, “primeiros jornalistas”) destinado exclusivamente à redacção das Actas (o Código de Teodósio faz-lhes referência e procura regular a sua função, sendo a primeira manifestação de controlo jurídico dos profissionais da informação);
5. Difusão pública da informação;
6. Difusão à distância e, dentro das circunstâncias, “massiva”;
7. Uso de diferentes suportes para a mesma mensagem (jornal de parede e jornal manuscrito, presumivelmente em papiro);
8. Iniciativa editorial do estado e também de particulares (abertura da publicação de actas à iniciativa privada, como se de uma empresa jornalística se tratasse). (SOUZA, 2009, p. 42-43).

De qualquer forma, embora gregos e romanos tenham praticado alguns indícios do que séculos depois seria denominado jornalismo, a evolução para estágios mais avançados foi lenta e gradual. Durante a Idade Média, com o fim do Império Romano, o poder bárbaro tomou as áreas dominadas anteriormente pelos romanos. Assim, a cultura e a informação ficaram restritas. Como visto no capítulo anterior, o poder da escrita passou para as mãos dos religiosos, o que também impactou nessa evolução. Os monges beneditinos passaram a ter o domínio da escrita, reproduzindo textos clássicos e trechos das escrituras sagradas. O que antes estava nas mãos do Império Romano, agora passava a ser dominado pela Igreja. “A língua literária medieval acaba por ser uma *mise em forme* do idioma vernáculo. E da mesma forma que o contacto entre senhorios feudais e trocas comerciais se tornam difíceis por essa altura, também a notícia, e a circulação da informação o são” (CÁDIMA, 1996, p. 81-82).

A notícia só voltaria ter real interesse social muito tempo depois, por volta do século XIV. Esse período é classificado como pré-gutenberguiano, de acordo com Cádima (1996). “Desde o século XIV que a notícia se torna um verdadeiro comércio. Os *nouvellistes* começaram por ser uma espécie de ‘escribas’ dos príncipes e mercadores da época” (CÁDIMA, 1996, p. 82). De acordo com o autor, alguns serviços regulares de correspondência manuscrita são adotados, além de serem os responsáveis por folhas volantes, uma espécie de jornalismo pré-tipográfico.

Chega-se então ao século XV e, com ele, a prensa de Gutemberg, o que mudaria os rumos da sociedade contemporânea. Para Miranda (2004, p. 15), “esse momento histórico foi importante, haja vista o fato de que a técnica como instrumento é essencial para a produção. Então, tem-se aí a primeira grande etapa das tecnologias da

comunicação”. A reprodução pública dos escritos torna-se possível. “A invenção de Gutenberg não permitiu apenas a veiculação de textos, mas ampliou o processo de reprodução, abrangendo imagens, gráficos, esquemas, necessários a diferentes áreas do conhecimento” (WESCHENFELDER et al., 2003, p. 11-12).

Alguns autores não tratam como uma invenção, mas um aperfeiçoamento já existente. De acordo com Gaspar (2004), a prensa era “conhecida e utilizada para cunhar moedas, espremer uvas, fazer impressões em tecido e acetinar o papel” (p. 1), mas nem por isso tem menor importância na evolução dos formatos de comunicação e do jornalismo.

Era meados de 1400, período em que espanhóis e portugueses lançavam-se ao mar em busca de novos territórios. O invento de Gutenberg (réplica Figura 1) e as grandes navegações marcavam a transição da Idade Média para a Idade Moderna. A prensa tinha custo relativamente alto por ser um equipamento ainda raro e mantinha-se em círculos mais restritos da sociedade da época.

Figura 1 – Réplica da prensa de Gutenberg



Fonte: http://blogosferados.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html - Acesso em: 08 set. 2014.

A possibilidade de multiplicar os escritos afetou não apenas a forma de escrever, mas também agitou uma revolução cultural na sociedade da época. “A tipografia não marca apenas uma evolução, mas, sobretudo, uma ruptura cultural profunda da qual resultam consequências cumulativas. Não há dúvida pois que em causa está o repensar de toda a modernidade” (CÁDIMA, 1996, p. 66).

Os efeitos práticos do surgimento da imprensa demoraram a aparecer, segundo Gaspar (2004). “No século XVII a maioria da população não habitava na Europa e não estava ciente que nessa altura decorria uma Revolução Científica” (p. 2). De acordo com o autor, a população feminina ainda não participava da sociedade, enquanto que grande parte dos homens era iletrada.

No entanto parece ser consensual que, já nessa altura, a possibilidade conferida pela imprensa para a replicação de documentos, assumiu um papel preponderante no desenvolvimento e divulgação do conhecimento científico, não obstante este se ter mantido ainda de certa forma limitado a círculos mais ou menos restritos da sociedade da época (GASPAR, 2004, p. 2).

O século XVII é marcado por uma forte presença da opinião pública ativa, capaz de proporcionar revoluções futuras. Segundo Cádima (1996), “a importância da imprensa na vida cultural e política pré-revolucionária e pré-constitucional da Europa é assim inegável” (p. 83). Por isso, pode ser considerado o “grande século do jornalismo”, marcado pela atuação de escritores e pela forte presença da opinião. Tratava-se de um período de transição. A carta ainda possuía o peso de ser a fonte de notícias mais segura e rápida. Mas o surgimento das gazetas reforça a ascensão do jornalismo. “O aparecimento das gazetas permite afirmar que o jornalismo noticioso é uma invenção europeia dos séculos XVI e XVII, com raízes remotas na antiguidade clássica e antecedentes imediatos na Idade Média e no Renascimento” (SOUZA, 2009, p. 80).

Por ora, é fundamental ratificar que as primeiras gazetas estavam associadas ao poder central dos monarcas e à censura, o que demandou certo tempo para consolidação do novo veículo. De acordo com Souza (2009), algumas gazetas tinham tendências editoriais. “incluíam também notícias ‘orientadas’ e ‘seleccionadas’ para servirem determinadas causas, excertos argumentativos, opinativos e persuasivos, por vezes simplesmente propagandísticos” (SOUZA, 2009, p. 80).

A quantidade de conteúdo publicado por meio dos tipos móveis é significativa. Conforme Cádima (1996), no século XVIII, o número de publicações já era muito maior que nos séculos anteriores. Sob o mesmo aspecto, Souza (2009, p. 75) referenda tal importância.

A sociedade, sujeita a transformações, instabilidade e mudanças, necessitava de informação. Por isso, havia não só receptividade para as notícias, mas também matéria-prima informativa suficiente para sustentar o aparecimento dos primeiros jornais “eminente jornalísticos”, correntemente denominados gazetas, nome que deriva da moeda veneziana “gazeta”, quantia paga para se ouvirem as notícias das folhas volantes e dos primeiros jornais em actos de leitura pública. Esses primeiros jornais, ou gazetas, na sua essência, correspondem a uma evolução do conceito de “livro noticioso” para uma publicação mais frequente, muito menos volumosa, de menor custo e com notícias mais actuais.

Conhecido como o Século das Luzes, o século XVIII teve grande disseminação dos jornais impressos. “Os jornais passam a ter foco na redação das notícias, transformando o jornalista em um agente formador e vendedor de opinião pública” (SOUZA, 2009, p. 84). Foi o século marcado pela Revolução Francesa. Era período em que a esfera pública como espaço público se consolidava.

É o espaço do debate e do uso público da razão argumentativa. Concretizava-se, inicialmente, na vida social, nos debates racionais sobre política, economia, assuntos militares, literatura e artes que ocorriam nos cafés, clubes e salões, bem ao gosto do espírito iluminista. Era um espaço público “físico”, à semelhança do fórum romano e da ágora grega. Porém, a explosão da imprensa transferiu para os jornais e revistas os debates que anteriormente se desenvolviam nesses lugares. A imprensa tornou-se, assim, a primeira grande instância mediadora na configuração do espaço público moderno, um espaço público mais “imaterial” e “simbólico” (SOUZA, 2009, p. 89-90).

Foi nesse mesmo período que o jornalismo apareceu nas Américas, inicialmente pelos Estados Unidos. Para Souza (2009), o modelo ocidental de jornalismo, baseado em muito no modelo britânico, surgiu alicerçado nos princípios da liberdade de expressão, pois “preconiza que a imprensa deve ser independente do estado e dos poderes, tendo o direito a reportar, comentar, interpretar e criticar as atividades dos agentes de poder” (SOUZA, 2009, p. 195).

No Brasil, o início da atividade jornalística é datado do começo do século XIX. Segundo Hohlfeldt e Valles (2008), a primeira tentativa foi no Recife, em 1706, data e local em que tentou-se uma tipografia para imprimir orações. “Outras tentativas ocorreriam até o ano de 1808, quando foi lançado o jornal oficioso *Gazeta do Rio de Janeiro*, um pobre papel impresso, preocupado quase que tão somente com o que se passava na Europa” (p. 69).

Essa primeira etapa do jornalismo nacional, conforme apontam os autores, é

dominada por impressos opinativos chamados de *pasquins*, panfletos políticos sem grande compromisso com a verdade (p. 71). Tais noticiosos duram até fim do século, quando a própria sociedade brasileira passa por uma transformação. As políticas que buscam o fim da escravidão e a proclamação da República estão entre esses momentos definitivos, de acordo com Hohlfeldt e Valles (2008). Quando os *pasquins* entram em decadência, a imprensa nacional consolida-se. Algumas alterações administrativas são executadas e o jornal passa a ter caráter mercantil.

Nesse mesmo sentido, surgem, ao longo das primeiras décadas do século XX, periódicos como O Globo, Folha de São Paulo e Gazeta Mercantil, além da revista O Cruzeiro que, durante o século, viriam a se consolidar, não somente enquanto jornais, mas também como empresas jornalísticas (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p. 73).

Os anos de transição entre os séculos XIX e XX são fartos em novas publicações periódicas, como o *Correio do Povo*, o *Correio da Manhã*, o *Diário Popular*, o *Jornal do Comércio* e o *Diário de Notícias*. Com a chegada dos anos 30, o jornalismo político-opinativo passou a ficar de lado, cedendo espaço para o jornalismo empresarial.

Também é período de disseminação do rádio, recém inventado. Se a primeira transmissão radiofônica do Brasil aconteceu em 1922, nas comemorações do centenário da Independência do país, foi na década seguinte que o veículo passou a tratar de jornalismo, fortalecendo a oportunidade de comunicação com a estreia do *Repórter Esso*, um noticioso que fica no ar de 1941 a 1968, segundo Moreira (1991, p. 26).

Aproveitando o bom momento do rádio, a televisão surgiu no país no início dos anos 50. A exemplo do meio radiofônico, o equipamento era caro e demorou a se disseminar. Segundo Squirra (1990), “a televisão não revolucionou a informação, ela trouxe um elemento importante, que é a imagem instantânea e seu grande poder de comunicação” (p. 50). Foi nesse ponto que o novo veículo se destacou sobre os demais que existiam até então, uma vez que a televisão apresentou a capacidade de reforçar seu texto com as imagens.

O jornalismo na televisão iniciou com um programa chamado *Imagens do Dia*, que nasceu na TV Tupi de São Paulo, em 1950, e foi ao ar dois dias depois que a emissora havia sido inaugurada (MATTOS, 2002, p. 85). Essa forma um tanto desorganizada de tratar o jornalismo começou a mudar com a chegada do *Repórter Esso*, que estreou em 1º

de abril de 1952. No rádio, o programa tinha sido idealizado “para a propaganda de guerra dos Aliados, no Brasil, no período da Segunda Guerra. [...] Tido como um marco do telejornalismo brasileiro, sua experiência vitoriosa foi repetida em todas as emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand” (MATTOS, 2002, p. 85). O programa ficou no ar durante mais de 18 anos.

Embora sejam veículos com inúmeras características e especificidades próprias, “a chegada do rádio e da televisão acrescentou ao escrito a valorização do audível e do visível transformando a civilização dos conceitos numa civilização da imagem. O surgimento da internet está proporcionando uma nova etapa o comprometimento do homem com a realidade que vê, passando a representá-la virtualmente” (WESCHENFELDER et al., 2003, p. 11-12).

A internet emerge em meio a esse novo contexto. Segundo Miranda (2004), a internet passou a ser explorada comercialmente em 1987 nos Estados Unidos, mas, no Brasil, apenas em 1995. Uma das grandes vantagens dessa nova plataforma é a capacidade de convergência dos conteúdos jornalísticos. “Para além do tripé clássico do jornalismo – imprensa, rádio e televisão –, inclui-se um quarto meio de comunicação (que também pode ser chamado ‘internet’), que possui a capacidade tecnológica de incorporar os outros três” (MIRANDA, 2004, p. 20).

O perfil do profissional que atua no jornalismo também muda com essa nova oportunidade. “O jornalista na Web organiza um tempo que não existe mais” (MIRANDA, 2004, p. 27). O processo de edição, comum na prática jornalística, muda de sentido. Não há mais fechamento diário, a prática do acabamento torna-se dispensável, uma vez que a plataforma está aberta o tempo todo.

A introdução do conceito “tempo real” (TR) ampliou essas preocupações. Antes, ainda nos anos 80 do século passado, ocorreria o deslocamento da ideia de “notícia” para a de “informação”. Assim os jornais passariam a ter o compromisso de não mais simplesmente difundir notícias, mas de fornecer permanentemente informações. O *leitor* de notícias passaria a ser tratado como cliente, *usuário* da informação (MIRANDA, 2004, p. 28).

Se a forma de fazer jornalismo mudou com a internet, a linguagem também se altera. Ela muda em cada suporte. As linguagens do impresso, do rádio e da televisão são muito diferentes da nova mídia, segundo Prado (2011). Vídeos, áudios, imagens misturam-

se ao texto nos portais de jornalismo. “O modo de fazer jornalismo – já que não temos um verbo ‘jornalistar’ (e também porque jornalismo não é somente escrever, não é apenas informar, só noticiar etc.) – muda conforme a plataforma utilizada”.

É para este espaço que migram diferentes produtos jornalísticos tradicionalmente enraizados em outras plataformas. É o caso das colunas e seus colunistas de jornais, que passam a escrever em páginas próprias no ambiente virtual. Os *weblogs* surgem nesse contexto e é sobre eles que este estudo trata na próxima seção.

3.2 Diários, *blogs* e jornalismo

O jornalista traz para o meio digital a história consolidada em outras plataformas. Os *sites* mais conhecidos e com maior credibilidade são os que apresentam um nome conhecido, capaz de transferir para o ambiente virtual a credibilidade e a confiança conquistadas no passado, tal qual os profissionais. A interação acontece entre pessoas que não se veem materialmente, mas que estão expostas a unidades de informação na forma de texto, imagem ou áudio.

Um fenômeno ocorrido especialmente nos Estados Unidos ganhou o mundo do jornalismo. Grandes mídias tradicionais começaram a sofrer com crises e dificuldades financeiras na última década. O jornalismo precisava de uma alternativa. E o principal meio de aposta foi o ciberespaço, segundo Hewitt (2007). Profissionais, descontentes com o rumo de suas carreiras de empregados, decidiram investir no ambiente virtual. Jornalistas passaram a adotar uma plataforma em expansão, com custo baixo e de grande repercussão. Era o início dos *weblogs* – popularmente conhecidos por *blogs*. Seria uma espécie de diário mantido na internet. De acordo com o autor, o primeiro blog surgiu em 1999. Em 2007 chegava a quatro milhões de *blogs* em todo o mundo. Inicialmente, os assuntos mais tratados eram política e jornalismo de guerra.

Não importa o que você é ou o que você faz: todo o mundo da informação nos Estados Unidos passou por uma grande revolução, e essa revolução está se estendendo a todos os cantos do planeta. Hoje, todo mundo é um jornalista em potencial, incluindo seu assistente e o *Office-boy*. Qualquer um pode ter um blog e um celular para tirar uma foto sua (HEWITT, 2007, p. 10).

A origem dos *blogs*, de acordo com Silveira (2010), está nos diários íntimos. Durante muitos séculos, mulheres adotavam esse recurso para guardar pensamentos e memórias. Um dos primeiros diários, de acordo com a autora, é de Anne Frank, menina de 13 anos que registrou os horrores vividos durante a perseguição dos nazistas aos judeus durante a década de 40. “Muito tempo depois da escrita do diário de Frank, [...], os diários tradicionais de papel deixaram de ser usados, surgindo em um novo suporte, com diferentes temas e funções” (SILVEIRA, 2010, p.46).

Eram os *weblogs*, mistura de web (página da internet) e log (diário de bordo), popularizado com o nome de *blog*. Os *blogs* tornaram-se conhecidos a partir de 1999, com o sistema *Blogger*, do Google, que hospedava páginas de forma gratuita na rede. Para Rezende (2008, p. 67), “a expressão teria sido usada pela primeira vez pelo norte-americano Jorn Barger, ainda nos últimos anos do século XX. A origem etimológica revela, portanto, que o blog é uma produção pessoal para ser publicada na internet”.

Segundo Silveira (2010), no início eram cerca de 23 páginas registradas na internet.

Os diários tradicionais sempre segredaram os mais profundos sentimentos e declarações pela vontade de seus donos de desabafar, aliviar seu interior, guardar fatos como lembrança ou até como alerta para que, em acontecimentos vindouros, as coisas sucedam-se de forma distinta, não esperando que alguém leia ou – muito pelo contrário – desejando que tudo fique guardado (muitos diários chegavam a trazer pequenos cadeados para que nada ‘escape’ das páginas). Transpondo este tempo, nos diários virtuais, entretanto, há uma visível necessidade de ser lido, de que o leitor compartilhe seus pensamentos (SILVEIRA, 2010, p. 48).

Beiguelman (2005) lembra que o blog define um *site* sem finalidades comerciais que pode ser pessoal ou comunitário, com registros atualizados frequentemente. Foi em 2002 que passaram a chamar atenção da mídia tradicional, já que 41 mil novos *blogs* eram criados por mês (BEIGUELMAN, 2005, p. 69).

De acordo Bitencourt (2008), o blog permite que as pessoas escrevam sobre qualquer conteúdo de seu interesse, mas normalmente os textos vêm acompanhados de “figuras e sons de maneira dinâmica e fácil, além de outras pessoas poderem colocar comentários sobre o que está sendo escrito” (BITENCOURT, 2008, p. 3).

As temáticas dos *blogs* são diversas e partem de um desejo pessoal de publicar para ser lido. Segundo Rezende (2008), são milhões de usuários com usos diversos, desde

diários de adolescentes, passando por pregação religiosa, culinária, relatos de garotas de programas, sistemas de atendimento ao consumidor, jornalismo e até publicações acadêmicas. “A proliferação levou ao que se denomina blogosfera, termo cunhado para abarcar a totalidade dos usos sociais” (REZENDE, 2008, p. 67).

Para que uma página possa ser classificada como blog ela deve preencher algumas premissas básicas, segundo Beiguelman (2005, p. 70), tais como:

- 1) Todo blog expressa a opinião de seu autor sobre um determinado tema ou sobre vários;
- 2) O conteúdo deve aparecer retrospectivamente (primeiro, os mais recentes);
- 3) Blog que faz jus ao nome tem muitos links externos, apontando para os logs (acessos) que seu autor gerou por aí e que, por sua vez, geraram, direta ou indiretamente, a motivação para que escrevesse e publicasse alguma coisa lá no seu blog;
- 4) Ninguém paga para acessar um blog;
- 5) Blog baseia-se em independência e compartilhamento e, por isso, é o futuro da comunicação.

Rezende (2008, p. 68) segue premissas semelhantes para classificar as páginas como *blogs*. “Os *blogs* têm uma estrutura própria que ajuda a dinâmica de publicação, expõe ideias em ordem cronológica e apresenta ferramentas que os tornam ambientes de conversação”. Para o autor, as páginas anteriores não eram ágeis na publicação dos conteúdos, enquanto o blog tem na agilidade um de seus principais diferenciais no espaço virtual.

Uma analogia aos *reality shows* também pode ser feita, segundo Beiguelman (2010). De acordo com a autora, “além das diferentes áreas de interesses [...], a ânsia por ver (ler) a intimidade alheia e de notar o quanto esta se aproxima ou confirma sua própria analogia e pensamentos, seria um dos principais propulsores para o acesso de *blogs*” (BEINGUELMAN, 2010, p. 50).

Em *Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo*, uma das poucas obras publicadas sobre *blogs*, tais plataformas seriam a evolução de modelos ultrapassados. “Velhos hábitos estão caindo. Primeiro os noticiários a cabo, depois as versões on-line da velha mídia, e agora os *blogs*, no espaço de poucos anos. Cada um desses veículos se chocou contra hábitos consolidados” (HEWITT, 2007, p. 16-17).

Para alguns autores, os *blogs* trouxeram à tona a essência do jornalismo antes de sua profissionalização. Beiguelman (2005, p. 71) aponta nesse sentido: “Há quem diga que

os *blogs* são o marco de um ‘retorno ao jornalismo amador, criado pelo amor à escrita e sem expectativa de retorno financeiro’”. Porém, não se pode ignorar que esse jornalismo independente tem chamado a atenção de especialistas.

Enquanto a nova plataforma permitiu a independência de alguns jornalistas, é fundamental apontar que os *blogs* têm recebido reconhecimento da própria mídia convencional.

Aqui no Brasil o blog de Ricardo Noblat é citado com relativa frequência por políticos e jornalistas. Além disso, formatos híbridos, como o ‘Blog do Tas’, misturam mídias como programas de TV e Internet, abrindo espaço para discussão de temas com os espectadores, e apontam para um crescente papel dessa ferramenta no âmbito da convergência das mídias (BEIGUELMAN, 2005, p. 72 -73).

Em meio a tantas páginas de autores diferentes, por vezes fica difícil identificar o perfil de quem está escrevendo. Um blog jornalístico não precisa ser feito, necessariamente por um repórter. É o que Silveira (2010, p. 52) classifica como um “jornalismo de ensaio, já que o blogueiro não é exatamente um repórter, mas alguém que noticia e comenta algo que está em voga no momento, e/ou um tema que possivelmente interessaria e entreteria seu leitor, sempre em tom de informação”. Conforme a autora, há exceções, como o *Blog do Noblat*, porém Noblat já era um repórter conhecido antes de começar a escrever na internet, no seu “diário virtual”. É inegável apontar que a experiência nas mídias tradicionais refletiu no trabalho de blogueiro.

É consenso entre os autores da área que, na última década, a “blogosfera” evoluiu num ritmo acelerado. Segundo Hewitt (2007, p. 21), “há excelentes oportunidades entre centenas de milhões que precisam olhar além da TV para perceber que há um acesso mais rápido, mais específico, mais emocionalmente satisfatório à informação. A blogosfera tem a ver com confiança”. Para quem trabalha nesse meio, é fundamental compreender esse fenômeno.

Como ninguém tem tempo para entender tudo, precisamos confiar em intermediários. Todos nós concordamos que isso é verdade com relação à medicina; já com relação às finanças, ficamos tranquilos se confiamos dinheiro a um corretor ou compramos uma apólice com um vendedor de seguros; para a elaboração de um testamento, depositamos nossa confiança no advogado envolvido. E a lista continua (HEWITT, 2007, p. 22).

Segundo Hewitt (2007), uma forma de garantir sucesso como blogueiro é saber entender o meio, a blogosfera. Conforme o autor, o responsável pelo blog deve manter contato com seu público, mostrando-se útil.

Miranda (2004, p. 27) já apontava que o perfil do jornalista iria mudar com o avanço das plataformas digitais. “O jornalista na web organiza um tempo que não existe mais”. Além disso, precisa se preocupar com um leitor que não está em um local definido.

É baseado nesse novo espaço de comunicação que este estudo avança para a próxima seção, onde são abordadas as mudanças na produção jornalística e a interação com o leitor.

3.3 As novas relações de produção jornalística e a interação com o leitor

É com a analogia de um astronauta que Bilton (2013) encerra a recente obra publicada sobre a história do *Twitter*, um microblog, criado em meados dos anos 2000, que conta hoje com mais de 300 milhões de usuários em todo o mundo. Conforme o autor, um astronauta flutuando pela nave espacial seria capaz de se comunicar com pessoas a quilômetros de distância, na Terra. “Ali ele conversa com milhões de pessoas que estão flutuando a milhares de quilômetros de distância. Pessoas que podem falar com ele mas não podem tocá-lo. Pessoas que podem fazer com que ele se sinta um pouco menos solitário” (BILTON, 2013, p 307).

A afirmação desse autor reforça o que Silveira (2010) já havia identificado. Nos *blogs*, sejam eles convencionais ou *microblogs* como o *Twitter*, uma relação se estabelece entre leitores e blogueiros, não apenas na tradicional forma de comunicação emissor-receptor.

No mundo da blogosfera, os leitores leriam os *posts* diariamente por sentirem-se próximos ao que o autor escreve e, quando estes não escrevessem, fariam a ‘opressão’ ao pedir que escrevam. Há muitos relatos de blogueiros que se sentem oprimidos pela obrigação (SILVEIRA, 2010, p. 50).

Essa constatação reforça o que Lévy (1999) já havia identificado. Para o autor, três princípios orientaram o crescimento do ciberespaço: a interconexão, a criação de

comunidades virtuais e a inteligência coletiva. “Para a cibercultura, a conexão é sempre preferível ao isolamento. A conexão é um bem em si” (LÉVY, 1999, p. 127).

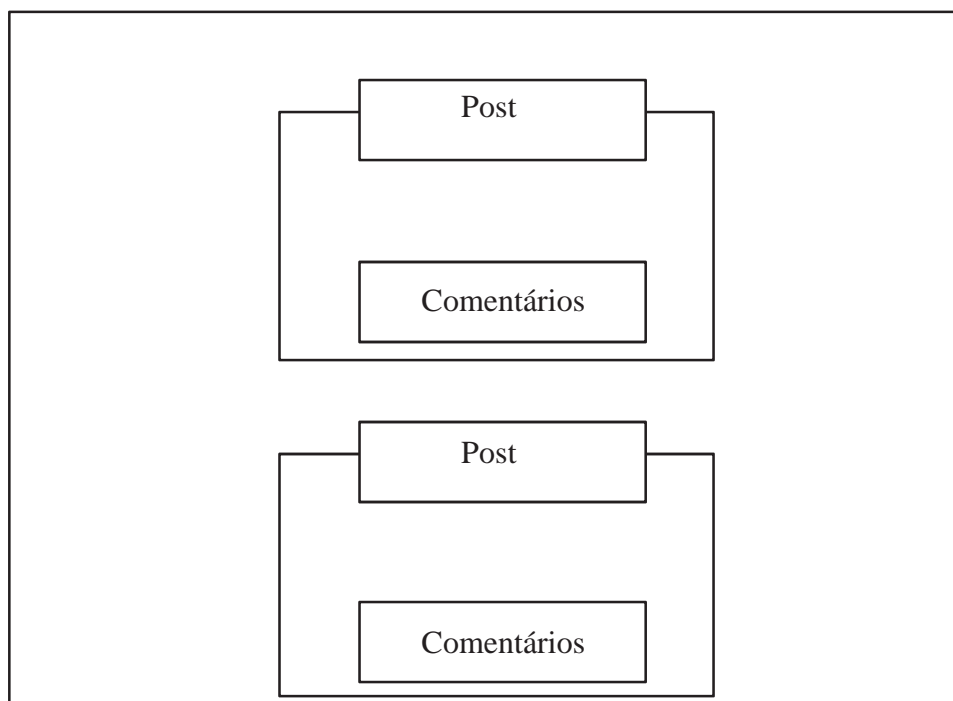
O blog é uma plataforma de escrita em que uma das principais características é a colaboração de leitores com os autores. Segundo Bitencourt (2008), o blog é uma ferramenta colaborativa em que os conhecimentos são construídos cooperativamente. “Pode ser utilizado como um laboratório de escrita virtual onde todos os membros possam agir, interagir e trocar experiências sobre assuntos de mesmo interesse” (BITENCOURT, 2008, p. 2).

Dessa forma, a Web 2.0 parece transformar o modo de fazer jornalismo, motivado por possibilidades até então não imaginadas, segundo Santaella (2010).

A chegada da Web 2.0 e suas principais ferramentas nos introduziram na era da comunicação colaborativa, que estimula o trabalho participativo, a interação em tempo real e em que a informação disponível não é mais fornecida ‘de cima para baixo’, mas produzida em uma estrutura horizontal. [...] Isso não significa abdicar da gestão, mas pensá-la na base da multiplicidade, da diversidade em ambientes de pouca hierarquia, regidos muito mais pela emergência e auto-organização do que pela coerção (SANTAELLA, 2010, p. 278-279).

Nesse novo espaço, percebe-se que as conexões possíveis entre autores e leitores contribuem para alterar a forma de produção. Segundo Santaella (2010), os *blogs* são a prova dessa nova possibilidade, assim com as redes sociais coletivas. “Apesar de ser construído como um espaço pessoal, pode ser transformado em uma rede social por meio dos comentários e dos links” (SANTAELLA, 2010, p. 274). Além disso, a popularidade de um veículo ou de um jornalista fica evidente a partir dos comentários e do número de visitas a cada página.

Na Figura 2 apresenta-se a estrutura básica dos *blogs*. Em geral, as páginas são padronizadas, com o *post* (abreviação de postagem), ou seja, o texto do autor, sempre no alto da caixa de texto, enquanto que o espaço de comentários dos leitores aparece sempre abaixo das considerações do blogueiro.

Figura 2 – Estrutura básica de um blog

Fonte: Elaborada pelo autor.

Lidos por um público fiel aos interesses comuns, muitos *blogs* acabam criando ícones a partir de publicações. O blogueiro mais lido torna-se personalidade, segundo Silveira (2010, p. 52), pois “o blogueiro que é acessado diariamente por milhares de pessoas e que também acessa outros *blogs* torna-se, voluntariamente, uma celebridade instantânea e um leitor midiático insaciável”. Segundo a autora, leitores e blogueiros viveriam em uma comunidade “de irmãos”, centrada em temáticas e gêneros de interesse comuns a todos.

E a participação dos leitores não é levada em conta apenas no momento de mensurar a influência numérica deles para determinada página. De acordo com Silveira (2010), a presença do leitor através de comentários influencia na escolha dos temas e enfoques tratados nas páginas.

Parece inegável, contudo, que o gosto do leitor, de quem vai acessar o *blog*, acabe pesando na escolha do autor por determinado assunto, uma vez que ele sente a necessidade de ter um público leitor que acesse sua página diariamente e que interaja ao comentar e deixar suas impressões (SILVEIRA, 2010, p. 52-53).

Uma vez que muitos *blogs* são feitos por jornalistas, torna-se impossível não relacionar a rotina produtiva a outras mídias tradicionais. Silveira (2010) aponta que as páginas remetem a colunas de jornal, com escritas diárias, com leitores assíduos que comentam. A diferença apenas é o meio utilizado. Enquanto que nos jornais os jornalistas recebiam cartas, telefonemas ou *e-mails*, nos *blogs* a participação é feita por meio de comentários na própria página, ou seja, a plataforma é a mesma para ambos: a tela.

Primo (2006) reforça essa potencialidade, quando compara um *post* de blog a um fórum de discussão. Ao receber o retorno dos seus leitores por meio de texto instantâneo, o blogueiro passa a ter uma maior percepção sobre seus escritos.

A ferramenta de comentários é um dos recursos mais importantes para o desenvolvimento das conversações em *blogs*. Normalmente, abaixo de cada *post* é exibido um link que abre a janela de comentários. Esse link apresenta o número de comentários já publicados até o momento, o que facilita o acompanhamento da conversação. Na janela que se abre, os comentários são apresentados em ordem cronológica, acompanhados da hora de publicação e de seu autor (PRIMO, 2006, p. 5).

Tal constatação evidencia o que Prado (2011) considera o diferencial dos *blogs* na internet. O webjornalismo possibilita a maior interação dos leitores com os jornalistas. Essa é uma das grandes novidades. Segundo Prado (2011), indícios de interação já eram vistos nas outras plataformas de jornalismo, com a participação por meio de cartas e telefonemas, no entanto a real interação só existe na internet.

Silveira (2010) defende que não se pode pensar em *blogs* sem relacionar a capacidade de interagir de seus atores. “O *blog* seria um novo gênero textual, por tratar-se de uma escrita híbrida, um misto de outros gêneros, além de concentrar o princípio da comunicação pelo código escrito que, por sua vez, incide na interação entre os usuários” (SILVEIRA, 2010, p. 60).

Por outro lado, Beiguelman (2005, p. 73) faz um alerta:

É muito interessante saber que posso entrar nos *blogs* de outros escritores e saber o que eles estão criando e pensando, diariamente, mas isso transforma o artista numa espécie de transmissor ligado 24 horas por dia, de segunda a segunda. Pode ser que isso crie problemas, na medida em que a manutenção dessa telepresença on-line, que deve ser constantemente atualizada e necessita do ‘feedback’ dos outros para se afirmar, demanda muitas horas diante do computador. Recentemente foi descrito um novo tipo de dependência, típica de quem usa muito telefone celular, que é a ‘síndrome do contato permanente’. Pode ser que os blogueiros venham sofrer de outra, a da ‘conexão permanente’.

Tal preocupação é relevante, uma vez que os blogueiros passam a fazer parte de um espaço comunicacional cada vez mais próximo aos leitores. Tanto que fica até difícil fazer essa distinção de atores sociais. O processo de produção atualmente está mais para um diálogo entre a imprensa e o público, uma vez que os profissionais sofrem a influência dos leitores. Estes são capazes de acrescentar informação ao que está publicado. Para Primo (2003), separá-los não é mais imaginável. “Ora, aqueles que povoam o ciberespaço precisam ser vistos como sujeitos e não apenas como visitantes indiferenciados de um parque temático (onde o que interessa é abrir vias que escoem o fluxo de visitantes ou rampas que facilitem o trânsito)” (PRIMO, 2003, p. 7).

Hepp (2010) segue a influência de Primo (2003), ao afirmar que a comunicação é um processo dinâmico, “com todos os participantes atuando na relação. Deve-se concentrar nos modos em que as pessoas se afetam e às interações nesses sistemas de influência” (HEPP, 2010, p. 24). Ainda aprofundando a discussão a respeito da capacidade interativa dos atores do mundo virtual, Hepp (2010) aponta que a interação humana é um sistema aberto, composto por três propriedades:

- a) Globalidade: as partes do sistema são interdependentes, ou seja, uma mudança em uma afeta todas as outras e o sistema. Ele é um todo que não pode ser considerado somente como a soma de suas partes. [...]
- b) Retroalimentação ou circularidade: em um sistema interpessoal, o comportamento de cada parte (indivíduo) afeta e é afetado pelo das outras; e
- c) Equifinalidade: o sistema aberto pode atingir um estado independentemente de suas condições iniciais e diversas condições têm a mesma chance de atingir os mesmos resultados (HEPP, 2010, p. 25).

De acordo com Primo (2003), o princípio das relações interativas no mundo virtual é semelhante a comunicação interpessoal. Os equipamentos digitais serviriam apenas para mediar essa interação, uma vez que os pressupostos tecnicistas seriam insuficientes para analisar esse contexto.

Reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em qualquer situação interativa, é desprezar a complexidade do processo de interação mediada. É fechar os olhos para o que há além do computador. Seria como tentar jogar futebol olhando apenas para a bola (PRIMO, 2003, p. 2).

Se por um lado, os sujeitos precisam de um espaço para se relacionar, por outro não se pode superdimensionar a importância do suporte. A máquina não dialoga com ninguém, embora seja a ferramenta responsável por emitir respostas. Primo (2003) reflete a respeito, supondo que a participação do computador seja mal interpretada pelos atores. O autor lembra que nenhum *hardware* ou *software* possui intencionalidade. Tudo é comandado por alguém, com algum objetivo específico.

E não se pode pensar na comunicação apenas a partir de um sujeito que escreve/fala para outro que lê/ouve. O processo é dinâmico, segundo Hepp (2010), envolvendo todos os participantes. O fundamental é identificar a forma como os integrantes desse espaço comunicacional se relacionam entre si. “Nas relações interpessoais existe uma interdependência na interação, onde cada agente depende do outro e o influencia, variando em grau, qualidade e do contexto para contexto” (HEPP, 2010, p. 24). Para o autor, tais interações não devem ser compreendidas com reação a determinada ação. As ações e as reações “ocorrem de maneira simultânea”.

Não há como fugir dessa interatividade iminente a cada escrito. Nos *blogs*, os debates são permanentes e ampliam a capacidade interativa, que vêm de outras mídias, mas se fortalecem na rede virtual. “Confrontada com os meios de comunicação de massa, a internet parece estabelecer a democracia da comunicação” (REZENDE, 2008, p. 70). Na perspectiva de Rezende (2008), a capacidade interativa já existia, mas o que a internet proporciona é, de fato, avassalador.

O que os *blogs* e novos dispositivos tecnológicos permitem é uma interação que de fato se inscreve interior do ambiente onde ocorrem as rotinas produtivas. A conversação aparecia como marca, sejam aspas, o tradicional ‘povo-fala’ ou outros modos de aprender discursos vindos ‘de fora’ da rotina produtiva. Agora os diálogos estão dentro do dispositivo. É possível entrar e participar diretamente, não é necessário esperar o contato do jornalista (REZENDE, 2008, p. 69).

Quem ocupa hoje a função de jornalista precisa estar atento a tais possibilidades, conforme Barbosa: “os jornalistas já não podem se contentar com a publicação das notícias. [...] O processo está a transformar-se mais num diálogo entre a imprensa e o público”

(p. 3), uma vez que os *blogs* permitem a inclusão de comentários na sequência do texto original dos jornalistas.

Quando os leitores de *blogs* comentam as informações publicadas nas páginas, eles estão fazendo valer a capacidade interativa do meio virtual, garantindo que sua própria visão de mundo também faça parte daquele espaço comunicacional. Conforme Rezende (2008, p. 69), “os leitores continuam consumindo informação, mas também produzindo significados ao agir diretamente no local de publicação do material jornalístico”.

Esta prática seria a mais lógica em *blogs*, no entanto, os leitores ganham ainda outras oportunidades, capazes de torna-los autores dos seus próprios textos. Embora geralmente a conversa aconteça a partir de *posts* originais dos blogueiros, é possível que o leitor dê outros rumos ao assunto. “Nada impede que a conversa tome outros rumos ou mesmo que se publique comentários fora de contexto. Vários assuntos podem ser discutidos ao mesmo tempo, mesmo aqueles sem nenhuma relação com o *post* original” (PRIMO; SMANIOTTO, 2006, p. 5).

Tal possibilidade vem ao encontro do que Hepp (2010) analisa. Para o autor, somente uma negociação é capaz de garantir uma interação mútua. A relação se redefine o tempo todo. A interação mútua acontece por ações interdependentes, cada agente influencia o comportamento do outro e tem o seu influenciado pelo que o outro faz. A interação mútua acontece por ações interdependentes. Já a interação reativa se resume ao estímulo-resposta.

A interação mútua é composta por sistemas abertos, o que a direciona para a evolução e desenvolvimento. A interação reativa, por sua vez, é formada por um sistema fechado, onde, devido às relações lineares e unilaterais, o agente tem pouca ou nenhuma condição de alterar o agente. Como todo sistema fechado, ele não se relaciona com o contexto, logo não reage a ele e não evolui. Por não possuir equifinalidade, presente nos sistemas abertos, situações não previstas em sua fase inicial não apresentarão os mesmos resultados que as situações planejadas, podendo até não produzir resultado algum (HEPP, 2010, p. 26).

Na rede virtual, uma das principais características é a complexidade dos processos, diferente dos meios convencionais de comunicação de massa. Há atualização constante, o volume de informações é infinitamente superior a outras mídias, em função do caráter hipertextual da hipermídia e o produto deixa de ser considerado único. Segundo Mielniczuk (2004, p. 6), não há uma mensagem única disseminada para o público.

De fato, não há como fugir dessa realidade. A tecnologia redefiniu o modo com que os jornalistas executam seu trabalho. Para Barbosa, a tecnologia “alterou a natureza do conteúdo das notícias, modificou a estrutura e organização da redação e da indústria noticiosa e, por fim, modificou a natureza das relações entre as organizações noticiosas e seus variados públicos” (p. 2).

Rezende (2008) resgata os cenários pelos quais o jornalismo passou ao encarar as novas mídias. Hoje, o jornalismo já estaria em uma terceira etapa do processo comunicacional na hipermídia.

A primeira geração ou jornalismo 1.0 se caracteriza pela mera transposição de conteúdos produzidos por outros meios para o ciberespaço. A segunda geração ou jornalismo 2.0 assegura uma produção voltada para a internet. A fase atual – se ela denominada terceira geração ou jornalismo 3.0 – ‘socializa esse conteúdo e os próprios meios’. Somente aqui o público foi, de fato, inserido no contexto comunicacional interativo (REZENDE, 2008, p. 68-69).

O jornalista passa a preocupar-se com um leitor que está em qualquer lugar, vivendo provavelmente um instante diferente do seu. O meio que une os dois não tem espaço próprio nem tempo. “Está a todo instante no não-lugar e, portanto, torna temerária, por exemplo, a cristalizada ideia e prática do ‘fechamento diário’ do jornal” (MIRANDA, 2004, p. 25-26).

Historicamente o jornalista de diferentes veículos, seja de jornal impresso, rádio ou televisão, sempre trabalhou com a coerção do *deadline*, a “linha da morte” em uma tradução literal. Trata-se do prazo final para que o produto jornalístico chegue até o público. Em jornal, seria o horário de rodar a edição na gráfica. Em televisão e rádio, o horário do programa ou da notícia ir ao ar.

No jornalismo on-line, esse conceito perde seu real significado. O fechamento, como conhecido, dá lugar a outra possibilidade: a eterna abertura, visto que as notícias podem ser reescritas, apagadas ou substituídas, sem deixar vestígios da notícia anterior. “O fechamento diário – que trabalha em torno do acabamento do material bruto ou suficientemente lapidado – depara-se, no jornalismo on-line, com a indeterminação de uma abertura” (MIRANDA, 2004, p. 27). É um paradoxo, que parece ir de encontro ao conceito básico do jornalismo. A perspectiva de atualização permanece durante as vinte e quatro horas do dia.

Após esses conceitos e entendimentos sobre o novo campo da profissão, o estágio

atual do jornalismo na web e as possibilidades interativas, permite-se explorar a pesquisa nos *blogs* escolhidos como *corpus* deste estudo, fazendo a análise proposta.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sempre existe o que descobrir na realidade, equivalendo isto a aceitar que a pesquisa é um processo interminável, intrinsecamente processual. É um fenômeno de aproximações sucessivas e nunca esgotado, não uma situação definitiva, diante da qual já não haveria o que descobrir.
(Pedro Demo, 1987, p. 23)

Neste capítulo, propõe-se apresentar a metodologia da pesquisa aplicada neste estudo, que proporcionou a análise dos dados coletados ao longo das etapas de investigação. Os dados coletados a partir da observação e de um roteiro de entrevista pré-definido nos ajudam a responder a pergunta de pesquisa: como se estabelece a relação de interação entre jornalistas e leitores pela via das mídias digitais, em específico, em *blogs* jornalísticos do Grupo RBS? A pesquisa tem como objetivo geral investigar e analisar os efeitos da recepção na produção de *blogs* jornalísticos, sob a perspectiva do jornalista, além de outros objetivos específicos, tais como:

- refletir sobre as relações entre jornalismo e tecnologia, dos meios impressos ao espaço digital;
- entender se e como os leitores influenciam no texto dos autores dos *blogs*;
- discutir os estatutos de leitura em meio digital, em específico no blog;
- identificar como e em que medida se estabelece a interação entre leitores e blogueiros (jornalistas).

Desse modo, organiza-se a seguinte estrutura: a definição dos métodos científicos utilizados que caracterizam o tipo de pesquisa empregado. Tais métodos definem as técnicas de coleta de dados que ajudarão na resolução da pergunta de pesquisa. Na sequência, apresenta-se o *corpus* da pesquisa. Após, o desenvolvimento da investigação em si, quanto à pesquisa bibliográfica e análise dos dados coletados.

4.1 Tipos de pesquisa e métodos empregados

Fazer pesquisa científica é distanciar-se do senso comum. Demo (1987) aponta que a forma comum de conhecer a realidade está distante da ciência, embora rodeie a todos os indivíduos. Sob a perspectiva do autor, o que marca o senso comum é ser um

conhecimento imediatista, acrítico. E pesquisa científica busca justamente distanciar-se dessa percepção comum e ideológica, relacionando fenômenos estudados à luz de teorias e de uma sistematização de análise. Conforme Demo (1987, p. 39),

O surgimento de um número elevado de técnicas de coleta e mensuração do dado, bem como o uso de testes estatísticos foram motivados pelo desejo de maior objetivação em ciências sociais, partindo-se de ponto de vista de que muitas análises são excessivamente subjetivistas, especulativas, aéreas, que falam de coisas irreais, imaginárias ou tão distantes, que não pareceriam ser deste mundo.

De acordo com o autor, alguns cuidados metodológicos proporcionam a objetivação da pesquisa, entre eles: espírito crítico, rigor no tratamento do objeto, distanciamento suficiente para não se deixar envolver o bastante para alterar os resultados da pesquisa, profundidade de análise, ordenação, referências bibliográficas clássicas, além do estudo das principais teorias que dão sustentação à pesquisa.

Considerando tais aspectos inerentes à prática da pesquisa científica social, passa-se agora a definição e caracterização do presente estudo científico. Este trabalho trata-se de uma pesquisa aplicada do ponto de vista de sua natureza, pois pretende “gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 62).

A pesquisa é descritiva do ponto de vista de seus objetivos, pois os fatos observados são descritos sem interferência do pesquisador, apenas estabelecendo relações entre variáveis. Segundo Prodanov e Freitas (2009), este tipo de pesquisa assume a forma de “levantamento”, uma vez que descreve as características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre variáveis. Envolve ainda o uso de técnicas padronizadas para coleta de dados, como questionário e observação sistemática.

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 63).

A pesquisa descritiva procura classificar, explicar e interpretar os fatos que ocorrem, nunca manipulá-los, e pode assumir diversas formas: documental, de campo, de opinião, de motivação, estudos exploratórios, estudos descritivos, estudo de caso e pesquisa histórica. Neste estudo, trata-se de uma pesquisa de campo, em que observam-se os dados coletados no próprio local em que se dá o fato em estudo, sem interferência do pesquisador. A realidade estudada é a original, a fim de obter os resultados mais isentos com relação à exterioridade. A pesquisa de campo abrange: pesquisa bibliográfica, determinação das técnicas de coleta de dados e determinação da amostra e registro dos dados e das análises.

Segundo Prodanov e Freitas (2009), uma das principais vantagens da pesquisa de campo é a obtenção de dados na realidade.

Sem, em nenhum momento, desmerecer a pesquisa teórica, em uma ciência factual, é na pesquisa de campo que as teorias propostas podem ser validadas ou refutadas. Assim, com a utilização de técnicas de amostragem estatística, a pesquisa de campo permite o acúmulo de conhecimento sobre determinado aspecto da realidade, conhecimento esse que pode ser comprovado e utilizado por outros pesquisadores (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 65).

Além disso, a presente pesquisa apresenta indícios de um estudo de caso, no escopo da pesquisa descritiva, uma vez que consiste em coletar e analisar informações sobre determinado grupo. “É um tipo de pesquisa qualitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 66).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, ou seja, a forma como os dados para análise serão obtidos, a presente pesquisa desenvolve-se basicamente por três tipos: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e estudo de caso.

A pesquisa bibliográfica justifica-se, pois todos os demais tipos necessitam de referenciais teóricos, organizados, em geral, a partir de fichas de leitura.

Elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, Internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o

assunto da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 68).

Neste caso em específico, é fundamental uma revisão bibliográfica para conceituar aspectos do jornalismo tradicional e a evolução para o jornalismo na *web* (online) a partir dos *blogs* jornalísticos. A pesquisa também aprofunda a revisão de conceitos relacionados à evolução da escrita e da leitura, a hipermídia, as características desse novo leitor na web 2.0 e a possibilidade de interação existente na cibercultura.

Este estudo é composto ainda por outros dois tipos, pesquisa de campo e estudo de caso. Torna-se fundamental conceituar ambos os tipos. A pesquisa de campo inicia sempre por uma revisão bibliográfica, segundo Prodanov e Freitas (2009), a fim de identificar em que estágio encontra-se o problema de pesquisa e quais os textos já produzidos a respeito. O segundo passo é definir as técnicas a serem utilizadas na coleta de dados.

O estudo de caso, por sua vez, refere-se ao estudo minucioso e profundo de um ou mais objetos observados. De acordo com os autores, o estudo de caso é cada vez mais utilizado por explorar situações de vida real cujos limites não estejam muito claros, descrever o contexto e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno (PRODANOV; FREITAS, 2009).

Quanto à forma de abordagem do problema, o estudo é qualitativo, uma vez que tal problema não pode ser mensurado. Conforme Prodanov e Freitas (2009, p. 81), “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Na abordagem qualitativa, o ambiente é fonte direta dos dados da pesquisa. As questões são estudadas no ambiente em que ocorrem, sem qualquer manipulação do pesquisador. Dados estatísticos não são o centro do estudo. Todos os dados coletados são descritivo-qualitativos.

Além da revisão bibliográfica dos conceitos básicos que fundamentam essa pesquisa, o trabalho observa a relação de interação entre leitores e autores de quatro *blogs* jornalísticos de profissionais do Grupo RBS, com acesso pelas plataformas digitais. Durante uma semana, será observado o processo de interação e participação existente nos *blogs* analisados. Também serão entrevistados os quatro jornalistas autores dos *blogs*.

A técnica de pesquisa e coleta de dados foi a observação direta intensiva, realizada por meio de observação e entrevistas. As entrevistas têm roteiros estruturados,

mas não há rigidez, possibilitando ao investigador mais liberdade para desenvolver a entrevista. As entrevistas não-padronizadas, segundo Prodanov e Freitas (2009), apresentam perguntas abertas. Neste caso, a entrevista tem caráter exploratório. Tais entrevistas (APÊNDICE A) foram realizadas pessoalmente com os jornalistas autores dos *blogs* analisados, cujo espaço da pesquisa é abordado na sequência.

4.2 Caracterização do corpus e sujeitos da pesquisa

Neste trabalho, serão analisados quatro *blogs* de jornalistas do Grupo RBS, de editorias diferentes², entre elas, “Esporte”, “Política”, “Geral” e “Internacional”, bem como serão entrevistados todos os quatro jornalistas-autores dos respectivos *blogs*. Os *blogs* são atualizados diariamente e estão hospedados no portal de jornalismo www.zerohora.com do jornal Zero Hora. Todos são referência nas áreas correspondentes.

O jornal Zero Hora é o principal periódico impresso do Rio Grande do Sul, com 50 anos de existência. Foi fundado em 1964, após o fechamento do Última Hora e comprado em 1970 pelos empresários da família Sirotsky, que já detinham rádios e emissoras de TV como a Gaúcha (RBS TV). Segundo Schirmer (2002), logo no início o jornal passou por uma importante revolução gráfica, o que demonstrava o investimento que o novo grupo preparava para o impresso. Conforme o autor, os novos proprietários

trouxeram para Zero Hora uma nova mentalidade, moderna e criativa, que então se irradiava na televisão e na publicidade, buscando inspiração nos centros mais adiantados do mundo, enquanto a imprensa – não só a gaúcha, mas a brasileira quase como um todo – se mantinha estagnada, fiel a velhas rotinas e modelos gastos (SCHIRMER, 2002, p. 73).

O veículo sempre esteve atento às mudanças, a última delas ocorreu em maio de 2014, com uma reformulação gráfica e editorial. No mundo virtual, as mudanças também sempre acompanharam o jornal. Na *web* desde 2007, a ZH online também já enfrentou inúmeros processos de mudanças. Segundo o próprio *site*, o objetivo da evolução

² Havia o interesse inicial proposto no projeto de analisar cinco *blogs*, de cinco editorias, incluindo cultura. Contudo, o autor do blog não demonstrou interesse em participar. Como o material já captado das outras editorias era extenso e havia dificuldade em encontrar outro blogueiro de cultura, optou-se por excluí-lo da pesquisa.

tecnológico é proporcionar facilidades aos leitores, que migraram do papel para o digital. Hoje é possível acessar a Zero Hora ainda por *tablets* e *smartphones*, além do impresso e da web. Jornalistas tradicionais do meio impresso também foram obrigados a se adaptar a uma nova realidade de produção. Colunas foram levadas para as páginas da rede virtual oportunizando novas possibilidades aos profissionais.

É exatamente sobre essas mudanças no processo produtivo que este trabalho se apresenta para uma melhor compreensão dos fatos. A escolha pelos *blogs* como *corpus* da pesquisa, e de seus autores, como sujeitos, obedeceu a alguns critérios, como a representatividade dentro do portal em que estão hospedados, a importância dos profissionais de jornalismo que assinam as páginas nas respectivas editoriais, a experiência dos jornalistas com produção de espaços de opinião jornalística e o gosto pessoal. Sob esse aspecto, foram escolhidos para análise quatro *blogs* de diferentes editoriais – “Política”, “Geral”, “Internacional” e “Esporte” – cujos nomes são preservados nesta pesquisa.

A análise dos *blogs* aconteceu a partir de 30 de novembro de 2014, levando em conta os últimos cinco *posts* de cada blog naquela data, espaço considerado suficiente para avaliar a interação de jornalistas e leitores, observando a presença de comentários e da fala de *outrem* nos textos originais. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com os blogueiros, com questões pré-definidas e abertas (APÊNDICE A). As entrevistas foram realizadas individual e pessoalmente, ou por algum meio eletrônico como a internet, a partir de roteiro estruturado, gravadas e transcritas posteriormente.

4.3 Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa bibliográfica deu base para este estudo, possibilitando o conhecimento dos conceitos ligados ao tema e a visão de pesquisadores sobre a problematização proposta. Dessa forma, a pesquisa em campo só será possível após essa fundamentação.

Antes da investigação *in loco*, foi necessário compreender diferentes aspectos do jornalismo tradicional e a evolução para o jornalismo na web (online) a partir dos *blogs* jornalísticos. A pesquisa também aprofundou a revisão de conceitos relacionados à evolução da escrita e da leitura, a hipermídia, as características desse novo leitor na web 2.0 e a possibilidade de interação existente na cibercultura.

Além da revisão bibliográfica dos conceitos básicos que fundamentam essa

pesquisa, o trabalho desenvolve a observação da relação interativa de leitores e autores de quatro *blogs* jornalísticos de profissionais do Grupo RBS, com acesso pelas plataformas digitais. No fim de novembro de 2014 serão analisados os últimos cinco *posts* disponíveis em cada blog para observar o processo de interação e participação existente. Posteriormente, os jornalistas autores dos *blogs* escolhidos foram entrevistados a fim de elucidar com maior propriedade os processos de interação existentes entre blogueiros e internautas.

Tal entrevista que foi aplicada aos profissionais teve por finalidade ajudar a responder a pergunta central deste trabalho, citada anteriormente neste capítulo. As questões que fazem parte do roteiro foram idealizadas pelo pesquisador e baseadas nos objetivos – geral e específicos – propostos nesta pesquisa. O roteiro é formado por oito questões abertas relacionadas da seguinte forma aos objetivos: as questões 1, 3, 4, 7 e 8 buscam levar à reflexão sobre as **relações entre jornalismo e tecnologia**, dos meios impressos ao digital, uma vez que observa as mudanças que esse novo meio proporcionou na rotina diária; a questão 2 da entrevista tem uma relação direta com o segundo objetivo específico deste trabalho, a fim de entender se há – e de que forma se manifesta – a **influência dos leitores no texto** dos autores dos *blogs*; a questão 5 da entrevista pretende auxiliar a atingir o objetivo que analisa a existência de **interação leitor-autor** nos *blogs* jornalísticos; já a pergunta 6 contribui para a discussão dos **estatutos de leitura** no meio digital, outro objetivo específico deste trabalho.

A soma de todas essas respostas – sua organização no texto, respondendo a tais indagações – deve ajudar a se chegar ao objetivo maior deste trabalho, a investigação e análise dos efeitos da recepção na produção de *blogs* jornalísticos.

Conforme já citado anteriormente, a pesquisa divide-se em uma fase de questionamentos e outra de descrição do que se observa nos *posts* publicados nos *blogs* e a relação de interação existente em tal plataforma. Para tanto, resgatam-se conceitos levantados por autores que embasam a fundamentação teórica deste trabalho. Entre eles, destacam-se a comunicação colaborativa, a interação em tempo real e a capacidade de informar de forma horizontal, defendidos por Santaella (2010), a síndrome da conexão permanente, apontada por Beiguelman (2005), a eterna abertura jornalística, defendida por Miranda (2004), além do *post* como fórum de discussão (PRIMO, 2006) e a escolha dos temas influenciada por leitores, defendida por Silveira (2010). Todos esses conceitos darão luz à análise que avalia os últimos cinco *posts* disponíveis em cada blog até 30 de novembro de 2014.

Com os procedimentos e roteiros de pesquisa identificados, parte-se agora, de fato, à pesquisa em si, que será descrita e comentada no capítulo 5, que começa a seguir.

5. BLOG: CONVERSAÇÃO VIRTUAL, REAL COMUNICAÇÃO?

Que a evolução da tecnologia possibilitou ao homem novas formas de escrita, novas bases para manifestações textuais e outras possibilidades de leitura não se pode negar em pleno século XXI. Toda a revisão bibliográfica que dá base a este estudo faz comprovar tais afirmações. A hipermídia, plataforma desta pesquisa, sugere trazer mais do que uma nova tela capaz de oferecer signos e símbolos de comunicação e os autores citados como fonte reforçam esse novo mundo. O que se pretende agora é investigar e analisar os efeitos da recepção na produção de *blogs* jornalísticos, sob a perspectiva do jornalista, analisando alguns *cases* que venham a confirmar ou refutar tais afirmações teóricas. Para tanto, o pesquisador dedicou-se a analisar, observar e investigar, na tentativa de compreender a relação existente entre blogueiros e leitores, num espaço cuja teoria demonstra-se favorável ao incentivo das mídias como intermediadores de uma nova relação, cada vez mais próxima.

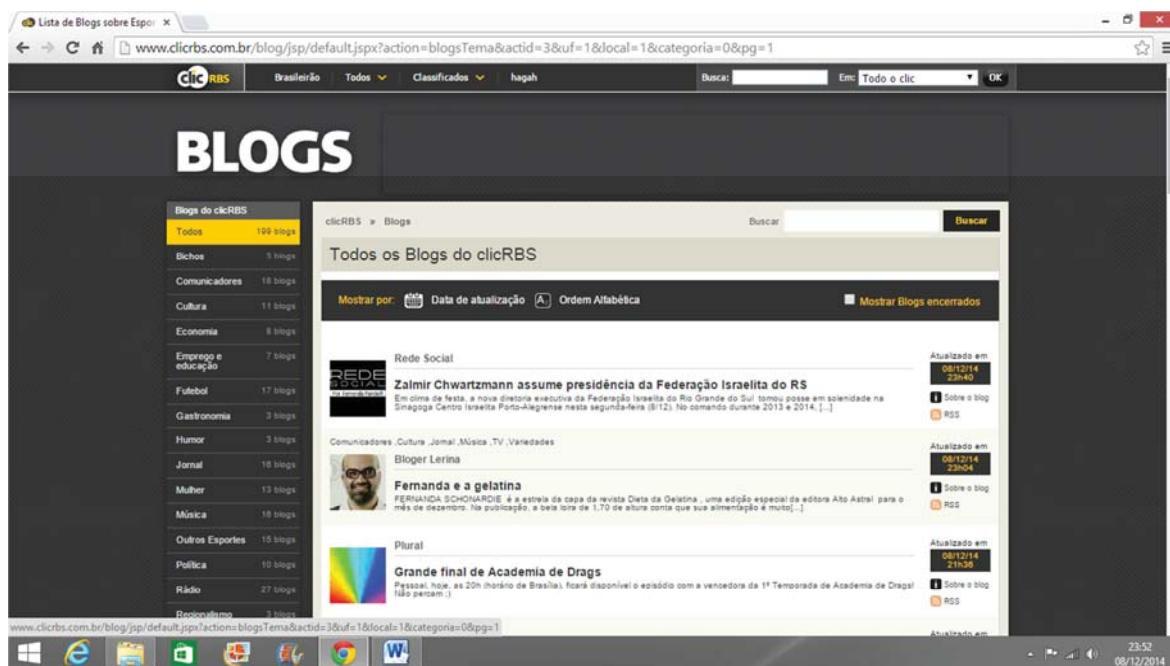
Empiricamente, o pesquisador arrisca-se a apontar que a relação torna-se mesmo mais próxima, fácil e transparente. O que um trabalho científico, no entanto, tem a pretensão é de confirmar ou refutar tal hipótese, ou ainda apontar alternativas, a fim de que leitores e autores possam se relacionar, numa via de mão dupla, em que os papéis, por ora, possam, inclusive, aparecer invertidos.

A presente pesquisa propôs-se a investigar de forma detalhada essa relação, em meio à prática do jornalismo opinativo, num espaço virtual – e físico, ao mesmo tempo – cuja abrangência e opções aumentam a cada dia. Os *blogs* são prova de que autores e leitores estão próximos a ponto de compartilharem ideias em tempo real. Conforme Lévy (1999, p. 127), na cibercultura “a conexão é sempre preferível ao isolamento. A conexão é um bem em si”. O que este trabalho apresenta é um recorte dessa realidade virtual, a partir de quatro *blogs* de jornalistas conceituados pela opinião pública, referências em suas áreas de atuação.

O trabalho se propôs à sistematização da análise a partir de categorias em comum, na tentativa de se compreender como se dá a relação de leitores e autores. Para tanto, escolheu-se um leque de quatro jornalistas de editoriais diferentes, que têm como prática o compartilhamento de ideias em duas mídias – o impresso e o digital – por meio de colunas de opinião e páginas pessoais, os *blogs*. O jornal escolhido foi o *Zero Hora*, periódico diário de maior tiragem e circulação do Rio Grande do Sul cuja página inicial de todos os

blogs é reproduzida na Figura 3. Vale ressaltar que a página é direcionada para o clicRBS, plataforma digital do jornal.

Figura 3- Página inicial de todos os *blogs* hospedados no *site* de Zero Hora, a partir da plataforma clicRBS



Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 08 dez. 2014.

A data definida como marco de análise foi 30 de novembro de 2014. Nesta data, foram observados os últimos cinco *posts* disponíveis em cada um dos quatro *blogs*, hospedados no *site* www.zerohora.com. Ao mesmo tempo, realizaram-se entrevistas com os autores que dão nome aos *blogs*, nas editorias de “Esporte”, “Política”, “Internacional” e “Geral”. Todas basearam-se no mesmo roteiro de análise, de autoria do pesquisador. O roteiro foi definido com base nos objetivos geral e específicos do trabalho, que ajudam a responder a pergunta de pesquisa.

A etapa de observação foi realizada com total autonomia do pesquisador, uma vez que os *posts* estavam disponíveis na internet, sem dificuldade de acesso. Já as entrevistas, a partir de roteiros definidos, foram realizadas individualmente, de forma particular, e ofereceram obstáculos comuns a um processo de pesquisa que avança nessa modalidade de estudo.

A proposta do trabalho foi inicialmente apresentada ao editor-chefe do jornal, que autorizou prontamente. Já no momento das entrevistas, o processo tornou-se mais

complicado, já que nem todos os jornalistas aceitaram prontamente participar da pesquisa. A intenção era analisar cinco *blogs*, mas por algumas dificuldades, optou-se por excluir um deles, da editoria de Cultura, e realizar a pesquisa com quatro. Um *e-mail* padrão foi enviado para cada jornalista responsável pelos *blogs*. Três deles responderam no mesmo dia, demonstrando interesse em participar da pesquisa. Um quarto blogueiro disse que não teria tempo para participar e foi substituído por outro da mesma editoria. Já o quinto entrevistado não respondeu e foi excluído da pesquisa, em função, também, da grande quantidade de material obtido com os outros quatro participantes e da dificuldade de tempo em conseguir outro profissional para entrevistar.

Além disso, no percurso de pesquisa, a ideia inicial de realizar as entrevistas pessoalmente na redação da Zero Hora em Porto Alegre foi gradativamente reorientando-se em função de determinadas demandas. Um dos jornalistas estava nos Estados Unidos e não tinha previsão de retornar ao Brasil, mas demonstrou interesse em participar. Outro estava em férias e demoraria cerca de um mês para retornar às atividades. Em função desses imprevistos que inviabilizaram fazer todas as entrevistas em um dia único, como fora planejado, visto que o pesquisador reside em Passo Fundo, distante cerca de 300 quilômetros da Capital, optou-se por adotar estratégias individuais de entrevista. Os dois primeiros a serem entrevistados aceitaram fazer contato por meio de Skype, software de chamadas de voz e vídeo. O terceiro participante foi entrevistado em Passo Fundo, durante uma visita à cidade. Já o último foi entrevistado por telefone. Todas as conversas baseadas no roteiro de pesquisa padrão (APÊNDICE A) foram gravadas e estão transcritas, na íntegra, neste trabalho.

As duas etapas – observação e entrevista – ajudaram a compreender na prática como a relação dos autores com os leitores se estabelece nesses espaços digitais de jornalismo. Importante relatar que tal análise não é definitiva e pode não se repetir em qualquer outro *blog* que não tenha sido objeto desta pesquisa. Porém, por tratar-se de um estudo de caso, todas as observações apontadas podem ser consideradas verdadeiras, já que a pesquisa coleta e analisa informações de determinado grupo. Conforme Prodanov e Freitas (2009, p. 66), esta é uma das características fundamentais dos estudos de caso, pesquisar de forma qualitativa uma unidade de forma aprofunda, “podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade”.

Os próximos tópicos desse capítulo apresentam o que se observou em cada um dos cinco *posts* dos quatro *blogs* analisados durante a pesquisa e resgatam as principais ideias defendidas pelos jornalistas nas entrevistas.

5.1 “Nem gênio, nem imbecil”

O primeiro blog analisado neste capítulo apresenta assuntos gerais, por isso está classificado na editoria de “Geral” (o que pode informalmente incluir Cultura, tema de uma editoria não fiscalizada nesse trabalho³). Percebe-se pela análise que, por vezes, os textos voltam-se a temas pontuais, como esporte e política. No entanto, de uma forma menos estratificada é possível enquadrá-lo sob a primeira classificação, de “Geral”.

Percebe-se que o blog apresenta atualização diária. Há dias em que a produção é maior, com duas ou três publicações. Nota-se ainda que não há horários fixos para as postagens, havendo textos publicados nos mais variados períodos.

Nesta análise, observam-se os últimos cinco *posts* publicados pelo blogueiro, que estão disponíveis na página. A identidade dele é preservada, conforme combinado previamente, a fim de manter um caráter exploratório e não no sentido de expor o entrevistado. A análise parte inicialmente da conversa estabelecida com o blogueiro a partir do roteiro de entrevista.

5.1.1 A entrevista

O jornalista da editoria de “Geral” foi o primeiro a responder ao questionário desenvolvido pelo pesquisador. A entrevista foi realizada no dia 7 de novembro de 2014, por meio de Skype. Durante quase trinta minutos, o entrevistado demonstrou total interesse em participar da conversa. Com muito bom humor, revelou um desejo de ser mais atuante nas redes sociais e nos *blogs*. Contou que tem pouco tempo para conciliar todas as atividades jornalísticas, uma vez que atua no jornal (impresso e digital) e também em emissoras de rádio do Grupo RBS.

O dia da conversa foi na semana seguinte ao pleito eleitoral que reelegeu Dilma Rousseff ao Palácio do Planalto e deu a vitória a José Ivo Sartori como governador do estado do Rio Grande do Sul, em segundo turno. Além disso, o período era de instabilidade da dupla GreNal no Campeonato Brasileiro, já que ambos os times alternavam vitórias e derrotas. Esses registros são importantes, uma vez que os temas esporte e política fazem parte dos textos do blog com frequência.

³ O jornalista também é escritor de ficção e já esteve na Jornada Nacional de Literatura em Passo Fundo (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/10/13-jornada-de-literatura-de-passo-fundo-deve-receber-mais-de-20-mil-pessoas-2694199.html>), durante o 2º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos.

Uma das primeiras preocupações da entrevista foi entender qual a mudança que se estabeleceu no processo produtivo a partir do ingresso do jornalista no meio digital. Para o blogueiro, a principal novidade nesse contexto foi a facilidade do leitor buscar comunicação com o autor do texto. A ferramenta “comentário” é apontada como a maior revolução do meio digital, em comparação ao impresso.

O leitor podia mandar uma carta, que daí tu lia e não necessariamente respondia. Ou ele podia ligar para o jornal, mas é uma ação que demanda um pouco de esforço, trabalho, porque ele tem que procurar o número, ligar para o jornal, aquela coisa toda. E quando ele liga, manda uma carta, ele sempre tem o receio de como tu vai reagir, quando ele te liga ou te aborda na rua, ele sempre tem o receio da tua resposta né. Com a internet, blog, comentário, e-mail, ele não tem nenhum receio, ele manda. Às vezes ele se irritou com alguma coisa que ele leu, ele imediatamente, quase que instantâneo, ele vai lá, clica em cima e te xinga, vamos dizer né. É uma reação instantânea dele, às vezes até impensada né (resposta 1)⁴.

Para o jornalista, foi necessário entender a real intenção de muitos comentários publicados pelos leitores no blog, especialmente nos *posts* que tratam de assuntos mais polêmicos. Até porque, o autor usa do bom humor para dizer que alguns leitores viraram “comentaristas profissionais”, porque comentam todos os *posts*.

Você tem que aprender com isso, o que significa aquilo, porque tem muito cara que, a maioria dos leitores é o seguinte: se ele concorda contigo tu é um gênio. Se ele discorda, tu é um imbecil. Então tu quem saber que tu não é gênio nem imbecil. Não vai te empolgar quando todo mundo te elogia e não vai achar que tu é um imbecil quando tu recebe uma crítica feroz (resposta 1).

Outra mudança significativa que surge após o ingresso no meio digital é a possibilidade de recursos de outras mídias, como vídeos e áudios. O jornalista diz que aprendeu a usar a ferramenta, mas ainda é pouco.

Eu gostaria de usar mais, mais vídeos, afinal de contas o que é o blog, é uma espécie de jornal onde eu posso usar mais sons e imagens, poderia usar mais. Me penitencio de não usar mais um pouco essas possibilidades do blog (resposta 3).

Uma terceira possibilidade que se abre, de acordo com o jornalista, é a

⁴ Os trechos citados das entrevistas, para que se diferenciem das citações de base teórica constantes nesta dissertação, terão como critério fonte em itálico, mesmo que com mesmo tipo e tamanho de fonte das demais citações.

oportunidade de ter no leitor um crítico atento e participativo ao trabalho.

De repente tem uma coisa que eu não percebi, às vezes a gente comete um erro né, ou algo que não percebeu, algo que ficou estranho. Essa é outra vantagem do blog (resposta 4).

O que não muda, segundo as respostas, é a necessidade de ter credibilidade, tanto no impresso quanto no digital.

As pessoas vão escolher acessar ele ou não, então essa triagem vai ser feita pelo leitor sempre, seja na internet ou no impresso, o que a gente precisa, para sobreviver nesse mundo é garantir nossa credibilidade e isso se faz com bons textos e com uma relação com o teu público” (resposta 8).

Este é outro objetivo a ser identificado por esta pesquisa. A capacidade de interação já foi abordada, o que busca-se ainda é entender como ela se estabelece na prática. O jornalista conta que os leitores das duas plataformas são diferentes. Muitos leem apenas o blog, enquanto outros leem somente o jornal impresso. Por isso, é importante destacar que são diferentes e possuem reações distintas. Dessa forma, o conteúdo não é apenas copiado de uma plataforma para a outra. Há produções independentes, embora algumas se repitam, dependendo da relevância. Para o jornalista, muitos leitores comentam, mas poucos querem estabelecer um diálogo. Esse aumento da possibilidade de interação assustou alguns colunistas.

Tem que entender como funciona isso aí, senão você também enlouquece. Tem um monte de jornalistas que desistiu de fazer blog por causa dos comentários agressivos. Outros ficam perturbados com aquilo, se deixam perturbar, mas não pode deixar isso acontecer (resposta 2).

O jornalista faz questão de apontar que aprendeu a conviver com essa “agressividade” e até aproveita algumas oportunidades. Conforme a questão 5, que investiga a presença do leitor, ele responde forma positiva.

Eu tenho uma leitora minha, que não é a única, mas essa é diária, ela faz comentários de todos os erros, ela corrige quando há um erro de português, um erro de digitação. Eu vou lá e corrijo, agradeço ela depois. Ela é uma espécie de revisora do blog, é uma coisa curiosa, dá palpites, dá sugestões (resposta 5).

No entanto, o jornalista revela que poucos comentários são respondidos por ele.

Na discussão referente aos estatutos de leitura no meio digital, o jornalista destaca que o leitor do blog pode ser considerado mais fiel.

Certamente o leitor do blog é mais participativo né. Ele quer participar, tem essa vontade de tá lá e comentar, tá lá e tá junto. Tem uns caras que são engraçados, eles me odeiam, sabe? Mas ele tá todos os dias ali, lê todos os textos, comenta todos os textos, então é uma figura que acrescenta também, mesmo te odiando (resposta 6).

Destacadas as principais ideias do jornalista durante a entrevista, parte-se agora a observar de forma sistemática cinco *posts* do blog citado, a fim de identificar como a relação se estabelece entre blogueiro e leitores, relacionando a observação à teoria e aos pontos principais tratados na entrevista.

5.1.2 Os posts

Os *posts* do blogueiro não respeitam e nem estão presos a horários pré-definidos. Em alguns dias o número de publicações é maior. De início, também foi possível observar que alguns *posts* repetem os conteúdos, e são analisados aqui de uma vez só. É o caso do *post* “Ouça o Timeline Gaúcha”. Nestes *posts* há sempre apenas um arquivo de áudio com a edição do programa radiofônico de cada dia. Os demais são analisados individualmente.

5.1.2.1 O ditado espanhol

O primeiro *post* analisado foi publicado às 6h30min do dia 25 de novembro de 2014. O título do *post* é *O ditado espanhol*. O jornalista escreve sobre um ditado popular comum na Espanha “Pesado como uma mosca de agosto”, para fazer referência ao Campeonato Brasileiro e ao desempenho dos clubes que disputam a competição. Antes, porém, faz uma relação com a cultura, as artes e a história.

No texto, o blogueiro conta, em primeira pessoa, que esteve no museu “Museum of Fine Arts” nos Estados Unidos, cujo acervo guarda 450 mil peças, e observou uma criança de cinco anos. Ela admirava obras do pintor espanhol Francisco Goya e copiava a imagem em um papel. Nesse momento ele recordou do ditado popular espanhol que lembrava de coisas chatas, ou seja, coisas que seria tão pesadas como uma mosca de

agosto, mês do verão espanhol. Para o jornalista, o Campeonato Brasileiro seria tão chato quanto uma mosca de agosto, conforme uma das frases do texto: “eu vi grandes campeonatos, eu sei quando vejo uma mosca obesa, pesada, ‘chatonilda’ que, no caso brasileiro, é uma mosca que voeja por nove meses inteiros”.

Essa visão crítica do campeonato suscitou a maior parte dos comentários. Este *post* teve 23 comentários de leitores, todos identificados com um nome, que não necessariamente é o nome real deles. O espaço para comentários aparece sempre em forma de número, ao lado do título, conforme a Figura 4.

Figura 4 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



O ditado espanhol
25 de novembro de 2014 23

Tem uma frase que os espanhóis dizem.

Consigo identificar quando é um espanhol que fala, por Deus que consigo. Espanhol da Espanha, digo, e não um argentino ou um uruguaio ou um colombiano ou qualquer outro de fala espanhola que nós gaúchos chamamos vagamente de “castelhanos”. O acento é diferente.

Acontece que há muito espanhol em Boston. Milhares vagando pelas ruas como touros na arena. Descobri a razão: a sede do Santander nos Estados Unidos fica aqui, na capital de Massachusetts. Então, os diretores do banco na Espanha mandaram cardumes dos seus compatriotas para cá.

Por isso, já ouvi a tal frase algumas vezes por aí.

Ouvi-a de novo nesse fim de semana, e não por acaso: fui a uma exposição de um dos maiores e melhores pintores espanhóis de todos os tempos, Francisco Goya, num dos maiores e melhores museus dos Estados Unidos, o Museum of Fine Arts.

Havia espanhóis à mancha lá, por supuesto, e um deles proferiu a tal frase.

Esse Museum of Fine Arts foi fundado em meados do século 19, é lindíssimo, classudo, repleto de preciosidades, entre elas objetos de arte do Antigo Egito, alguns com mais de 50 séculos de idade.

esporte Interativo
A LIGA É NOSSA

BUSCAR

Perfil

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 01 dez. 2014.

A partir dessa forma de identificação, é possível perceber que dos 23, 21 foram publicados por leitores com nomes diferentes. Apenas um leitor escreveu dois comentários. Vale destacar que em nenhum momento do texto foi citada a dupla GreNal especificamente. E os dois times são citados em 13 comentários, mais da metade das postagens de leitores. Também não se percebe nenhum tipo de diálogo do blogueiro com seus leitores que comentaram, pois o jornalista não responde a nenhum comentário de forma pública.

O *post* apresenta apenas texto, em uma linguagem semelhante ao estilo crônica

dentro do gênero opinativo do jornalismo. É carregado de opinião e percepção pessoal do autor. Em uma das frases o autor escreve: “Um campeonato de pontos corridos tão chato só poderia ser vencido, pela segunda vez, por um time mediano...”. As expressões “chato” e “mediano” demonstram o juízo de valor, as quais o blogueiro assume.

Tais afirmações podem provocar o aparecimento de comentários. Muitos deles têm abordagem crítica ao conteúdo do texto, como um comentário feito por um internauta que se identifica como ‘Laert’. O comentário começa com a frase “Deixe de ser demagogo”. Percebe-se de forma clara uma afronta e uma falta de tolerância ao texto inicial que apresenta uma visão contrária ao do internauta. Outro que se identifica como ‘Sangaletti’, pede para o autor deixar de lado a sua “dor de cotovelo”. Apenas dois leitores comentam o texto de forma construtiva, agregando informações. Os demais dedicam-se a contrariar o texto, numa polarização Gre-Nal, onde, neste cenário, o leitor seria de um time contrário ao do jornalista. No entanto, como no texto inicial, em nenhum momento é tratada a questão GreNal, percebe-se que o foco é desviado.

A postagem do blogueiro não tem nenhuma edição posterior à publicação, de acordo com as informações de horário de postagem disponíveis na página. Da mesma forma, não se percebe a interação entre leitores e autores no corpo do texto. Já no espaço de comentários, percebe-se apenas a presença de respostas ao que foi escrito, distante de um diálogo.

Em certo momento da análise buscou-se observar os estatutos de leitura nessa mídia digital. Por ser o primeiro *post* de análise, fica difícil quantificar o potencial de fidelidade do blog. Neste caso, é importante reproduzir o comentário de um internauta que se identifica como ‘Heitor Ramires’. De acordo com o texto dele “ao se ler o que o blogueiro escreve e o que os seus leitores comentam, nota-se – sem sombra de dúvidas – que foram feitos uns para os outros!”. Tal afirmação, em tom irônico, revela que há uma fidelidade nessas comunidades virtuais, identificadas pelos próprios usuários. Numa postura de quem se diz de fora da conversa, o leitor manifesta sua posição no espaço dos comentários.

5.1.2.2 Ouça o Timeline Gaúcha

O segundo *post* analisado desse blogueiro trata-se de uma união de três *posts*, todos com a mesma característica e o mesmo título: *Ouça o Timeline Gaúcha*, variando

apenas o dia da semana. Como o jornalista participa do programa Timeline da rádio Gaúcha, que faz parte do Grupo RBS, ele posta diariamente o áudio da edição.

Há três postagens em sequência, de terça, quarta e quinta-feira, entre os dias 25 e 27 de novembro, todas com as mesmas características. Dessa forma, o pesquisador entendeu que as análises se tornariam repetitivas, por isso a união dos três *posts* em uma mesma análise. Com a Figura 5, fica mais fácil entender a estrutura da postagem.

Figura 5 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 01 dez. 2014.

A publicação apresenta um título chamando para os internautas ouvirem as edições do programa. Acompanha ainda apenas a data da publicação e o arquivo para acesso. Basta clicar para ouvi-lo.

De qualquer forma, a ferramenta “comentários” está disponível. Das três publicações referentes ao mesmo tema, duas apresentam comentários de internautas. Em uma publicação, são três participações, de autores diferentes. Dois deles sugeriram um

tema em comum para repercussão do jornalista: a votação do novo salário dos deputados pelos próprios parlamentares, que estava sendo discutida no estado naqueles dias e havia sido abordado no programa da rádio. Um terceiro comentou a qualidade do Campeonato Brasileiro, voltando a trazer à tona o tema futebol. Outra publicação recebeu dois comentários, mas neste caso nenhuma relação ao conteúdo do *post*: um leitor desejava Feliz Dia de Ação de Graças e outro publicou um *link* de um clipe musical, sem nenhuma relação com os temas tratados. De certa forma a falta de alinhamento dos comentários ilustra um problema no que diz respeito à comunicação, em uma espécie de conversa sem nexos. Uma terceira publicação não teve comentário. Ponto importante a ser destacado é que neste caso o autor utilizou outro recurso que não fosse o texto, postando um arquivo de áudio, uma possibilidade oferecida pela hipermídia e pela cibercultura.

O que não se percebeu em nenhum momento nesse *post* foi a interação do jornalista com o leitor, já que em nenhum momento houve um retorno dele para os comentários, nem editando a postagem original, nem comentando as opiniões dos internautas. Da mesma forma, não se identificou nenhum leitor assíduo do blog, já que os nomes dos comentaristas não se repetiram em nenhuma postagem.

5.1.2.3 Dia de Ação de Graças

O terceiro *post* analisado foi publicado no dia 28 de novembro, às 6h30min, com o título *Dia de Ação de Graças*. O texto é em formato de crônica em primeira pessoa e valoriza o dia do ano que os norte-americanos escolheram para fazer agradecimentos.

Ao longo do texto, o blogueiro relaciona fatos da sua vida pessoal, com fatos do cenário político, econômico e social do Brasil. No trecho “Gosto disso, de haver um dia dedicado a agradecer às coisas boas da vida. São muitas, realmente. Poderia ficar até a noite aqui, olhando pela grande janela francesa da minha sala, vendo a natureza”, o jornalista apresenta sua visão pessoal.

Ao mesmo tempo, logo na sequência, apresenta uma crítica social: “O Brasil também vive no gerúndio e, quando olho para a educação básica fundamental, para a saúde e para a segurança, que são áreas de responsabilidade dos governos, quando olho para esse lado, estremeço: aí, o Brasil só piorou”.

E é esta crítica social que impulsiona a maior parte dos comentários. A postagem original teve 11 comentários todos de autores diferentes. Importante destacar que nesse

post começaram a se repetir os comentaristas de outros *post*, com os mesmos nomes. ‘Heitor Ramires’ e ‘Felipe’ são alguns deles. Na Figura 6 são reproduzidos alguns tópicos dos leitores.

Figura 6 - Reprodução dos comentários de um *post* do blog, disponível no site do jornal Zero Hora.



The image shows a screenshot of a blog post from Zero Hora. On the left, there are three comments from users Vagner, Heitor Ramires, and Joao. On the right, there is a sidebar with a 'COMPRE ONLINE' button, a 'TOMMY HILFINGER' advertisement, and sections for 'Tópicos recentes', 'Arquivos', and 'Comentários'.

Vagner diz:
28 de novembro de 2014
Felipe falou tudo, é exatamente isto que eu penso.

Heitor Ramires diz:
28 de novembro de 2014
Só uma pergunta paira agora, sobre a rotineira e sabida por todos corrupção, que sempre houve neste país deste as capitánias hereditárias...Por que só agora ela é exposta aos quatro ventos? Por que só agora jornalistas famosos e os insignificantes também colocam a boca no trombone? Por que só agora o povinho brasileiro, sempre tão covarde e omisso, fala da corrupção como se fosse contra esta prática e não apenas sentisse inveja de quem podia ser beneficiado por ela? As coisas estão mudando e para melhor e os brasileiros reagem como aquela mãe que sabe que sua filha é uma prostituta de luxo, mas como ela lhe paga o aluguel e o supermercado, cala e consente! De qualquer forma, bando de titeres inúteis, o Brasil está mudando. Mudando pela força cíclica das transformações pelas quais o mundo passa, independente da imbecilidade das massas. Mudando à revelia da existência de tantos patetas imbecis que ontem tremiam de medo de falar contra o governo e hoje posam de ilibados cidadãos. Quem nasce para mosca gorda JAMAIS chega a ser um vagalume – provérbio antagordês(sic)

Joao diz:
28 de novembro de 2014
O Eça matou a questão no século XIX:
"Políticos e fraldas devem ser trocados de tempos em tempos pelo .."

Tópicos recentes

- Em defesa do Paulo Sant'Ana
- Compre ações da Petrobras
- Ouça o Timeline Gaúcha desta segunda-feira
- Xingado pelos leitores
- Dilma é honesta

Arquivos

- dezembro 2014
- novembro 2014
- outubro 2014
- setembro 2014
- agosto 2014
- julho 2014
- junho 2014
- maio 2014
- abril 2014
- março 2014
- fevereiro 2014
- janeiro 2014
- dezembro 2013
- novembro 2013
- outubro 2013
- setembro 2013

Comentários

- victor em Em defesa do Paulo Sant'Ana
- Joao Carlos em Em defesa do Paulo Sant'Ana
- Marcelo em Em defesa do Paulo Sant'Ana

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 01 dez. 2014.

Dos 11 comentários, oito trataram de temas ligados a situação política, econômica e social do país, relacionando e contrapondo suas opiniões com o autor do texto principal. ‘Heitor Ramires’, que já havia comentado em outro *post*, amplia a discussão a partir do *post* original: “Por que só agora o povinho brasileiro, sempre tão covarde e omisso, fala da corrupção como se fosse contra esta prática e não apenas sentisse inveja de quem podia ser beneficiado por ela?”. Outro leitor que se identifica como ‘Observer’ afirma: “Talvez que o Brasil resistirá a mais um, dois ou vários outros saques, não importa quem o saqueará. Afinal, já tivemos nossos sonhos roubados por tantos!”. Percebe-se uma clara semelhança na linha de raciocínio entre blogueiro e leitores, fortalecendo a ideia de uma comunidade.

No entanto, alguns comentários fogem um pouco à civilidade da democracia. Um dos leitores, identificado como ‘Gabriel Edelmann’ provoca outro leitor, dirigindo-se à ele no comentário: “Francisco, lendo o que você escreveu eu ouvia, ao fundo, a trilha sonora da Noviça Rebelde! Vc é bobo assim mesmo ou está sob o efeito de alguma erva milagreira?”

Todavia, não há nenhuma resposta do blogueiro a qualquer crítica ou opinião levantada pelos leitores, assim como não parece haver edição no texto principal por qualquer intervenção posterior dos internautas. Por fim, ressalta-se que o *post* original não apresentou outras mídias como imagens, vídeos ou áudios, trazendo apenas texto, o que já motivou, por si, uma acalorada tensão entre os leitores.

5.1.2.4 Som de sexta

O quarto *post* analisado foi publicado em 28 de novembro, às 8h08min e tem como título *Som de Sexta*. A postagem é composta por apenas título e um vídeo, de um videoclipe de uma música da cantora neozelandesa Lorde. Na postagem não há nenhum outro texto, a não ser o título. O jornalista não dá nenhuma justificativa quanto ao motivo da postagem da música. O *post* também não possui nenhum comentário, apesar de ter um link disponível para essa opção.

A estrutura da postagem é semelhante às demais, conforme a Figura 7. No entanto, como não há texto do autor e comentários, é possível afirmar que neste caso não houve nenhuma interação dos leitores com o autor, a não ser a possibilidade de clicar no *play* e assistir ao videoclipe.

Figura 7 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 01 dez. 2014.

5.1.2.5 Os negros da América

A quinta postagem analisada deste jornalista foi publicada no dia 30 de novembro, às 6h30min, com o título *Os negros da América*. No texto, o autor trata da questão racial nos Estados Unidos, partindo de um fato de grande repercussão no país da América do Norte, a morte de um rapaz negro por um policial branco.

No texto, ele apresenta a situação relatando a série de protestos que sucederam o fato em diversas cidades. O autor compara a forma como os Estados Unidos e o Brasil encaram o preconceito racial. Segundo o jornalista, nos EUA o racismo é tratado com mais seriedade porque a escravidão “dói” na história do país. Em um dos trechos ele aponta que “A escravidão causou dor aos Estados Unidos. Os americanos sangraram a sofreram. Isso fez com que a luta dos negros se tornasse nacional e, finalmente, constitucional, com a conquista dos direitos civis, nos anos 60 do século passado. A escravidão nunca doeu no Brasil. Nunca”. O jornalista afirma que, no Brasil, houve muita miscigenação, o que faria com que poucos brasileiros seriam 100% negros, diferente dos Estados Unidos. O Brasil teria buscado amenizar a dificuldade dos pobres e não dos negros, em específico. Isso faz com que o Brasil dê menos importância aos negros, na comparação ao país norte-americano.

De acordo com outro trecho do *post*, no Brasil “a questão racial ficou diluída na pobreza comum. De quem é a culpa pelos mais de três séculos de escravidão? De ninguém? Ou de todos? Há racismo no Brasil, é evidente que há, em toda parte do mundo há racismo e aversão às diferenças, só que, no Brasil, a pobreza não tem cor. Nos Estados Unidos tem, e é negra”.

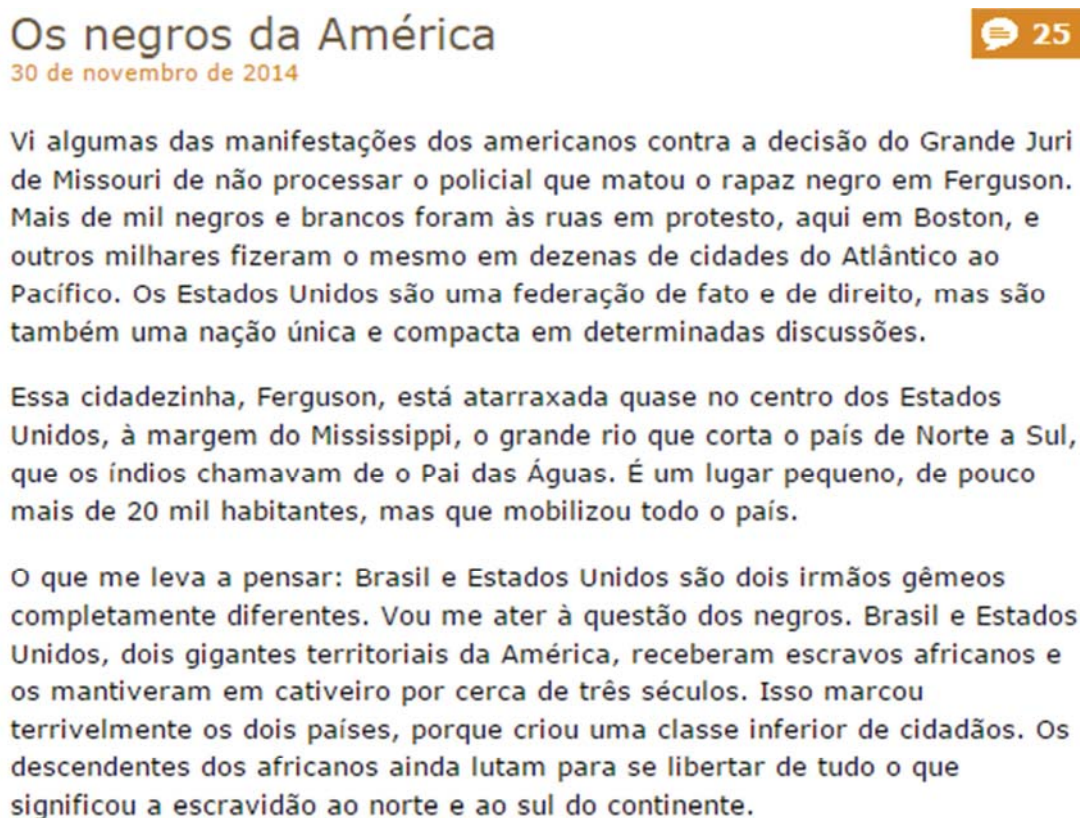
Trechos como esses provocaram comentários de leitores. No total do *post* são 25, todos de autores diferentes. No entanto, analisando cada um deles, percebe-se que 14 estão diretamente relacionados ao tema central do texto. Outros 11 não citam sequer uma linha a respeito do tema, inexplicável e incrivelmente voltando suas considerações para o futebol, especialmente à rivalidade GreNal.

Em nenhum momento, percebe-se manifestação do jornalista respondendo a algum comentário. Também não há trechos de comentários no texto. Todos apresentam-se posterior ao texto original e não ganham repercussão no *post*, por meio do autor. No entanto, destaca-se aqui parte do comentário de um leitor, que se identifica como Francisco, no dia seguinte à postagem. Ao longo de três parágrafos, ele comenta a questão racial, fazendo um resgate histórico e contando uma situação real de preconceito,

presenciada por ele. No entanto, no último parágrafo, traz um comentário manifestando-se diretamente aos demais comentaristas, pedindo que evitem comentários sobre outros temas. Segue trecho do comentário de ‘Francisco’: “O que não acho agradável, é alguns se acharem no direito de contestarem as manifestações de pessoas aqui ou abordarem assuntos diferentes do proposto. Os comentários são dirigidos a ti, respeitosamente, avalizando ou divergindo. Até porque, existem ‘blogs’ específicos para todos os gostos”.

Outro comentarista, que se identifica como ‘Décio’, é mais agressivo ao jornalista, diretamente. Ele pede para que o colunista escreva sobre judeus e palestinos, fazendo uma pergunta: “Tens filosofia barata sobre isso tb?”.

Figura 8 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



Os negros da América
30 de novembro de 2014 25

Vi algumas das manifestações dos americanos contra a decisão do Grande Juri de Missouri de não processar o policial que matou o rapaz negro em Ferguson. Mais de mil negros e brancos foram às ruas em protesto, aqui em Boston, e outros milhares fizeram o mesmo em dezenas de cidades do Atlântico ao Pacífico. Os Estados Unidos são uma federação de fato e de direito, mas são também uma nação única e compacta em determinadas discussões.

Essa cidadezinha, Ferguson, está atarraxada quase no centro dos Estados Unidos, à margem do Mississippi, o grande rio que corta o país de Norte a Sul, que os índios chamavam de o Pai das Águas. É um lugar pequeno, de pouco mais de 20 mil habitantes, mas que mobilizou todo o país.

O que me leva a pensar: Brasil e Estados Unidos são dois irmãos gêmeos completamente diferentes. Vou me ater à questão dos negros. Brasil e Estados Unidos, dois gigantes territoriais da América, receberam escravos africanos e os mantiveram em cativeiro por cerca de três séculos. Isso marcou terrivelmente os dois países, porque criou uma classe inferior de cidadãos. Os descendentes dos africanos ainda lutam para se libertar de tudo o que significou a escravidão ao norte e ao sul do continente.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 01 dez. 2014.

O *post* apresenta apenas texto, sem nenhum recurso de foto, imagem, áudio ou vídeo. Os internautas não comentam este tópico em nenhum momento, uma vez que o foco da postagem parece ser mesmo a mensagem textual. Também não há nenhum registro de edição posterior ao blog, com possível retificação de alguma informação publicada. Permanece, porém, uma dificuldade na comunicação entre leitores: alguns, como

‘Francisco’, não mostram satisfação ou com a abertura das possibilidades de participação, o que, para eles, parece desorganizar o foco, ou, ainda, com a “lateralidade” dos comentários, que envolvem interpelações mútuas entre os comentadores.

5.1.3 Uma rede que pesca peixe, sapato velho, pneu...

É com moderação que o jornalista autor do blog analisado avalia a importância da opinião dos leitores para seu trabalho diário. Conforme a entrevista é preciso filtrar o que lê nos comentários, antes de levar “ao pé da letra” a manifestação dos internautas. Ao afirmar que os leitores podem considerá-lo “gênio ou imbecil” quando concordam ou discordam de suas opiniões, o autor minimiza essa importância. De acordo com ele as novas tecnologias trouxeram vantagens significativas como essa proximidade e a capacidade de uma interação em tempo real, mas, ao mesmo tempo, abriram espaço para opiniões, por vezes, exageradas e que não contribuem tanto com o conteúdo.

O jornalista usa a metáfora de uma rede de pesca para explicar a rede mundial de computadores. Segundo ele, “a web é uma rede, uma rede mesmo, você joga a rede, vem um peixe, vem um pneu, um sapato velho. O leitor, o usuário, vão fazer a triagem”. Porém, ao jornalista cabe também fazer esta triagem. Para o blogueiro, esta foi uma das primeiras diferenças encontradas na rotina de trabalho na rede, em comparação a coluna impressa: o jornalista está em contato constante com os leitores, diferente do jornal impresso, em que é preciso escrever um *e-mail*, uma carta ou dar um telefonema para falar com o jornalista. Essa prática, para o blogueiro, obrigou os jornalistas a terem, mas atenção a tudo o que acontece, já que o leitor é muito atento.

Embora não tenha sido possível perceber na análise dos *posts*, o autor garante que os internautas têm uma parcela significativa de importância na concepção dos assuntos a serem tratados e na forma de abordá-los no blog. A influência dos leitores no texto estaria na origem, quando o jornalista decide o que e como escrever. O jornalista destaca que é preciso oferecer conteúdo de qualidade e de interesse do leitor, caso contrário ele buscará outro local para se informar. “As pessoas vão escolher acessar ele ou não, então essa triagem vai ser feita pelo leitor sempre, seja na internet ou no impresso, o que a gente precisa, para sobreviver nesse mundo é garantir nossa credibilidade e isso se faz com bons textos e com uma relação com o teu público”.

Dos cinco *posts* analisados, três dele tiveram maior repercussão, com dezenas de

comentários. O que chama atenção, no entanto, é o conteúdo dos comentários e a autoria deles. Diferente do que o jornalista afirmou em entrevista, os nomes dos comentaristas variaram muito, não ocorrendo praticamente nenhuma repetição. Ao mesmo tempo, o autor afirma que os internautas que comentam seriam sempre os mesmos. Além disso, os temas divergem muito da postagem original. Há vários casos de comentários completamente desconexos ao texto de origem da postagem, confirmando a fala do jornalista, quando afirma que os internautas são fiéis em segui-lo e, por vezes, passam do limite da civilidade: “Tem aquele cara que se tornou comentarista de blog profissional, tem muitos, muitos, muitos. No meu blog, assim, são dezenas. Aquilo se transforma numa pequena comunidade. Eles se conhecem, discutem entre si. E aí aquilo se transforma numa pequena comunidade, é uma coisa curiosa, eles se conhecem, discutem entre si, tu escreve um texto, quando vê eles estão trocando acusações, se elogiando”.

Por fim, importante ressaltar que as postagens que repercutiram estão diretamente relacionadas a texto. Há postagens com vídeos que não tem a mesma repercussão na forma de comentários. Na entrevista, o autor já havia relatado que utiliza poucos recursos de hipermídia, focando mais no conteúdo textual, aproximando-se da sua origem de jornalista de veículo impresso.

De uma forma geral é possível afirmar que a interação entre jornalista e leitor está concentrada nos comentários, embora muitos sejam desconexos da realidade ou mesmo aparentemente impulsionados por posições pouco reflexivas, contribuindo pouco à discussão e ao conteúdo original da postagem. Porém, é perceptível que a oportunidade de interação é maior quando comparado ao veículo impresso, conforme aponta o próprio autor do blog.

5.2 “Sozinho num lugar distante”

O segundo blog analisado neste capítulo está classificado na editoria “Internacional” ou “Mundo” como alguns autores definem. A página traz fatos e pontos de vista sobre temas relacionados a política internacional, a religião, conflitos entre os povos e conteúdos que tenham relação direta com outras culturas.

O jornalista⁵ responsável pelo blog trabalha há 18 anos no jornal *Zero Hora*.

⁵ O jornalista também é escritor e participou da edição de 2011 da Jornada Nacional de Literatura, para lançar

Atua como repórter há 14 anos e escreve o blog há cerca de dez. Também é colunista do jornal, já atuou na rádio Gaúcha e na RBS TV. Como repórter e colunista, cobriu inúmeros eventos internacionais, onde destacam-se a morte do papa João Paulo II, a eleição de Bento XVI, a catástrofe do furacão Katrina nos Estados Unidos, a eleição de Barack Obama, o resgate dos mineiros no Chile e os conflitos no Líbano e na Síria.

A observação deste blog foi feita avaliando os últimos cinco *posts* disponíveis no dia 30 de novembro 30 de novembro de 2014. No entanto, percebe-se que a página sofreu uma reformulação com atualização significativa. Alguns *posts* foram excluídos entre o período da observação empírica inicial e a análise sistematizada para esta pesquisa. De qualquer forma, embora não muito atuais, manteve-se a escolha pelas últimas cinco postagens até a data estipulada.

A identidade do jornalista é preservada, a fim de manter um caráter exploratório e não no sentido de expor o entrevistado. A análise parte inicialmente da conversa estabelecida com o blogueiro a partir de um roteiro de entrevista.

5.2.1 A entrevista

O jornalista da editoria de “Internacional” ou “Mundo” foi o segundo a responder ao questionário desenvolvido pelo pesquisador. A entrevista ocorreu no dia 14 de novembro de 2014, por meio de Skype. Por cerca de 25 minutos, o entrevistado demonstrou muito interesse em participar da conversa, uma vez que o meio digital tem sido uma área de atuação ampliada. Revelou que pretende, cada vez mais, produzir conteúdo para o mundo digital. Ao mesmo tempo, reconheceu que deixou o blog um pouco de lado em função de outras atividades que assumiu no veículo impresso.

Na entrevista, buscou-se inicialmente entender quais as principais mudanças aconteceram no processo produtivo dele, a partir do início da publicação do blog, ou seja, quando o jornalista inseriu-se no mundo virtual. De acordo com o blogueiro,

o que todo jornalista, na minha opinião, quer, é aumentar o número de receptores da tua mensagem. No momento que surgem as plataformas digitais elas possibilitam isso. Eu acabei entrando na ideia de jornalista multimídia justamente por isso, porque eu via no blog a possibilidade de expandir o meu conteúdo, chegar ao maior número de pessoas (resposta 1).

Ele conta que começou a perceber que o blog permitia uma linguagem mais informal que o jornal impresso.

A grande vantagem dos meios digitais, especialmente daquele momento que eu comecei em 2005, um pouco antes, foi a possibilidade de agrupar todo o meu conteúdo, em um primeiro momento, e também, paralelo a isso, a possibilidade de estreitar a relação com o público (resposta 1).

O jornalista atuou em várias coberturas internacionais e o blog auxiliava neste trabalho. Muita coisa que acontecia em outro país acabava virando conteúdo do blog.

Muitos bastidores. E isso numa cobertura internacional é muito legal porque tu tá sozinho num lugar distante, comunicando para o teu público, né, o público da RBS, aqui do Rio Grande do Sul. O blog surge como esse elo. As pessoas vão comentando, sugerindo pautas, vão comentando (resposta 1).

Para o jornalista, está na capacidade de interação outra vantagem significativa com relação aos demais veículos.

Quebra um pouco aquela rotina básica do jornalismo, com editor, revisão e publicação no dia seguinte. Com blog você tem publicação imediata, você tem vários deadlines, e tu é o próprio editor do teu texto. Então surge esse feedback da correção, o leitor vai lá, vê algo errado, te fala e tu corrige. Se quebra na comunicação aquele modelo clássico, matemático, funcionalista, de autor, receptor, canal.... o público passa a ser colaborador e quebra um pouquinho aquela suposta arrogância do jornalista de que ele é o único emissor da informação, começa a virar uma coisa colaborativa (resposta 7).

A possibilidade de abertura total, sem noção de fechamento, como funciona um jornal impresso, também agrega valor ao conteúdo do blog, na opinião do blogueiro.

Eu não acho que a notícia precise ser publicada 12, 24 horas depois. Ela tá acontecendo a todo o tempo, cria quase uma linha direta com o leitor que te acompanha em tempo real. Ele tá o tempo todo ali, te lendo, te criticando, te acompanhando, festejando (resposta 4).

Por atuar muito tempo fora da redação, em coberturas internacionais, o jornalista passou a utilizar o blog como plataforma de hipermídia, com vídeos, fotos, texto, imagens e áudios.

A gente começa a perceber que os blogs precisam de fotos, cada vez mais, que precisam de atualização constante porque um post sem foto tem pouca audiência. É um pouco da lógica hoje das redes sociais. Tinha possibilidade de colocar várias fotos e também ser um espaço infinito. Enquanto que no papel a gente tinha a coluna do repórter em viagem, o Diário do Vaticano, Diário do Oriente Médio, Diário da Eleição Americana, onde você tinha possibilidade de escrever cinco, seis notas. No blog você coloca várias (resposta 3).

Todavia, o próprio jornalista faz uma ressalva quanto ao atual estágio do blog, praticamente “abandonado”, uma vez que assumiu outras funções no veículo. Quando questionado sobre a influência do leitor na hora de escrever um texto na página, o jornalista reconhece essa importância.

Na redação do texto, basicamente, não influencia muito, mas na maneira de pensar a pauta sim, influencia. [...] No momento que vem uma sugestão, uma crítica, uma colaboração de um internauta do blog, você pensa que aquilo ali pode te ajudar a direcionar a tua cobertura. Quando vem uma sugestão, você avalia se dá prá fazer. No meu discurso não influencia tanto, mas na maneira de pensar a pauta (resposta 2).

No que diz respeito a interação leitor-autor, o jornalista não dá nenhum exemplo prático que tenha acontecido realmente, mas adianta que o leitor de blog ainda está em formação, ficando difícil até avaliar a contribuição dele nessa relação interativa.

O público do blog é diferente do jornal papel. É um cara que cada vez mais entra nas redes sociais em contato contigo, é um cara que tá na internet, que vai no teu blog via internet e não pelo jornal. Ele não te busca porque te lê no jornal. O público do papel é diferente do site e a linguagem do blog te permite ser um pouco mais descontraído (resposta 5).

Essa diferença demonstra a dificuldade em fidelizar um leitor com maior número de opções a cada dia. Na discussão sobre os estatutos de leitura do mundo virtual, torna-se cada vez mais difícil definir o que esse internauta busca.

O público da internet não é fiel, é um cara que se o concorrente oferece uma coisinha a mais ele já vai. A todo o momento existe uma sede de novidades, de atualização, de coisas novas e você precisa chamar a atenção dele o tempo todo. [...] Essa geração já criada assim que começa a ler e consumir produtos digitais, já nasce digital, é muito crítica, mas é muito volátil. Não gostei desse cara, vou ler outro. O cara do papel não, ele acredita na marca, ele acha que ela tem credibilidade e acredita. Então é mais fácil de lidar com ele (resposta 6).

Com relação aos comentários de internautas, o jornalista revela que faz mediação, impedindo, inclusive, a publicação de alguns textos. Como trata de temas polêmicos como religião, cultura e política internacional, já viu-se obrigado a suspender determinados comentários que se direcionavam a outros grupos de maneira preconceituosa e ofensiva. Após a síntese das principais ideias defendidas durante a entrevista, parte-se agora para a observação sistematizada do blog de editoria “Internacional”.

5.2.2 Os posts

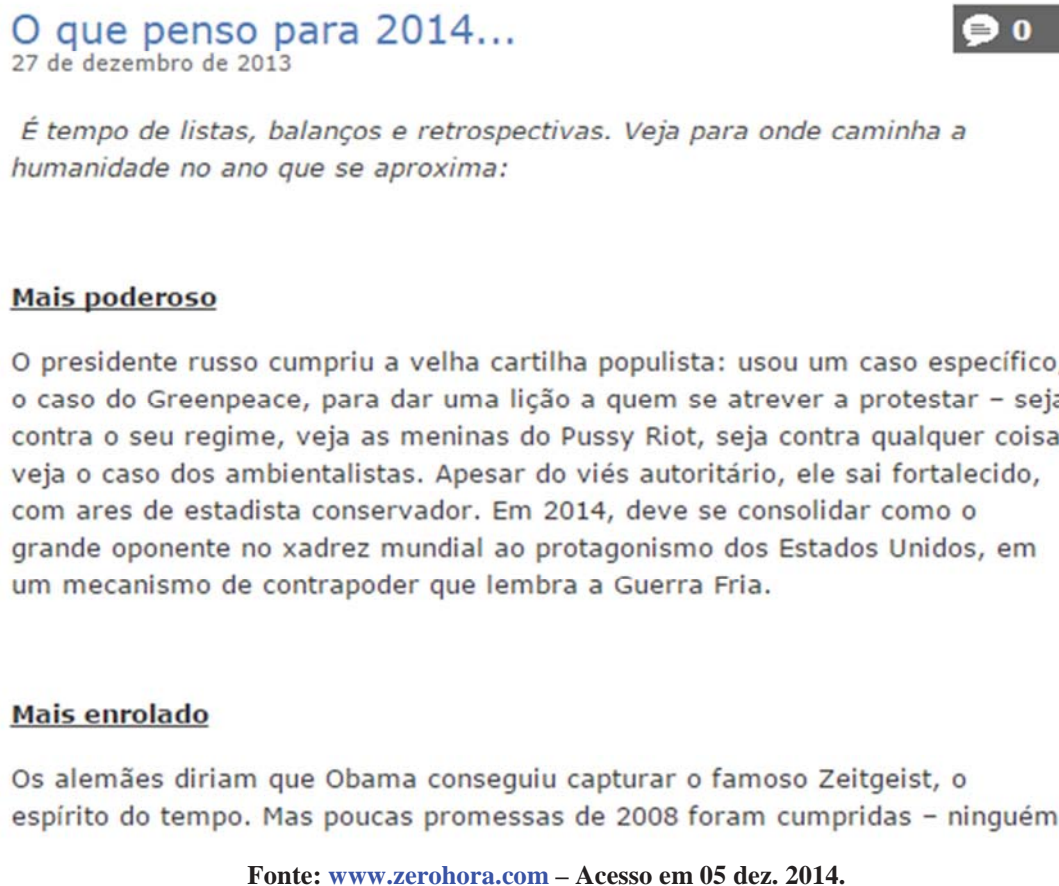
O blog analisado aparentemente passou por uma “limpeza” antes do período da análise. Como citado anteriormente, entre o período da escolha dos *blogs* e esta análise, efetivamente, várias postagens desapareceram do blog. Conforme o blogueiro citou na entrevista, durante alguns meses ele deixou a página de lado para dedicar-se a outras funções no jornal impresso. Por isso, no período analisado, não há nenhum *post* atualizado. De qualquer forma, respeitou-se a decisão de analisar as últimas cinco publicações até 30 de novembro de 2014. As postagens não respeitam dias e horários fixos, sendo publicadas de forma aleatória.

5.2.2.1 O que penso para 2014

O primeiro *post* analisado tem data de 27 de dezembro de 2013 e foi publicado às 0h14min, com o título *O que penso para 2014*. No texto, o jornalista apresenta uma lista de 12 assuntos da política internacional que poderão ser destaques no ano seguinte. Entre os assuntos, ele trata da guerra na Síria, da relação política entre os países, como Estados Unidos e Irã, da guerra civil na Ucrânia, do centenário do início da 1ª Guerra Mundial e da inauguração do novo prédio norte-americano que substitui as torres gêmeas, derrubadas por terroristas em 2001.

O *post* é composto por título, linha de apoio e 12 tópicos (subtítulos). Não há nenhuma imagem, vídeo ou áudio. O texto é em terceira pessoa e não cita nenhuma fonte de onde o autor tenha buscado tais informações. Trata-se de um relato de emissor para leitor, que não indica o leitor como fonte em nenhum momento.

Figura 9 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



Conforme percebe-se na Figura 9, o link para comentários está em zero (0), ou seja, o *post* não apresenta nenhum comentário de leitores. Também não se percebe referência a um possível complemento que a presença dos leitores tenha dado ao texto. A postagem assemelha-se ao jornal impresso, onde não há nenhuma relação de interação com o leitor, a não ser a possibilidade do leitor fazer a leitura do texto.

5.2.2.2 A Iugoslávia está morta. Viva a Iugoslávia

O segundo *post* analisado foi publicado no dia 29 de dezembro de 2013, às 22h28min, com o título *A Iugoslávia está morta. Viva a Iugoslávia*. No texto, o jornalista faz um resgate histórico do período da Guerra Fria, quando o mundo era dividido entre americanos e soviéticos, após o fim da 2ª Guerra Mundial e a extinta Iugoslávia resistiu à Rússia. O ponto central do texto é a nostalgia causada atualmente quando recupera-se a

história do país soviético.

O *post* é composto apenas por texto, sem usar imagens, vídeos ou áudios. O texto é em terceira pessoa, num formato de narrativa, contando passagens importantes do país soviético no século passado. A Figura 10 reproduz um fragmento da postagem.

Figura 10 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.

A Iugoslávia está morta. Viva a Iugoslávia

29 de dezembro de 2013

Quem esteve em Berlim nos últimos 25 anos certamente recorda a cena: nos arredores de Checkpoint Charlie ou nos arredores de Potsdamer Platz, dezenas de lojas ou ambulantes vendendo todo tipo de souvenir da antiga Alemanha Oriental. São máscaras contra armas químicas, réplicas de passaportes com o carimbo da República Democrática Alemã (RDA), pedaços do Muro e adesivos do hoje ícone pop bonequinho do semáforo do lado leste da antiga cidade dividida. Na Alemanha, esse fenômeno ficou conhecido como Ostalgia (nostalgia do Ost, Leste). No fundo, uma busca desenfreada por referências que se perderam da noite para o dia. Hoje, passados 25 anos da queda, pouco ficou desse sentimento – quase tudo virou business.

Se no caso alemão a nostalgia alimenta o turismo, mais à direita do mapa-múndi foi a crise econômica que despertou esse sentimento. Na capital da Eslovênia, Liubliana, uma exposição que vai até o dia 28 de fevereiro resgata o suposto lado light do ex-ditador Josip Broz Tito, o homem que, da II Guerra Mundial até sua morte, em 1980, manteve unida a fôrceps a Iugoslávia.

Não é de hoje a chamada Iugosnostalgia. Uma das tantas biografias do marechal, Tito e seus Camaradas, escrita por Joze Pirjevec, mantém-se há dois anos entre as obras mais lidas do país. Para os nostálgicos, é inevitável lembrar o bom padrão de vida e a liberdade para cruzar as fronteiras ocidentais, algo impensável para os demais cidadãos do bloco soviético – Tito rompeu com Stalin em 1948 e manteve o país fora da esfera de influência de Moscou. Também dizem que bastou sua morte para que o país se despedaçasse em uma série de guerras nos anos 1990. Ignoram talvez o fato de a Iugoslávia

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 20 dez. 2014.

Em nenhum momento percebe-se a presença do leitor no texto. Conforme citado, a postagem é um relato narrativo baseado na experiência do autor o texto. Não há referência a alguma participação dos leitores. O texto não aparenta ser uma resposta aos internautas, sob nenhum aspecto.

Como elemento interativo que pode ser identificado no texto está a presença de dois comentários no espaço reservado a participação dos leitores. Os comentários são de

dois internautas diferentes, identificados como ‘Fabio F.’ e ‘Rogério Maestri’. ‘Fabio F.’ é o primeiro a comentar e apresenta um relato de experiência de quando visitou a Hungria para fazer um comparativo com a Iugoslávia. Na opinião dele, a nostalgia e o orgulho pelo passado da Iugoslávia não se repetem na Hungria. Segundo ele, o país prefere não lembrar muito do período pós 2ª Guerra Mundial. O assunto do comentário está diretamente ligado ao tema principal.

O segundo comentário é de ‘Rogério Maestri’, no mesmo estilo do anterior, comparando os passados de Hungria e Iugoslávia, referentes ao período pós 2ª Guerra. O que chama atenção no comentário é a citação que o leitor faz ao primeiro internauta a comentar. Ele começa com “Fábio, a diferença é muito grande...” e desenvolve todo seu texto no sentido de explicar ao outro leitor algumas informações referentes ao tema.

Percebe-se que o segundo comentário fez uma tentativa de conversar com o outro leitor, o que até o dia da análise não havia recebido resposta nem do outro leitor, nem do autor do blog. A interação foi até o segundo comentário, sem respostas do blogueiro ao que o internauta comentou. Em nenhum momento há respostas do jornalista para dar sequência ao assunto, nem há outra referência de leitores que possam vir a comentar o comentário observado.

Mesmo assim, parecem, já aqui, evidenciar-se dois elementos de distinção nessa editoria quanto aos que se apresentam nos posts em comparação à editoria anterior: poucos comentários, mostrando que as temáticas não são de amplo acesso, para um público extenso; comentários equilibrados, sem os excessos na opinião e sem ataques, seja contra o jornalista, seja entre os leitores. Mesmo sendo um tipo de leitor em formação, como diz o blogueiro, o leitor de blog dessa editoria é diferenciado, viajado, ciente de problemas internacionais.

5.2.2.3 O ano da virada

O terceiro *post* analisado deste blog foi publicado no dia 5 de janeiro de 2014, às 13h14min com o título *O ano da virada*. O *post* é composto apenas por texto, sem o uso de hipermídia (imagens, vídeos ou áudios).

No texto, o blogueiro faz uma análise do cenário político dos Estados Unidos, antecipando que 2014 seria um ano decisivo para o futuro do governo de Barack Obama, já que aconteceriam eleições importantes para o país, na Câmara e no Senado Federal. O

texto é todo baseado na experiência do jornalista, sem citar fontes nem relacionar o conteúdo a participação dos leitores. Não há conversa com os internautas. Conforme a Figura 11, é possível perceber que não há nenhum comentário dos leitores, já que o ícone dos comentários aparece em zero (0).

Figura 11 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.

O ano da virada

05 de janeiro de 2014



Passado o primeiro ano da Era Obama 2 na Casa Branca, o presidente americano enfrenta um 2014 decisivo para deixar uma marca, aquela pela qual será lembrado e cobrado pela História. Com a reputação chamuscada dentro e fora dos Estados Unidos devido ao escândalo de espionagem, o democrata terá, em novembro, a chance de ver criadas as condições para uma mudança de peso no Congresso, que tantas dores de cabeça causaram ao presidente até aqui. Nas eleições, estarão em disputa todas as 435 cadeiras da Câmara dos Representantes, atualmente com maioria republicana, e 35 dos cem assentos no Senado, onde os democratas são maioria. O cenário não é otimista: uma virada democrata na Câmara é difícil, e, no Senado, pesquisas mostram que os republicanos avançam, podendo assumir o controle da Casa. A oposição no comando do Congresso amarraria ainda mais as mãos de Obama no ano legislativo, entre janeiro de 2015 e janeiro de 2017, justamente o trecho final do governo.

Em 2014, os movimentos pró-imigração devem cobrar do presidente a conta pela não aprovação de medidas para facilitar a vida de imigrantes – uma de suas principais bandeiras em 2008. Os republicanos veem na legalização de 11 milhões de pessoas uma “anistia para ilegais”.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 21 dez. 2014.

Não é possível encontrar nenhuma relação estabelecida com os leitores, a não ser a possibilidade que os internautas têm de ler o texto originalmente escrito. Se há alguma relação interativa estabelecida, ela não aparece em nenhum momento neste *post*. Isso, contudo, não está na ordem do que o ambiente pode ou não oferecer, mas do que o conteúdo exige para que o leitor possa entender e comentar, a coluna.

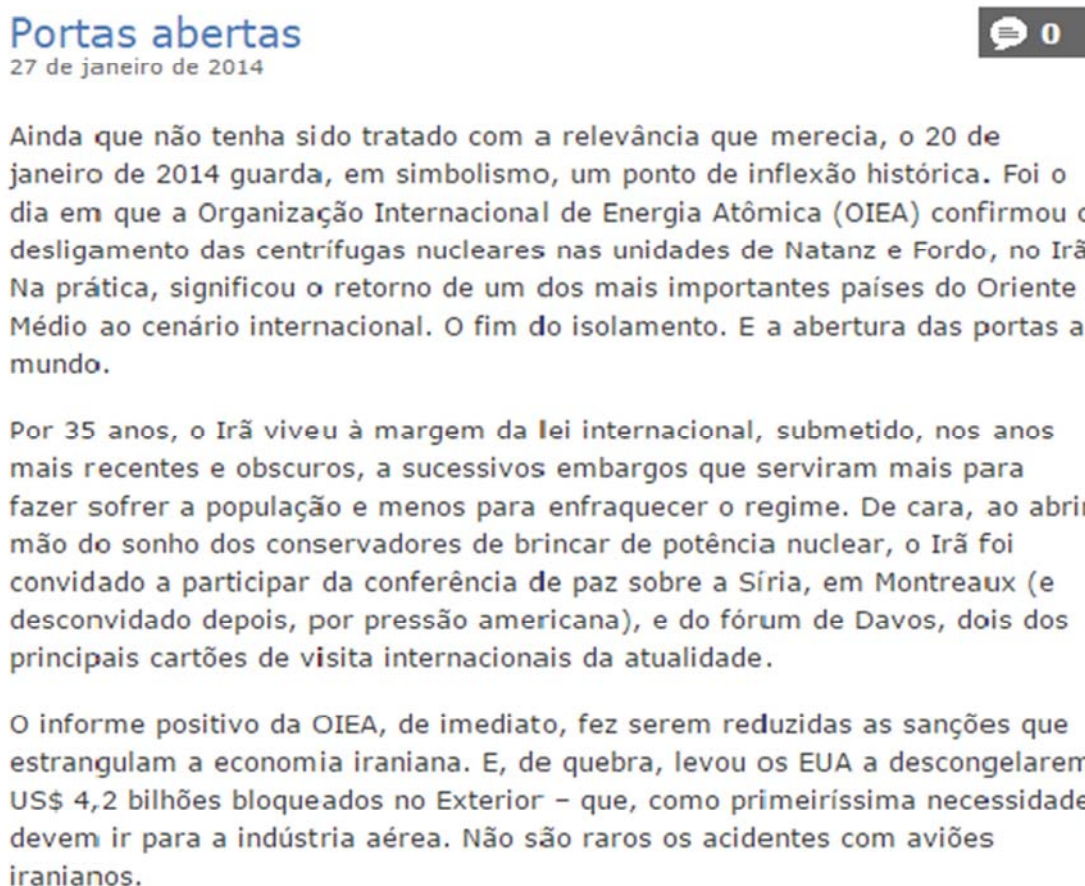
5.2.2.4 Portas abertas

O quarto *post* analisado foi publicado originalmente em 27 de janeiro de 2014, às 0h29min com o título *Portas abertas*. O *post* traz um texto do autor analisando o fim da operação do Irã para desenvolvimento de energia nuclear, um alívio para os demais países do mundo, na opinião do jornalista.

O texto é analítico e não usa nenhum recurso de hipermídia, como links, áudios, vídeos ou imagens. A publicação resgata o histórico do Irã no desenvolvimento de armas nucleares, que colocavam o mundo sob tensão. O título faz referência ao novo momento, de abertura internacional, após o anúncio do fim das pesquisas.

Conforme a Figura 12 revela, não há nenhum comentário de internautas referente ao texto, deixando de lado a possibilidade interativa viável na plataforma. Como não aparece nenhum texto escrito por leitores, deixa transparecer que não houve uma interação de fato.

Figura 12 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



Portas abertas
27 de janeiro de 2014

Ainda que não tenha sido tratado com a relevância que merecia, o 20 de janeiro de 2014 guarda, em simbolismo, um ponto de inflexão histórica. Foi o dia em que a Organização Internacional de Energia Atômica (OIEA) confirmou o desligamento das centrífugas nucleares nas unidades de Natanz e Fordo, no Irã. Na prática, significou o retorno de um dos mais importantes países do Oriente Médio ao cenário internacional. O fim do isolamento. E a abertura das portas ao mundo.

Por 35 anos, o Irã viveu à margem da lei internacional, submetido, nos anos mais recentes e obscuros, a sucessivos embargos que serviram mais para fazer sofrer a população e menos para enfraquecer o regime. De cara, ao abrir mão do sonho dos conservadores de brincar de potência nuclear, o Irã foi convidado a participar da conferência de paz sobre a Síria, em Montreaux (e desconvidado depois, por pressão americana), e do fórum de Davos, dois dos principais cartões de visita internacionais da atualidade.

O informe positivo da OIEA, de imediato, fez serem reduzidas as sanções que estrangulam a economia iraniana. E, de quebra, levou os EUA a descongelarem US\$ 4,2 bilhões bloqueados no Exterior – que, como primeiríssima necessidade, devem ir para a indústria aérea. Não são raros os acidentes com aviões iranianos.

Buscou-se ainda identificar se a presença do leitor se manifestava de alguma outra forma ao longo do texto, como na contribuição com alguma informação, na sugestão de temas ou na retificação de determinado dado. Todavia nada disso foi encontrado.

5.2.2.5 A questão dos túneis

O último *post* analisado deste blog foi publicado no dia 31 de julho de 2014, às 13h47min, com o título *A questão dos túneis*. O *post* é composto apenas por texto, sem usar recursos de hipermídia, como vídeos, fotos, links ou áudios. No texto, o jornalista narra algumas passagens da história mundial recente em que os túneis foram usados como estratégias de guerra, comparando a situação atual do Oriente Médio, na Faixa de Gaza, onde comida e remédios só chegam por meio dos túneis.

O *post* original tem dois comentários de leitores diferentes, identificados como ‘Ronaldo’ e ‘Rogério Maestri’. Em ambos, o tema central do *post* é respeitado, os dois comentam a questão dos túneis na Faixa de Gaza e no Vietnã, conforme a Figura 13.

Figura 13 - Reprodução de comentários de um *post* do blog, disponível no site do jornal Zero Hora.

Comentários (2)

Ronaldo diz:

31 de julho de 2014

Eu diria que o objetivo Israelense não são os túneis, dou outro nome ao massacre: "plano Grande Israel", apoiado por Reuven Rivlin (que em 2014 foi eleito presidente do Estado de Israel).

De ultradireita, Rivlin defende e incentiva a multiplicação dos "assentamentos" israelenses em terras da Cisjordânia.

Aliás, gostaria que o estimado jornalista, escrevesse um pouco sobre a invasão de terras palestinas por Israel, apesar da "condenação" da ONU.

Rogério Maestri diz:

16 de dezembro de 2014

Há grande diferença nos fatos:

Primeiro, a extensão das fronteiras é muito menor.

Segundo, o solo para escavar em Israel é muito pior (rochoso enquanto no Vietnã é argiloso).

Terceiro, nos dias atuais há tecnologia de baixo custo (GPR) para a detecção de túneis subterrâneos.

Ou seja se Israel não os acha é porque não quer!

Primeiro a publicar comentário, ‘Ronaldo’ apresenta suas ideias comentando o texto original, mas faz uma provocação ao jornalista ao citar: “Aliás, gostaria que o estimado jornalista, escrevesse um pouco sobre a invasão de terras palestinas por Israel...”. Contudo, não percebe-se resposta do jornalista, nem de forma imediata, nem posterior, em forma de novo *post*.

O segundo comentarista, ‘Rogério Maestri’, também apresenta seu ponto de vista sobre o tema. Não faz nenhuma menção direta ao jornalista ou ao outro leitor que comentou. O importante a destacar aqui é a repetição do comentarista, que já havia se manifestado em outro *post* do mesmo blog, inclusive comentando na mesma data. A presença de ‘Rogério Maestri’ comentando em dois *posts* revela que há certa fidelidade por parte do leitor a página do jornalista.

De qualquer forma, é fundamental destacar aqui que a interação na publicação limita-se a dois comentários ao texto original, sem demonstrar outros elementos como presença do leitor no texto, participação dele como fonte e interação efetiva entre ambos.

5.2.3 Influência ao pensar a pauta

Não é na possibilidade de interação efetiva que se fortalece a figura do leitor neste blog analisado. Ao afirmar que o leitor influencia o texto a partir da sua origem, o blogueiro deixa a entender que a troca de comentários, a conversa no espaço dos leitores e a interação real não têm tanta relevância e destaque na sua página.

De fato, foi isso mesmo que se percebeu ao analisar os cinco *posts* descritos anteriormente. Dos cinco *posts*, três deles não tiveram nenhuma participação de leitor por meio de comentários, o espaço para os leitores permaneceu zerado. Outros dois *posts* tiveram dois comentários cada, mas nenhum deles teve sequência enquanto fluxo de interação. Percebe-se que os leitores postaram seus textos, seus pontos de vista, e não foram respondidos pelo jornalista.

Também buscou-se identificar de que forma aparece o leitor no *post* original, uma vez que, na entrevista, o jornalista informou que tem participação frequente dos leitores: “o leitor vai lá, vê algo errado, te fala e tu corrige. Se quebra na comunicação aquele modelo clássico, matemático, funcionalista, de autor, receptor, canal... o público passa a ser colaborador e quebra um pouquinho aquela suposta arrogância do jornalista de que ele é o

único emissor da informação, começa a virar uma coisa colaborativa”. Porém, em nenhum momento foi citada a presença de qualquer internauta como colaboração, em nenhuma das publicações.

Por outro lado, o jornalista lembra que a participação do leitor pode estar na concepção da pauta, do texto, na forma de tratar determinado assunto. Conforme o blogueiro, “no momento que vem uma sugestão, uma crítica, uma colaboração de um internauta do blog, você pensa que aquilo ali pode te ajudar a direcionar a tua cobertura. Quando vem uma sugestão, você avalia se dá prá fazer. No meu discurso não influencia tanto, mas na maneira de pensar a pauta”. Todavia, esse tipo de contribuição não foi possível identificar pela análise, uma vez que o jornalista pode utilizar de alguma sugestão sem citar que está fazendo isso a partir de uma colaboração externa.

Outro elemento que não se percebe na prática é a utilização de hipermídia. Em todos os cinco *posts*, só foi possível observar texto. Nenhum deles apresentou vídeos, fotos, imagens, áudios ou links. A prioridade integral foi utilizar texto para falar aos internautas. No entanto, na entrevista, o jornalista apontava a necessidade de utilizar outros recursos nas publicações: “A gente começa a perceber que os *blogs* precisam de fotos, cada vez mais, que precisam de atualização constante porque um *post* sem foto tem pouca audiência. É um pouco da lógica hoje das redes sociais”. O que se percebe, porém, é que a teoria não se concretizou na prática.

Último objeto de análise, a possibilidade de abertura total não parece se concretizar no blog, uma vez que as postagens são de dias alternados, sem nenhuma sequência lógica. Também percebe-se que a oportunidade de retificação, alteração ou acréscimo de informações é pouco explorada na página.

5.3 “O debate ficou muito pobre”

O terceiro blog analisado nesta pesquisa trata de assuntos relacionados à política, especialmente do estado e do país. Dessa forma está classificado na editoria de “Política”. O jornalista responsável está há mais de 20 anos no jornal *Zero Hora*, além de trabalhar em outros veículos do grupo RBS como a TVCOM e a Rádio Gaúcha.

Percebe-se inicialmente que o blog apresenta atualização constante, quase todos os dias. Em alguns dias há mais de uma postagem diária. Também não horários fixos para as postagens, sendo possível encontrar textos nos mais variados períodos.

Nesta análise, observam-se os últimos cinco *posts* publicados pelo blogueiro até a

data estipulada na metodologia, 30 de novembro de 2014. A identidade dele é preservada, conforme combinado previamente, a fim de manter um caráter exploratório e não no sentido de expor o entrevistado. A análise parte inicialmente da conversa estabelecida com o blogueiro a partir de um roteiro de entrevista.

5.3.1 A entrevista

O jornalista da editoria de “Política” foi o terceiro a responder ao questionário desenvolvido pelo pesquisador. A entrevista foi realizada no dia 20 de novembro de 2014, pessoalmente em Passo Fundo, durante uma viagem do jornalista. Durante cerca de 40 minutos, o entrevistado demonstrou interesse em participar da conversa. Disse que é um assunto que considera de extrema importância para os jornalistas na atualidade, porque devem expandir seu trabalho para outras mídias, mas revelou certa descrença sobre a importância da interação com os leitores. Contou que atualmente tem pouco tempo para conciliar todas as atividades jornalísticas, já que atua em outros veículos e possui perfis pessoais em diversas redes sociais, como Instagram, Twitter, Facebook e Tumblr.

Embora a conversa tenha ocorrido quase um mês após o segundo turno das eleições, que elegeram José Ivo Sartori ao governo do Rio Grande do Sul e reelegeram Dilma Rousseff ao Palácio do Planalto, ele contou que a repercussão do pleito ainda era o tema central de seus *posts* e dos comentários, especialmente por ser um colunista que se dedica exclusivamente à política.

Uma das primeiras preocupações da entrevista foi entender qual a mudança que se estabeleceu no processo produtivo a partir do ingresso do jornalista no meio digital, passando a escrever também nas páginas virtuais. Segundo ele, a maior preocupação foi com a linguagem.

A primeira preocupação que eu tive foi encontrar uma linguagem para cada. Eu já trabalhei em praticamente tudo o que você pode imaginar. Comecei minha carreira em assessoria de imprensa, depois fui para o rádio e só depois fui para o jornal. Meu maior tempo de carreira é em jornal impresso. Mas depois quando a gente começou a apostar em jornalismo digital, a minha primeira experiência foi com o blog. Ninguém tinha blog, alguns jovens tinham fotologs. É muito antigo. No jornalismo começaram a nascer os blogs. O meu foi um dos primeiros. Me dediquei muito, me empolguei muito. Eu achava que era um grande negócio. Aí fui descobrindo qual seria a linguagem. Fui tateando, porque não existia uma fórmula (resposta 1).

O jornalista resgata que teve muita motivação quando começou a escrever a página digital, especialmente pela possibilidade de receber feedbacks imediatos sobre seus textos, o que diferenciava do jornal, em que o leitor não tem essa possibilidade tão à mão. Todavia, a proliferação de comentários mal-intencionados o fez mudar de percepção com o passar do tempo.

O que eu perdi o encanto no blog foi por conta dos comentaristas. No início era bacana. Era pessoas legais que faziam críticas construtivas, tinha um debate. Aí começaram a entrar uns “crackeiros” digitais, pessoas negativas, que acordam de mal com a vida e começam a agredir os outros. Eu fico incomodada por dar carona a esses comentários, ser a “tartaruga” que dá carona em sua casca aos “crackeiros” que ficam se agredindo. Perdi gosto pelo blog em função de muitos comentários. Muita gente entra lá de forma anônima. Porque eu tenho nome, tenho rosto, as pessoas sabem quem eu sou, digo onde eu moro, tenho uma rotina. Aí tenho que ficar lidando com pessoas que não são capazes de colocar a cara, que dão apelidos idiotas. Um sujeito que escreve no meu blog, o apelido dele é “aroto”, olha que coisa nojenta. Então eu só mantenho esse blog porque eu ainda tenho esperança de que isso melhore, que a gente encontre um caminho que a pessoa só comente se puder colocar seu nome. Hoje há uma moderação, então eu veto muita coisa com palavrões e palavras agressivas. Comecei a fazer isso porque muitas pessoas legais começaram me perguntar o porquê eu deixava aqueles comentários lá, porque eu não ganho nada para ficar recebendo ataques de pessoas mal-educadas. Então o debate ficou muito pobre. Hoje o debate que se dá no meu blog é muito pobre, pessoas que se agredem, é o Petralha contra o Coxinha. São termos que eu nunca uso. Eu publico um post sobre alguma coisa e eles ficam se agredindo por outras. Como tenho muita coisa, sou obrigada a escolher prioridades e no caso não é o blog. Tem pessoas que não valorizam o trabalho, tão ali apenas para vomitar ódio (resposta 1).

O jornalista aponta que hoje o blog ganhou diversos concorrentes, como as redes sociais. Na opinião dele, a participação dos internautas nestas plataformas é mais positiva, já que todos se identificam, diferente do blog, em que é possível postar de forma anônima. Já no sentido de aproximação com as redes sociais, o jornalista cita a possibilidade de abertura total, sem deadline, uma das grandes vantagens do blog em comparação às mídias tradicionais.

Se eu tivesse mais tempo eu investiria mais nele, se tivesse comentários mais produtivos eu teria mais gosto por ele. Porque tem várias coisas no blog que eu acho muito interessantes, positivas. Uma delas é essa, a possibilidade de ficar atualizando (resposta 4).

Sobre o uso de outros recursos que não sejam textuais, o jornalista revela ainda pensar de forma “analógica”, como mesmo afirma. O ideal, segundo o blogueiro, seria utilizar outros recursos como vídeos e áudios, o que não acontece em função da escolha

por outras mídias.

Sei que tenho que aproveitar a possibilidade que o digital me dá de não ter a limitação da página impressa. Mas claro que preciso de uma readequação, especialmente no que diz respeito aos comentários (resposta 3).

O blog ainda se mantém porque o jornalista entende ser “obrigatório” no mundo digital, já que não se pode perder espaço. Pelo contrário, deve cada vez mais ampliar as ferramentas.

Eu quero ter credibilidade no digital como tenho no impresso. Tô completando 11 anos com uma coluna diária, num grande jornal, num tema árido, num estado grenalizado. Recebi dos meus colegas neste ano o prêmio de colunista de opinião de jornal do ano. As pessoas me ouvem, me leem porque sabem da seriedade então eu tenho que ter essa mesma credibilidade no digital (resposta 8).

Com relação a forma de interação existente no blog, o jornalista aponta ser praticamente nula. Como a maioria dos comentários não são construtivos, praticamente não há interação estabelecida com o conteúdo do blog. Para o blogueiro, a principal ferramenta de interação atualmente é o Twitter.

‘Prá’ falar bem a verdade, no blog, os comentários não me preocupam muito. Eu só não ignoro porque eu preciso passar por eles na ferramenta, porque é uma coisa que não me acrescenta nada. De cada 30 tira um que se aproveita, porque a maioria é essa baixaria. Então eu escrevo o que tem que escrever, não me influencia em nada, deixa que eles fiquem se agredindo lá (resposta 2).

Sob esse aspecto, quando perguntado na questão 5, sobre a presença do leitor e seu retorno imediato, o jornalista novamente é cético quanto à real importância.

Eu não quero falar muito sobre o leitor porque eu não sei quem é exatamente esse leitor. Eu conheço o comentarista de blog, que muitos deles são seres abomináveis, porque não fazem outra coisa a não ser ficar ali destilando o ódio nos comentários. [...] Tiro muito pouco de positivo. Eu tenho um projeto para o blog, que eu quero transformá-lo em site, torna-lo mais plural, eu não falo apenas sobre política, voltar a valoriza-lo. Quero começar a ter comentários que eu não preciso moderar, mas que seja vinculado a alguma conta, desde que ele mostre a cara. Porque aí eu vou readquirir o prazer de escrever ‘prá’ elas, não gosto de escrever ‘prá’ gente má, que tá ali apenas para esculhambar, avacalhar (resposta 5).

Destacadas as principais ideias do jornalista na entrevista, parte-se agora a

observar de forma sistemática cinco *posts* do blog citado, com o objetivo de identificar como se estabelece a relação entre leitores e blogueiro, relacionando a observação aos pontos principais da entrevista.

5.3.2 Os *posts*

As publicações do jornalista não estão relacionadas a horários específicos de postagem. Há atualização constante do blog, inclusive com mais de um *post* por dia, da mesma forma que há dias em que não há publicações novas. A dinâmica das publicações, possivelmente associada à da redação, parece estar vinculada ao que se mobiliza dos acontecimentos políticos que a editora cobre.

5.3.2.1 Nem tudo está perdido

O primeiro *post* analisado foi publicado dia 24 de novembro de 2014, às 08h09min com o título *Nem tudo está perdido*. O *post* é composto apenas por texto, sem nenhum elemento de hipermídia, como áudios, vídeos, links ou imagens. Logo abaixo do título é possível encontrar a expressão “Abertura de Política +, segunda-feira”, o que indica que esta publicação foi veiculada também na coluna impressa do jornal Zero Hora.

O texto trata da operação Lava-Jato, deflagrada pela Polícia Federal para revelar escândalos em negociações envolvendo a Petrobrás. É um texto analítico, que traz informações referentes a desvios de verbas públicas e nomes de empresários e políticos envolvidos.

Figura 14 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.

24 de novembro de 2014 28

Nem tudo está perdido

ABERTURA DE POLÍTICA+, SEGUNDA-FEIRA

A operação Lava-Jato ainda está longe de ser concluída, mas já abriu uma larga janela para, no mínimo, inibir a ação de corruptos e corruptores no futuro. Depois de passar alguns dias na prisão e correndo o risco de sofrer prejuízos bilionários, os dirigentes das empreiteiras investigadas pensarão duas vezes antes de se meter em negociatas com bandidos instalados em diretorias de órgãos públicos. O clube das empreiteiras, que até aqui se reuniu para combinar quem ganharia uma licitação a preços superfaturados, pode inverter o processo e dizer que não será mais conivente com a delinquência. Que não venham as empreiteiras se fazer de vítimas dos corruptos da Petrobras, a maioria servidores de carreira que ascenderam a postos de comando da estatal. A corrupção tem duas pontas e, pela primeira vez, os corruptores estão sendo identificadas em lotes. Todos os outros casos em que o pagador de propina caiu foram pontuais. Na maioria, saíram ilesos.

A outra boa notícia em meio à crise que transformou a Petrobras em caso de polícia é a perspectiva de recuperar parte do dinheiro roubado, seja por bloqueio judicial, seja pela devolução via delação premiada. De que outro escândalo dos últimos 30 anos voltou dinheiro para os cofres públicos?

Para golpear a corrupção, a medida mais lembrada é o fim do financiamento privado de

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 08 dez. 2014.

A publicação teve 28 comentários de 24 leitores diferentes. Dois leitores comentaram três vezes cada, ‘Ana Laura Macarte’ e ‘O Arroto’. Como não é preciso fazer uma identificação real, os comentaristas podem postar qualquer palavra como nome. No caso, foi possível identificar nomes estranhos, que podem ser fictícios, como ‘O Arroto’, ‘anônimo’ e ‘rebento’.

Ao analisar as 28 postagens em forma de comentários, é possível identificar que a maioria dos internautas escreveu sobre o tema proposto no texto original, concordando ou discordando da ideia inicial do jornalista. Apenas um comentário, feito pelo leitor ‘O Arroto’ desviou o foco do texto, ao comentar: “O Cruzeiro é campeão do campeonato brasileiro. Alguma coisa o Aécio tinha de ganhar em 2014”. Tal afirmação foge do tema proposto pelo blogueiro, embora se relacione à temática pela ironia quanto a um panorama político dividido por tendências que se querem opostas.

Em meio aos comentários dos leitores, não encontra-se nenhuma resposta do jornalista, ou seja, ele não responde a nenhuma manifestação. Entre os leitores há certa

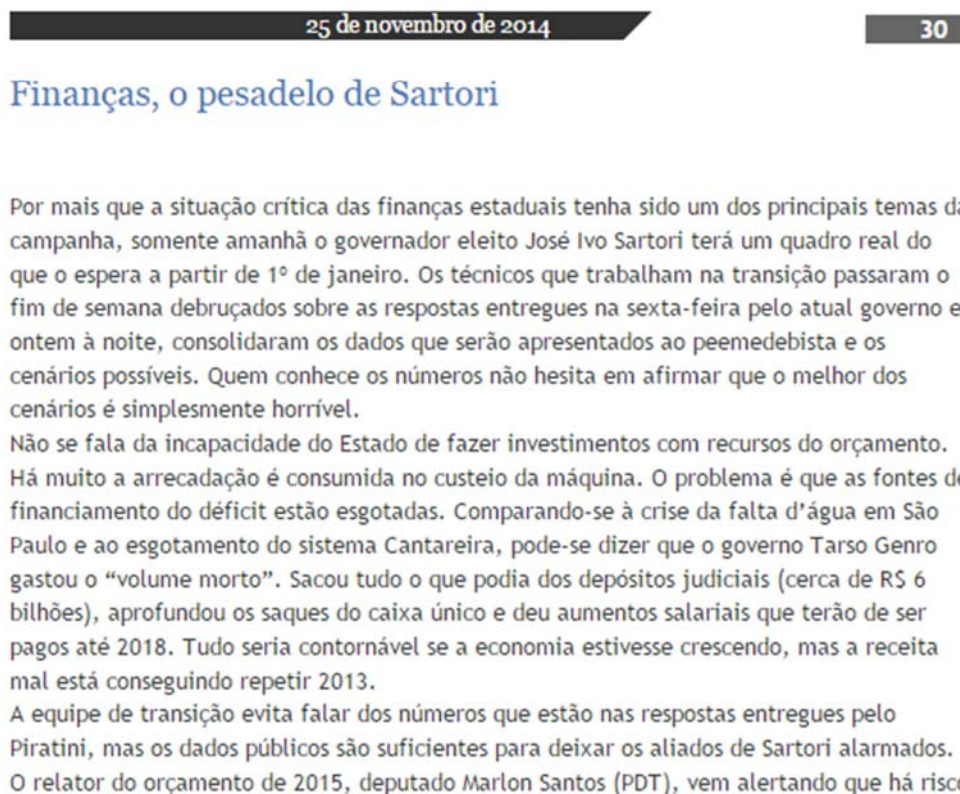
interação, quando uns referem-se aos outros e recebem respostas. Em determinado momento, o leitor ‘anonymous’ faz referência a ‘Ana Laura Macarte’, assim como ‘Luís’ e ‘Umberto Debeneti’ fazem referência ao leitor ‘Sylvio Jr.’.

Da mesma forma que os leitores respeitaram o tema original, é importante destacar que em vários momentos, utilizaram-se de ironia para provocar o jornalista e outros internautas. A política, como tema, embora tão complexa como o que trata a editoria anterior, de correspondência internacional, e exigente quanto a um determinado nível de conhecimento para que seja compreendida, aqui mostra o quanto a posição de alguns leitores pode ser apaixonada e pouco razoável. A participação é numerosa em comentário, os comentários são frontais, em bom número, contra o jornalista ou contra os demais leitores, aqui também considerados “eleitores”. No entanto, percebe-se que eles não foram levados em conta pelo jornalista, transparecendo que o jornalista não contou com contribuição de ninguém para escrever tal texto.

5.3.2.2 Finanças, o pesadelo de Sartori

O segundo *post* analisado foi publicado dia 25 de novembro de 2014, às 08h06min com o título *Finanças, o pesadelo de Sartori*. A publicação é composta apenas por texto, sem elementos de hipermídia, conforme a Figura 15.

Figura 15 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 08 dez. 2014.

O texto é uma análise sobre a situação econômica do estado, que será governando por José Ivo Sartori a partir de 2015. O jornalista traz um assunto preocupante, na visão dele, uma vez que o Rio Grande do Sul estaria mergulhado em dívidas. Segundo o jornalista, o estado terá dificuldades para pagar os funcionários e as contas nos próximos anos. O assunto provocou 30 comentários de leitores, 22 deles, autores diferentes. Um leitor que se identifica como 'Sergio' chegou a comentar quatro vezes, enquanto 'fatima' e 'Luis Paulo' comentaram três vezes cada. Também foi possível encontrar leitores que se repetem de outro *post* já analisado, como 'anonymous' e 'O Arroto'.

Em meio aos comentários dos leitores, é possível encontrar uma resposta do jornalista a um leitor que fez um comentário anterior. O leitor que se identifica por 'Sergio' faz uma crítica ao trabalho dos jornalistas do grupo RBS, que estariam defendendo o governador eleito, enquanto teriam atacado o governador Tarso Genro durante os quatro anos de governo. O jornalista, em um raro momento de direta interação, respondeu no espaço dos comentários, direcionando-se diretamente ao autor da crítica, conforme a Figura 16.

Figura 16 - Reprodução de uma resposta do jornalista no espaço dos comentários

Você anda vendo pêlo em ovo, Sérgio Sulzbacher. Eu sempre tratei da crise das finanças estaduais. É preciso ser muito mal-intencionado para achar que o assunto só está sendo tratado agora. A verdade é que a situação piora ano e ano e ficou mais complicada porque as fontes de financiamento estão esgotadas.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 09/12/14

O leitor ‘Sergio’ voltou a discordar do jornalista, porém de uma forma menos agressiva, posteriormente. Nesse caso, percebe-se que houve uma interação entre leitor e blogueiro, com respostas mútuas dentro do espaço dos comentários. O calor da discussão obviamente dialoga com um contexto político fervente de impasses. O jornalista posiciona-se na defesa não apenas de si, mas da credibilidade de sua coluna. A análise não conseguiu identificar nenhum elemento que levasse à identificação da presença do leitor no texto. Também não se identifica nada que remeta a uma possível retificação do autor do texto em função de alguma contribuição dos internautas.

5.3.2.3 O custo milionário das campanhas presidenciais

O terceiro *post* analisado foi publicado dia 25 de novembro de 2014, às 22h12min com o título *O custo milionário das campanhas presidenciais*. A publicação é composta apenas por texto, sem nenhum elemento de hipermídia. Na Figura 17 é possível observar que a postagem não possui vídeos, links, áudios ou imagens.

Figura 17 - Reprodução de um post do blog, disponível no site do jornal Zero Hora.

25 de novembro de 2014 16

O custo milionário das campanhas presidenciais

Somando-se apenas o que Dilma Rousseff e Aécio Neves declararam à Justiça Eleitoral, os dois candidatos que disputaram o segundo turno arrecadaram um total de R\$ 573,7 milhões. Dilma teve a campanha mais cara, com R\$ 350,8 milhões. Aécio arrecadou R\$ 222,9 milhões e gastou R\$ 223,4 milhões. Considerando-se os candidatos que não chegaram ao segundo turno, tem-se um gasto superior a R\$ 641 milhões (sem contar o caixa 2, naturalmente). A prestação de contas está disponível no site da Justiça Eleitoral. A lista de doadores reforça a percepção de que os grandes contribuintes movem-se pelo pragmatismo e não pela ideologia e seguem a orientação dos consultores de investimentos, de “não colocar todos os ovos na mesma cesta”. Quem está no poder, porém, leva vantagem.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 11 dez. 2014.

No texto, o jornalista apresenta dados sobre os financiamentos das campanhas eleitorais de Dilma Rousseff e Aécio Neves. É uma análise composta por vários dados técnicos num comparativo sobre o custo das duas campanhas à presidência da República. O assunto rendeu 16 comentários no espaço destinado à participação dos leitores. Foram 15 participantes diferentes. Apenas um, que se identifica como 'JLMP' comentou duas vezes.

Entre os comentaristas, há nomes que percebem-se fictícios, como 'Otario', 'Um Brasileiro' e 'Bossoroça & Bororé', numa demonstração de falta de interesse em identificar-se de forma real. Um leitor se repete com relação aos demais *blogs*. É o caso de 'Sergio', que já comentou em outros *posts* analisados e volta a se manifestar neste.

Os comentaristas dão opiniões diversas sobre o tema. Apenas um deles faz referência direta ao jornalista. Outros referem-se aos demais leitores, como 'Um Brasileiro' que comenta: "O Sr. Eduardo Amador generalizou a doação de campanha...". A manifestação não provoca nenhuma resposta do outro comentarista.

Também não há nenhuma resposta do jornalista a qualquer comentário dos leitores. Não se estabelece um diálogo com respostas. Sobre a participação do leitor ao longo do texto, também não há evidências dessa influência, tampouco alguma contribuição no sentido de corrigir informações escritas pelo jornalista. O texto no *post* é objetivo; os valores apresentados são elevados, a discussão é limitada, neste caso, no que se associa à participação dos leitores.

5.3.2.4 Pesquisas eleitorais orientam doações a candidatos

O quarto *post* analisado foi publicado dia 26 de novembro de 2014, às 20h16min com o título *Pesquisas eleitorais orientam doações a candidatos*, uma continuação da pauta anterior, do dia 25 do mesmo mês, a publicação não tem nenhum elemento de hipermídia, como áudios, links, imagens e vídeos, sendo composta apenas por texto, conforme a Figura 18. A periodicidade dos *posts* revela, no mesmo tema, contudo, que o assunto dá margem a mais conteúdo, mesmo que isso não signifique alagamento do diálogo nos comentários.

Figura 18 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.

26 de novembro de 2014 15

Pesquisas eleitorais orientam doações a candidatos

a prestação de contas da campanha do governador eleito José Ivo Sartori (PMDB) é a prova cabal da influência das pesquisas sobre os doadores de campanha, que só apostam em quem está na frente. Quando Sartori amargava o terceiro lugar, bem atrás de Ana Amélia Lemos (PP) e de Tarso Genro (PT), o dinheiro pingava a conta-gotas. Na primeira parcial da prestação de contas, em agosto, o candidato declarou apenas R\$ 50 mil. Asfixiado pela direção nacional, que não liberava dinheiro porque ele não apoiava a reeleição da presidente Dilma Rousseff, Sartori não tinha dinheiro para as despesas mais elementares da campanha, como gasolina e diárias de hotel.

- Mais de uma vez, tivemos de fazer vaquinha entre nós para os gastos mais urgentes - lembra o ex-deputado Ibsen Pinheiro, que chegou a emprestar R\$ 2 mil.

Na segunda parcial, a arrecadação declarada foi de R\$ 207 mil. O sufoco só terminou às vésperas do primeiro turno, quando Sartori chegou a 17% das intenções de voto.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 11 dez. 2014.

A publicação é semelhante ao *post* anterior, também tratando sobre os financiamentos de campanha, mas desta vez sobre os candidatos ao governo do Rio Grande do Sul. O assunto provocou 15 comentários no espaço para participação do leitor, de 12 internautas diferentes. Três deles comentaram duas vezes cada.

Ao avaliar a identidade dos comentaristas, percebe-se que alguns se repetem de outras postagens do blog, como ‘anonymous’, ‘Ana Laura Macarte’, ‘carlos alberto’ e ‘Bossoroça & Bororé’. Da mesma forma, percebe-se que alguns não identificam-se com nome real, incluindo outros termos, casos dos já citados ‘anonymous’, ‘Jato’ e ‘OLIGOFRENICO’.

No espaço de comentários, percebe-se que alguns leitores dirigem-se diretamente a outros leitores, e não falam diretamente ao jornalista responsável pelo texto. Acontece uma interação, mas entre os próprios leitores, nunca com o autor do texto, que não responde a nenhum comentário. Em determinado comentário, ‘anonymous’ refere-se diretamente a ‘Olimpio’, assim como ‘OLIGOFRENICO’ refere-se a ‘Luxemburgo’.

Analisando os comentários, o que percebe-se é uma constante fuga do tema proposto. Dos 15 comentários, quatro tratam do tema específico do *post* original, sobre o financiamento de campanha para os candidatos ao governo do estado. Os demais referem-

se a outros assuntos, como a disputa PT x PSDB pelo governo Federal, a operação Lava-Jato e sobre discussões políticas generalistas.

Sobre a participação dos leitores no texto do jornalista, não há elementos que demonstrem tal participação, assim como não é possível identificar nada que revele algum tipo de contribuição dos leitores com a postagem original.

5.3.2.5 Boa notícia em meio à tempestade

O quinto *post* analisado foi publicado dia 27 de novembro de 2014, às 18h43min com o título *Boa notícia em meio à tempestade*. O texto trata do anúncio da presidente Dilma Rousseff sobre os novos responsáveis pelo Banco Central e pelo Ministério da Fazenda. A postagem não tem elementos de hipermídia, como vídeos e áudios, sendo composta apenas por texto, conforme a Figura 19.

Figura 19 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.

27 de novembro de 2014 18

Boa notícia em meio à tempestade

A reação positiva dos agentes econômicos à confirmação de Joaquim Levy, Nelson Barbosa e Alexandre Tombini como o trio responsável pela condução da economia foi uma das poucas boas notícias recebidas pela presidente Dilma Rousseff desde que ganhou a eleição, há um mês. O escândalo na Petrobras atrapalhou a nova formação do ministério e aprofundou a desconfiança no futuro do país.

O mercado financeiro já vinha dando sinais de agrado com a equipe, que terá como principal tarefa recolocar a economia nos trilhos. A primeira manifestação de Levy recebeu elogios de líderes de diferentes setores, pelo compromisso com a estabilidade e com o aumento da poupança do país.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 11 dez. 2014.

O assunto repercutiu com 18 comentários de leitores, no espaço para participação, feitos por 13 leitores diferentes. Alguns comentaram mais vezes no *post*, casos de ‘anônimo’ e ‘Sergio’, com três postagens cada e ‘Angela Frizzo’, com duas publicações.

É possível identificar leitores comuns a outros *posts* do blog, como ‘anonymous’, ‘Sergio’, ‘O Arroto’ e ‘rebento’. Isso fortalece a lógica de fidelização, uma vez que tais comentaristas são comuns em diferentes momentos do blog.

Ao mesmo tempo, percebe-se um número significativo de leitores que utilizam identidades fictícias, casos de ‘rebento’, ‘O Arroto’, ‘passageiro aereo’, ‘anonymous’ e ‘Heterossexual Assumido’, para publicar comentários nesta postagem. Dos 18 comentários, cinco fazem referência direta para outros leitores, citando seus nomes a fim de concordar ou discordar. Um único comentário faz referência ao jornalista do blog. O blogueiro não responde a nenhum comentário, enquanto alguns leitores provocam um diálogo questionando, contrapondo ideias e respondendo a opiniões de outros comentaristas. Fundamental aqui destacar que em pelo menos seis comentários o tema central da discussão não é respeitado, já que os leitores discutem sobre outros assuntos, especialmente a preferência partidária de cada um.

Excetuando o espaço de comentários, não há nenhum elemento que indique a presença do leitor no texto original da publicação, tampouco algum tipo de contribuição que tenha sido dado pelos leitores ao jornalista, no momento de escrever o texto ou posterior a isso. Os leitores não são fonte de nenhuma informação, mantendo sua participação restrita a possibilidade de comentar. De seu lado, o jornalista mantém distância segura dos comentários, aparentando considerar que são, em boa parte, pouco profundos ou pouco relevantes.

5.3.3 Esperança em outro nível de debate

Fazendo uma soma simples, é possível afirmar que em cinco *posts* deste blog, foram recebidos 106 comentários de leitores, o que indica uma média de 21 comentários a cada postagem. Numa comparação com os outros dois *blogs* já analisados até aqui, o número é bem superior, revelando que há uma participação direta maior dos internautas.

Contudo, há que se fazer uma ressalva, baseada na observação e no resgate do que o próprio jornalista contou na entrevista feita pelo pesquisador. Um dado é o número de comentários, outro, mais difícil de mensurar, é triar o conteúdo para mensurar a qualidade dos debates travados nesses espaços. Segundo o jornalista afirmou em entrevista, “muita gente entra lá de forma anônima. Porque eu tenho nome, tenho rosto, as pessoas sabem quem eu sou, digo onde eu moro, tenho uma rotina. Aí tenho que ficar lidando com

peças que não são capazes de colocar a cara, que dão apelidos idiotas”. Esse foi um dos pontos observados na análise. Como a ferramenta do blog não exige cadastro, alguns comentaristas mais assíduos não se identificam com nome e sobrenome, incluem apenas apelidos, como ‘anonymous’, ‘O Arroto’ ou ‘rebento’. Dessa forma, a clareza e o nível do debate ficam comprometidos, na opinião do jornalista.

Além disso, identifica-se uma diversidade de opiniões, que muitas vezes fogem completamente ao tema da discussão por parte dos leitores. Por exemplo, em um *post* que falava sobre a Operação Lava-Jato, um leitor comentou sobre o Cruzeiro campeão brasileiro, sem relação direta com o tema proposto. Uma alternativa, segundo o jornalista, seria alterar a ferramenta, exigindo a identificação real dos participantes do blog. Na opinião do jornalista isso poderia contribuir para elevar o nível das discussões.

A interação do blogueiro com seus leitores é praticamente inexistente. Em cinco *posts*, houve apenas uma manifestação do jornalista de modo a se relacionar com os leitores. Em uma postagem, o blogueiro respondeu a um comentário de um leitor em específico, iniciando e encerrando naquele momento a discussão. Também não é possível perceber em nenhum *post* a presença do leitor na origem do texto, ou alguma contribuição que faça o jornalista acrescentar alguma nova informação que parte dos leitores.

No que tange a possibilidade de abertura real, sem fechamento, que a plataforma digital possibilita, percebe-se que em um dia há mais de uma publicação, enquanto que os horários também variam. Ou seja, aparenta-se não ter um horário específico para as publicações, não há *deadline* como nos veículos impressos. Contudo, não se pode afirmar que essa abertura tenha sido positiva ou tenha proporcionado alguma vantagem significativa para o leitor do blog. Obviamente que a possibilidade de escrever no calor dos acontecimentos pode ser algo positivo em um cenário jornalístico no qual os fatos se atualizam muito rapidamente. Contudo, isso, em termos de participação dos leitores, tem limites, e esses limites estão também na atuação desses leitores, comprometidos tanto com o que leem, quanto com as posições adotadas, com as próprias perspectivas, nem sempre envolvidas em uma postura reflexiva.

5.4 “‘Ao vivo’ o tempo inteiro”

O quarto blog analisado nesta pesquisa trata de assuntos relacionados ao esporte, especialmente ao futebol e aos times Grêmio e Internacional, conhecidos no meio esportivo como dupla Grenal. Dessa forma está incluído na editoria de “Esporte”. O

jornalista responsável está há cerca de 15 anos no jornal Zero Hora, além de trabalhar em outros veículos do grupo RBS, entre eles a TVCOM e a RBS TV, como comentarista de futebol. Vale o registro de que o jornalista foi convidado em um segundo momento, visto que outro profissional da editoria que havia sido convidado inicialmente não deu retorno quanto a participação. No entanto, essa mudança não representou nenhum prejuízo à pesquisa.

Na apresentação do blog, um texto inicial revela a proposta do espaço: “Vai misturar informação exclusiva, interpretação e opinião. O tempero desta receita será o que acontece nos bastidores do futebol e a participação dos internautas”. Percebe-se inicialmente que o blog apresenta atualização frequente, quase todos os dias. Em alguns dias há mais de uma postagem. As publicações não têm horário fixo, sendo possível encontrar textos nos mais variados períodos.

Na sequência, observam-se os últimos cinco *posts* publicados pelo blogueiro até a data estipulada na metodologia, 30 de novembro de 2014. O assunto, é claro, é parte das discussões cotidianas e termo de paixão no Rio Grande do Sul. Fator que divide as pessoas em torcidas, o esporte (diga-se futebol) é tema que convida à discussão, mesmo que isso pouco signifique ou vá além da discussão. A identidade do jornalista é preservada, conforme combinado previamente, a fim de manter um caráter exploratório e não no sentido de expor o entrevistado. A análise parte inicialmente da conversa estabelecida com o blogueiro a partir de um roteiro de entrevista.

5.4.1 A entrevista

O jornalista da editoria de “Esporte” foi o quarto a responder ao questionário desenvolvido pelo pesquisador. A entrevista ocorreu no dia 27 de novembro de 2014, por meio de telefone. Durante cerca de 20 minutos, o entrevistado falou sobre sua experiência na área e sobre o seu trabalho como blogueiro, desde 2011. Revelou que ainda está aprendendo a utilizar a ferramenta e todas as oportunidades que se abriram com o mundo digital.

Na entrevista semi-estruturada, buscou-se inicialmente entender quais as principais mudanças aconteceram no processo produtivo do jornalista, a partir do início do blog. Na avaliação do blogueiro, o que mudou inicialmente foi a linguagem para o meio digital, com textos mais curtos, diretos e com atualização mais frequente, além da possibilidade de

utilizar recursos de hipermídia, especialmente fotos e vídeos.

Superando a mudança da técnica, o que chama atenção do jornalista é a possibilidade de interagir com os leitores.

Na relação com a audiência, o público é completamente diferente. No jornal eles têm uma repercussão, que eu percebo por e-mail. As pessoas me escrevem, mas não tem nenhuma troca, não tem nada (resposta 1).

No meio digital, leitores e blogueiros têm a possibilidade de escrever a todo o momento, sobre qualquer coisa, em espaços que antes não existiam. Isso facilita a aproximação entre os dois.

É uma mudança completa na forma como você apura as notícias, tua cabeça deve tá aberta pra traduzir as duas plataformas, o que é impresso e o que é online. É como se estivesse “ao vivo” o tempo inteiro. Prá gente que estava acostumado a trabalhar sempre para o dia seguinte, é um pouco a sensação de estar no ar “ao vivo” o tempo inteiro. Tem que receber a informação, apurar, checar, publicar. Também temos que dar opinião, então é como se a gente saísse do dia seguinte para o “ao vivo” (resposta 7).

Para o jornalista, essa “abertura total”, sem fechamento, reduz um pouco a pressão pelos erros cometidos nos textos.

Às vezes você tá na correria e vem um comentário te ajudando com alguma informação. Eu libero o comentário do cara e vou ali e arrumo. O blog é mais relaxado. Mas isso é bem interessante, você pode corrigir na hora (resposta 4).

Dessa forma é natural, segundo o blogueiro, que a credibilidade do meio digital seja inferior a credibilidade do meio impresso. Isso seria comprovado em pesquisas, que apontam que o leitor digital também busca fontes tradicionais de outras mídias, como o *Zero Hora* digital para se informar, embora tenha possibilidade infinita de navegação.

O universo digital ainda tem menos credibilidade, porque é uma questão operacional. Como tem que ser tudo muito rápido, às vezes você comete uma mancada. Não apura tudo até o final e dá as coisas compartimentadas. Tem que dar alguma informação depois, consegue falar com o cara mais tarde. É uma lógica diferente. Eu acho que a pressa de publicar antes e tal, ela leva ao erro. Pode ser um erro de digitação, um erro de informação, um erro de abordagem (resposta 8).

Quanto ao objetivo específico de investigar como acontece a interação entre leitor e blogueiro, o jornalista dá exemplos práticos, uma vez que há um canal aberto entre quem lê e quem escreve, alternando os dois sujeitos em determinadas situações.

Quando eu me propus a fazer o blog, eu me propus a interagir na medida do possível com os comentários, ainda tento fazer isso, nem sempre é possível, porque eu faço tudo e às vezes tô de folga e não consigo ter a frequência que eu gostaria. Com o tempo eu fui vendo que era muito difícil, outros colegas meus não respondem os comentários, porque a maioria vai para criticar além da conta. São os caras que fazem perfis falsos, ficam ofendendo, esperando que seja publicado. Eu tinha receio de censurar, mas acabei adotando conceitos ‘prá’ censurar. Não coloco nada que tenha muita referência ao sexo, a racismo, palavrões. Se for alguma coisa muito radical, nem libero o comentário. Às vezes os caras começam a distorcer o que você fala então tem que ter cuidado. Mas eu procuro às vezes responder alguma coisa quando percebo que há uma média do pensamento de todo mundo. Se eu tô vendo que tem uma incompreensão em alguma coisa que eu escrevi, eu tento responder um, para que tente colocar as coisas no lugar (resposta 2).

Contudo há situações positivas a destacar.

O universo online tem que ser uma fonte de pauta, porque às vezes tem comentário que não tem uma informação apurada, mas elas te dão um caminho e pode até virar pauta. Lembro de uma vez que o Alex⁶ estava em Porto Alegre, bem antes de ele voltar pro Inter. Um cara comentou no blog que tinha visto o Alex em algum lugar de Porto Alegre. Eu fui atrás e ele realmente tinha vindo ‘prá’ renovar o passaporte, e ele tava aqui com a família. Um tempo depois ele acabou voltando para o Inter. Mas aquilo rendeu um post. Foi bem uma interação. Tem alguns ‘caras’ que tentam contribuir de alguma maneira (resposta 4).

Na busca por investigar a presença do leitor nos *blogs*, o jornalista destaca ser difícil definir quem são, mas há um perfil padrão, geralmente leitores que não tem grande fidelidade à página, que estão navegando por outros *sites* e, de repente, caem no blog. Também aparentam necessidade em opinar sobre qualquer assunto.

É um cara que não tem continuidade. Muitos comentam sem sequer ler até o final. Mesmo sendo mais curtos, o cara lê um parágrafo e aquilo é suficiente ‘prá’ ele. Esse é o universo da internet, as pessoas prestam menos atenção. Você percebe às vezes que o cara leu um parágrafo e já sai comentando. Não leu até o final. O cara reclama de alguma coisa, mas sequer foram até o último parágrafo, que às vezes tá explicando aquilo que ele tá comentando, reclamando acima. É um leitor que é mais ansioso e muito compartimentado. Não faz muita relação com as coisas e é bem mais agressivo, muito mais. O comentarista, em geral, é um cara mais ranzinza. São os “trolls”. São frequentes, não tem um dia que o cara não mande um comentário ‘prá’ arrumar confusão. Eles te acompanham durante anos. A gente sabe até o nome, mas usam perfil falso e ficam o tempo todo tentando te agredir (resposta 5).

⁶ Jogador de futebol com passagens no Sport Club Internacional entre 2004 e 2009 e que retornou ao clube em 2013, onde está até hoje.

Na visão do jornalista sobre os estatutos de leitura, geralmente os comentários tem tons de crítica e, muitas vezes, percebe-se a repetição dos mesmos leitores, sempre com objetivo de questionar, criticar e até atacar o autor, sem qualquer critério.

Esse pessoal do “clube do ódio”, por incrível que pareça, é fiel. Eles entram ali ‘prá’ ‘trollar’. Ele é fiel, mas completamente diferente. O cara que tá ali no blog tá fazendo um monte de coisa. Ninguém abre o computador só pra ler teu blog. Uma das abas é o teu blog, então ele vai misturando tudo. Alguns até misturam, comentam coisas em posts errados (resposta 6).

A esse universo de leitores ansiosos e muito compartimentados, que mistura coisas entre abas, que não leem o texto até o fim, associa-se a paixão pelo clube, a rivalidade, a visão parcial. Destacadas as principais ideias do jornalista abordadas na entrevista, parte-se agora a observar de forma sistemática cinco *posts* do blog citado, a fim de identificar na prática como a relação entre blogueiro e leitores se estabelece, relacionando a observação à teoria e aos pontos principais tratados na entrevista.

5.4.2 Os posts

Na observação geral sobre o blog, percebe-se que os *posts* não estão presos a horários pré-definidos nem a frequência obrigatória. Acontecem, aparentemente, quando algo acontece no esporte, no futebol. Em alguns dias o número de publicações é maior, enquanto em outros não há postagens. Para fins de análise, respeitou-se a orientação de analisar as últimas cinco publicações até 30 de novembro de 2014.

5.4.2.1 O Grêmio não perdeu por culpa do árbitro

O primeiro *post* analisado tem data de 24 de novembro de 2014 e foi publicado às 08h29min, com o título *O Grêmio não perdeu por culpa do árbitro*. A publicação é composta apenas por texto, sem utilização de nenhum recurso de hipermídia como links, áudios, imagens ou vídeos, conforme a Figura 20.

Figura 20 – Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.

O Grêmio não perdeu por culpa do árbitro
24 de November de 2014 31

Felipão exagerou na crítica à arbitragem após a derrota para o Corinthians por a 1 a 0.

O Atlético-MG, este sim, tem do que reclamar. Teve dois pênaltis não marcados contra o Inter, e pênaltis claros.

Não foi o que aconteceu na Arena Corinthians, em prejuízo do Grêmio.

Márcio Chagas, comentarista de arbitragem da RBS TV, viu só erro no amarelo ou vermelho não dado em carrinho criminoso contra Dudu.

Reviu o lance do pênalti reclamado por Felipão várias vezes.

Concluiu que a bola bateu no rosto de Fábio Santos, e não no braço.

Não é um lance claro, tanto que Ramiro, que está de frente, nem esboça reação.

Repito: o Atlético-MG teve muito mais motivo de reclamar e não falou em complô.

Acho que Felipão, inteligentemente, tentou desviar um pouco o debate sobre o que está acontecendo com o time na hora decisiva do campeonato.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 14 dez. 2014.

O texto analítico trata do resultado jogo do Grêmio contra o Corinthians, analisando alguns lances em que a equipe gaúcha teria sido prejudicada por possíveis erros de arbitragem. O tema, sempre polêmico no meio esportivo, provocou 31 comentários de leitores, no espaço para manifestação dos internautas. Pela identificação de cada um, são 30 leitores diferentes. Um deles, que se identifica como ‘Ferreira Dias’ postou duas vezes. Contudo, é fundamental destacar aqui que muitos utilizam nomes fictícios, sem possibilidade de identificação, casos de ‘coloraço’, ‘Chapolin Colorado’ e ‘jefersonMAZEMBANDOSACI’.

Não há nenhuma manifestação do jornalista respondendo a algum comentário. Por outro lado, há vários que se dirigem diretamente ao blogueiro, chamando-o pelo nome ou sobrenome, fazendo algum tipo de provocação, mas não recebem retorno. Alguns chegam a usar termos inadequados, como faz ‘jefersonlegadoCopa’ ao afirmar: “parece ser uns cag... que não tem espinha dorsal e se vergam a qualquer um”. Outros são provocativos, como ‘ibiras’, que afirma: “Esquece o Inter, Mano!”.

Já entre os leitores há diálogo, uma vez que alguns respondem diretamente a

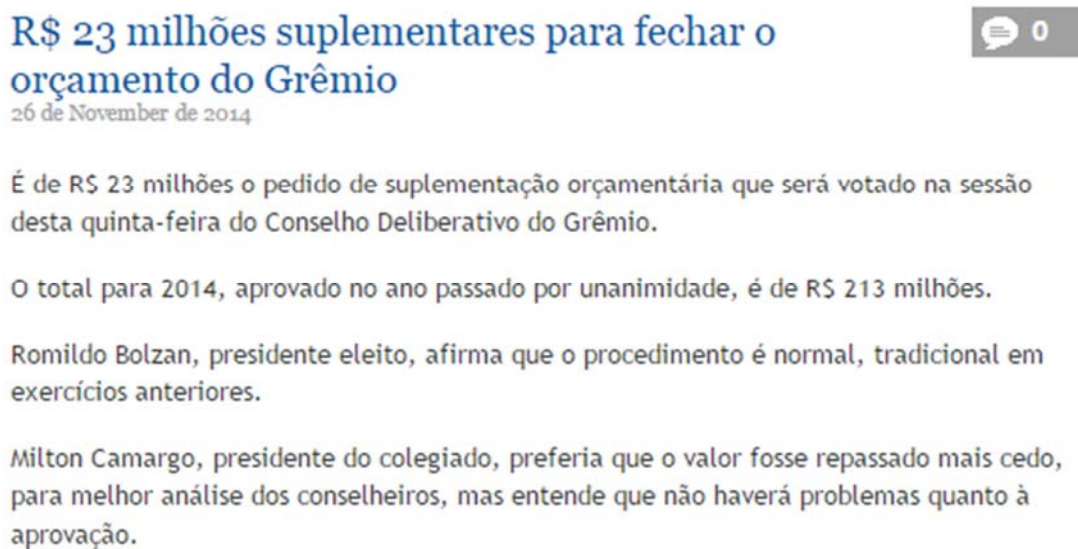
outros, chamando-os pelo nome, e recebem nova resposta. É o caso de ‘Tiago’ que pergunta: “Ed Lekl, tu comemorou os títulos da Copa do Brasil de 94 e do Brasileirão de 96?”. ‘jefersonMAZEMBANDOSACI’ responde: “Tiago deixa de ser burro tu mesmo citas os fatos que aconteceram contra times grandes”.

Com relação ao conteúdo dos comentários, alguns fogem completamente ao tema proposto. É o caso de ‘erton jose sagave’, que diz: “No teu blog tem publicidade da empresa Digital Market. Voce já pesquisou a reputação desta empresa no *site* ‘Reclame Aqui’? Voce está avalizando uma empresa de péssima reputação.” A dicção é de conflito, ausente qualquer possibilidade de diálogo ou de anuência entre as partes. Isso talvez justifique, no que diz respeito à presença dos leitores no texto, ou a manifestação de alguns deles no texto original do blogueiro, nenhum tipo de interação. Também não está manifesta nenhuma contribuição que tenha sido dada por leitores ao jornalista responsável pela página.

5.4.2.2 R\$ 23 milhões suplementares para fechar o orçamento do Grêmio

O segundo *post* analisado deste blog tem data de 26 de novembro de 2014 e foi publicado às 20h38min, com o título *R\$ 23 milhões suplementares para fechar o orçamento do Grêmio*. A publicação é composta por texto, sem nenhum recurso de hipermídia como links, áudios, imagens ou vídeos, conforme é possível comprovar na Figura 21. O texto apresenta informações do blogueiro sobre a situação financeira do Grêmio no ano de 2014, que se aproximava do fim.

Figura 21 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.



R\$ 23 milhões suplementares para fechar o orçamento do Grêmio
26 de November de 2014

É de R\$ 23 milhões o pedido de suplementação orçamentária que será votado na sessão desta quinta-feira do Conselho Deliberativo do Grêmio.

O total para 2014, aprovado no ano passado por unanimidade, é de R\$ 213 milhões.

Romildo Bolzan, presidente eleito, afirma que o procedimento é normal, tradicional em exercícios anteriores.

Milton Camargo, presidente do colegiado, preferia que o valor fosse repassado mais cedo, para melhor análise dos conselheiros, mas entende que não haverá problemas quanto à aprovação.


Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 14 dez. 2014.

Conforme percebe-se na Figura 21, o link para comentários está em zero (0), ou seja, o *post* não apresenta nenhum comentário de leitores. Também não se percebe referência a um possível complemento que a presença dos leitores tenha dado ao texto. Não há elementos que comprovem a participação dos internautas na postagem. A publicação assemelha-se ao jornal impresso, onde não há nenhuma relação de interação com o leitor, a não ser a possibilidade de fazer a leitura do texto. A explicação sobre a ausência de comentários pode estar na pauta de um tema pouco acessível aos torcedores e aos leitores de esporte.

5.4.2.3 Cresce o número de votos pela internet na eleição do Inter

O terceiro *post* analisado no blog tem data de 27 de novembro de 2014 e foi publicado às 07h01min, com o título *Cresce o número de votos pela internet na eleição do Inter*. Conforme é possível observar na Figura 22, não há nenhum elemento de hipermídia na postagem, apenas texto.

Figura 22 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora.

Cresce o número de votos pela internet na eleição do Inter 

27 de November de 2014

Já são 9 mil os credenciados a votar pela internet na eleição do Inter.

Os sócios que quiserem participar online têm até o dia 7 de dezembro para se habilitar.

Eles receberão uma senha, que só poderá ser usada no dia e horário do pleito.

Quarenta urnas eletrônicas do TRE estarão no Gigantinho para o segundo turno presidencial e renovação de 150 cadeiras do Conselho Deliberativo, no sábado 13 de dezembro, das 9h às 17h.

Mais de 64 mil estão colorados estão aptos a votar, segundo o presidente da comissão eleitoral, Luis Fernando Costa.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 16 dez. 2014.

A publicação traz informações úteis para os torcedores do Internacional que são sócios do clube e pretendem votar nas eleições presidenciais. No texto o jornalista explica como proceder para participar da votação via internet.

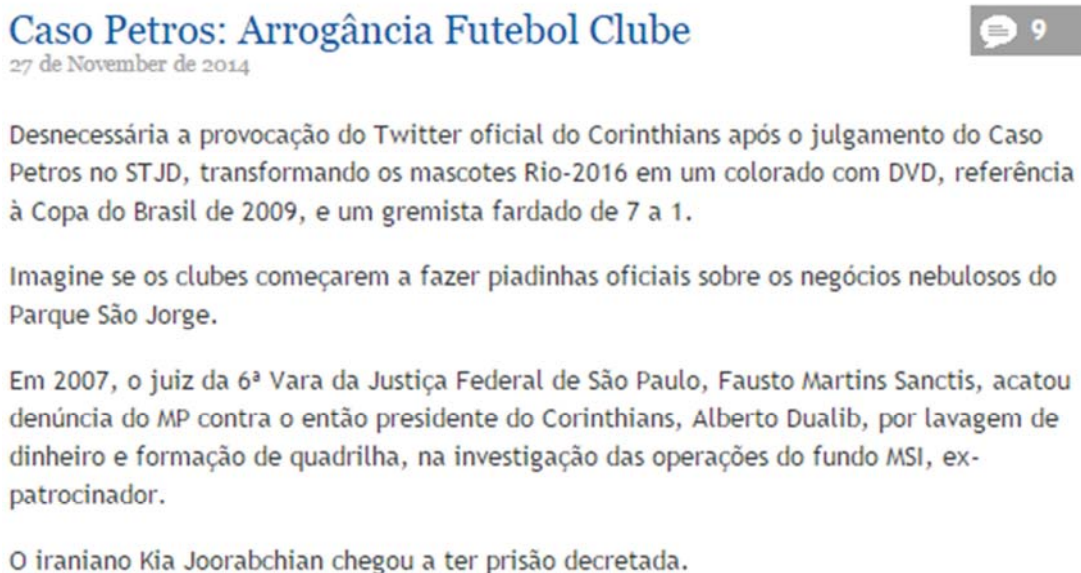
A publicação, embora trate de um tema conhecido pela polêmica, que é a rivalidade GreNal não suscitou nenhum comentário de internautas, no espaço reservado para isso na página. Como é possível confirmar na Figura 22, o espaço para comentários está em zero (0). Da mesma forma, buscou-se algum elemento no texto que pudesse demonstrar a participação dos leitores no texto original, com alguma contribuição, o que também não foi encontrado na postagem. Mesmo que uma eleição seja um assunto sempre polêmico, aparentemente não tem força de paixão nem mesmo aos torcedores do clube em foco. Por outro lado, o post também não direciona a polêmica, apenas informa.

5.4.2.4 Caso Petros: Arrogância Futebol Clube

O quarto *post* analisado no blog tem data de 27 de novembro de 2014 e foi publicado às 20h04min, com o título *Caso Petros: Arrogância Futebol Clube*. A publicação é composta apenas por texto, sem a utilização de recursos de hipermídia, como

links, vídeos, imagens ou áudios, conforme é possível confirmar pela Figura 23.

Figura 23- Reprodução de um post do blog, disponível no site do jornal Zero Hora.



Caso Petros: Arrogância Futebol Clube
27 de November de 2014

Desnecessária a provocação do Twitter oficial do Corinthians após o julgamento do Caso Petros no STJD, transformando os mascotes Rio-2016 em um colorado com DVD, referência à Copa do Brasil de 2009, e um gremista fardado de 7 a 1.

Imagine se os clubes começarem a fazer piadinhas oficiais sobre os negócios nebulosos do Parque São Jorge.

Em 2007, o juiz da 6ª Vara da Justiça Federal de São Paulo, Fausto Martins Sanctis, acatou denúncia do MP contra o então presidente do Corinthians, Alberto Dualib, por lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, na investigação das operações do fundo MSI, ex-patrocinador.

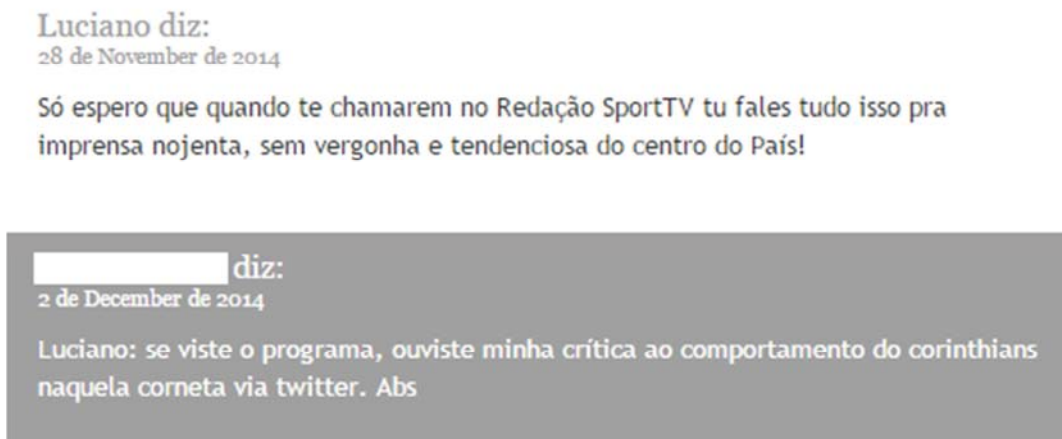
O iraniano Kia Joorabchian chegou a ter prisão decretada.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 16 dez. 2014.

O texto, diferentemente do anterior, é opinativo. A postagem trata de um fato que ocorreu após um julgamento envolvendo o Corinthians no STJD, instância judicial máxima do futebol brasileiro. O clube paulista havia sido acusado por Grêmio e Internacional de escalar irregularmente o jogador Petros. No tribunal, o Corinthians ganhou a disputa e fez provocações aos times gaúchos por meio da conta oficial do clube no Twitter. Segundo o jornalista, foi uma falta de respeito da instituição ao dar voz a provocações que seriam mais comuns entre torcedores.

O assunto é polêmico e provocou nove comentários, todos de internautas diferentes. Alguns defendem a posição do jornalista, enquanto outros a criticam. Um dos internautas se identifica como Luciano e comenta: “Só espero que quando te chamarem no Redação SportTV tu fales tudo isso pra imprensa nojenta, sem vergonha e tendenciosa do centro do País!”. Esse comentário recebeu uma resposta do blogueiro, conforme a Figura 24. O jornalista responde diretamente ao leitor: “Luciano: se viste o programa, ouviste minha crítica ao comportamento do Corinthians naquela corneta via twitter. Abs”.

Figura 24 - Reprodução de uma resposta do jornalista no espaço dos comentários de leitores



Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 16 dez. 2014.

Neste momento, percebe-se a interação manifestando-se a partir dos comentários, uma vez que há uma crítica do leitor e uma resposta do jornalista logo em seguida, na sequência dos comentários. Essa é uma interação que não se percebe de forma tão imediata em outras mídias como o jornal impresso, por exemplo. Da mesma forma, essa interação também não é comum nos *blogs*, haja vista a forma como muitas vezes se apresentam os comentários. Aqui, como já foi exposto na caso do sujeito que responde editoria de “Política”, em questão está a credibilidade do jornalista, sua postura e coerência. Se isso é um diálogo, há que se refletir; por base do que se vem observando, certamente é, ao menos, uma réplica perante uma afirmativa, mesmo que sem repercussões no *post* que originou o debate.

Avançando em busca de outros elementos de interação no *site*, há que se destacar que a capacidade interativa não se manifesta de outras formas. Não há participação de leitores ao longo do texto, assim como não se percebe alguma contribuição que tenha sido recebida pelo jornalista que não seja por meio de comentários no espaço próprio para isso.

5.4.2.5 A pior Libertadores da América vem aí

O quinto *post* analisado no blog tem data de 28 de novembro de 2014 e foi publicado às 07h07min, com o título *A pior Libertadores da América vem aí*. A postagem é composta por texto, sem a utilização de recursos de hipermídia, como links, vídeos, imagens ou áudios.

No texto, o jornalista trata da principal competição de futebol da América do Sul, a Libertadores da América, e comenta sobre as equipes que irão participar. No momento da postagem, Inter e Grêmio tinham chance de conquistar uma das vagas no campeonato, o que provocou 20 comentários de leitores, conforme a Figura 25.

Figura 25 - Reprodução de um *post* do blog, disponível no *site* do jornal Zero Hora

A pior Libertadores da América vem aí
28 de November de 2014 20

Inter e Grêmio disputam a última vaguinha na pré-Libertadores, o quarto lugar no Brasileirão, como se fosse título.

Melancólico, ainda mais vendo os mineiros colocando faixa.

Se chegarem à fase de grupos da maior competição das Américas, enfrentarão um torneio complicadíssimo de ganhar.

Este ano os argentinos vêm de Boca Juniors, River Plate, Vélez Sarsfield ou Racing Club e o campeão, San Lorenzo.

Os grandes da Argentina estão de volta, portanto.

Se os times médios da Argentina já complicam os brasileiros, imagine então os grandes.

Fonte: www.zerohora.com – Acesso em 16 dez. 2014.

Entre os 20 comentários, todos são de internautas diferentes, já que nenhum nome se repete. Em vários momentos, há provocações de leitores ao jornalista, mas nenhum comentário é respondido. O leitor ‘Marcelo’ chega a perguntar ao blogueiro: “Tu não tem vergonha?”. ‘Carlos – cxs’ comenta: “Só por que o Grêmio tá fora tu fica neste desânimo, cara!? Disfarça um pouco...”. Apesar disso, nenhuma postagem de leitores provoca algum comentário do blogueiro.

Ao longo da postagem, busca-se ainda identificar outra manifestação de leitores, como alguma informação que tem como fonte um internauta ou ainda uma correção que tenha sido feita a partir dos leitores. No entanto, nenhuma dessas situações acontece. O debate é um enfrentamento sem repercussões positivas. Não há, aparentemente, no caso dos leitores, aproveitamento das informações com uma “devolução” resignificada por algum sinal de aprofundamento, seja no *post*, seja nos comentários. A resposta do jornalista é frequentemente a mesma, a mera publicação, permissiva, mas sem sinais de maior interesse pelo que disseram os leitores.

5.4.3 Uma rede colaborativa com pouca colaboração

Se a possibilidade de aumentar a rede de informações é uma das vantagens desse espaço digital mais novo que o meio impresso, não se pode afirmar que o *blog* analisado confirma todas as expectativas depositadas sobre a plataforma. Que as oportunidades aumentam, é inegável. Todavia, a fala do autor e os elementos encontrados na análise não revelam muitos elementos de interação.

Percebe-se na entrevista com o blogueiro a expectativa criada quando transformou a coluna impressa em página na internet, em 2011. Contudo, o tempo passou e a nova plataforma não se mostrou tão inovadora quanto ao aspecto interativo e colaborativo. Ele contou em entrevista que no início queria “interagir na medida do possível com os comentários”. Procurou responder o máximo que podia, mas não levou a prática adiante. Encontrou, do outro lado da tela, leitores resistentes à interação. Começou a receber xingamentos, palavrões e precisou censurar parte do que recebia. Em seguida, deixou de responder a maioria. Hoje percebe-se que só responde determinados casos. Em meio a cinco postagens, apenas em um momento encontrou-se uma resposta do jornalista a algum comentário de leitor. Isso é sintomático. A rede que pretendia ser colaborativa oferece pouca colaboração.

Perfis falsos, pessoas que não se identificam e leitores dispostos a agressividade foram alguns dos principais obstáculos para o jornalista manter o nível de interação. Hoje, percebe-se que o *blog* é semelhante ao jornal impresso. A interação, quando existe, fica restrita entre os próprios leitores, que passaram a criar grupos de discussão em meio aos *posts*, dirigindo-se uns aos outros para trocar ideias. Percebe-se ainda, que alguns usam palavras inadequadas e são agressivos quando alguma opinião manifesta não lhes agrada. Claro que há exceções, como no caso envolvendo o jogador Alex, citado na entrevista. Contudo, não passam de situações eventuais, que não se tornaram regra.

A possibilidade de incluir vídeos, links, áudios também não parece ter sido valorizada na prática do jornalista. Entre os *posts* analisados, só há texto, tal qual uma coluna de jornal impresso. Não há hipermídia, outra possibilidade aberta pelo mundo digital.

Na opinião do jornalista, o *blog* mantém-se porque muitos leitores ainda vinculam a marca do grupo Zero Hora e do próprio profissional a uma imagem de credibilidade, oriunda dos jornais impressos e da tradição de décadas. Esses não deixaram de ler, embora a rede ofereça infinitas possibilidades de navegação.

Para finalizar, é de extrema importância destacar que a possibilidade de abertura total, sem fechamento, ainda proporciona um atrativo a mais para o leitor, que pode ser surpreendido a qualquer hora do dia com uma nova informação, uma nova postagem, um novo texto. Apesar disso, quando se espera mais interação, essa vantagem parece ínfima em meio às opções que se abrem e não são aproveitadas.

5.5 Observações, impressões e projeções

Esta não é uma pesquisa quantitativa, que pretende encontrar resultados a partir de números. No entanto, a seu modo e em sua metodologia, também podem ajudar a compreender uma realidade. Quando um pesquisador propõe-se a investigar a interação entre blogueiros e leitores, uma das principais evidências sobre essa capacidade, obviamente, é identificar se os comentários estão presentes nesse espaço digital. Conforme abordado no capítulo 3, Primo (2006) compara os *posts* de *blogs* a fóruns de discussão, enquanto Prado (2011) afirma que a real interação só existe na internet, embora alguns indícios já existiam nas mídias tradicionais, como o jornal impresso. Portanto, cabe aqui uma reflexão embasada em dados.

Foram 20 *posts* de quatro *blogs* observados, 14 deles com a presença de pelo menos um comentário de leitor. Alguns provocaram dezenas, outros suscitaram uma interação significativamente menor. De uma forma geral, pode-se afirmar que 70% desse universo contaram com alguma manifestação vinda do outro lado da tela. Outras seis publicações não tiveram nenhuma repercussão em forma de texto. Podem ter sido lidas e repercutidas em outro espaço, contudo no blog não aparentam ter destaque.

Todavia, questiona-se qual a diferença desse espaço de comentários com relação a uma página do leitor em um jornal impresso. Pois bem, autores citados nos capítulos iniciais deste trabalho apontaram uma diferença significativa do impresso ao digital. Lévy (1999) referia que a comunicação na cibercultura é aberta e plena. De acordo com o autor, a base desse mundo virtual, em que estão inseridos blogueiros e internautas, é a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Sendo assim, o meio digital permitiria o surgimento dessas respostas de forma imediata dentro de um grupo de discussão, podendo inclusive receber novas informações ou opinião do autor do texto principal. Sob esse aspecto, afirma-se que mais da metade das postagens possibilitaram alguma manifestação vinda do lado inverso àquele que escreve, o que

aparentemente causa uma impressão positiva quanto a capacidade interativa do ciberespaço.

Segundo Santaella (2004), essas características são inerentes ao tipo de leitor que surgiu com o advento do ciberespaço, o leitor imersivo. De acordo com a autora, é um tipo de leitor capaz de dialogar com o texto construindo os caminhos a seguir. Na prática, no entanto, os números não explicam tudo. Embora alguns *posts* tenham vários comentários, é indispensável avaliar que, em inúmeros casos, os comentários pouco agregam à discussão jornalística, pois desviam totalmente do foco principal da página. Diferente do que Primo (2006) defende, há pouca discussão na prática envolvendo leitores e blogueiros.

Outra característica, desta vez apontada por Miranda (2004), é a possibilidade de abertura total, ao contrário do fechamento dos meios tradicionais. Este é um ponto a ser valorizado. De fato, as mídias digitais oferecem um avanço nesse aspecto. Não há data e hora fixas para escrever. A plataforma está disponível o tempo todo, 24 horas ao dia. Essa foi uma característica apontada por unanimidade na entrevista com os jornalistas. Todos reconhecem que essa é uma possibilidade nova na prática jornalística, que difere do tradicional dos veículos anteriores. Na prática, percebe-se que principalmente os leitores se aproveitam dessa abertura. Como já citado, 70% dos *posts* têm comentários de internautas.

Entretanto, é de fundamental importância destacar que esta não é uma análise quantitativa. Por isso, observar como a relação se estabelece é foco central dessa pesquisa. Eis que surgem algumas constatações significativas. Quando se espera encontrar um espaço de grande fluxo de informação, em uma via de mão dupla entre os atores, identifica-se um formato um tanto convencional na relação blogueiro-leitor. Dos quatro blogueiros, dois não respondem, em nenhum momento, a nenhuma ponderação dos internautas que se manifestam. Os outros dois apresentam, nesse recorte espaço-temporal de observação, apenas uma manifestação cada em meio aos comentários de *outrem*, entre todos os *posts* analisados. Isso contraria alguns conceitos defendidos por Santaella (2010) quando trata das novas possibilidades do mundo digital: a comunicação colaborativa, a interação em tempo real e a capacidade de informar de forma horizontal. De fato, o que se percebe são apenas espasmos de interatividade horizontal e de comunicação colaborativa, defendidos pela autora, que estão potencializados no suporte digital, mas não se transformam em prática corriqueira.

Busca-se então uma análise da presença dessa interatividade nos textos originais, não mais nos espaços de comentários. Todavia, a dificuldade em encontrar elementos de interação se repete. Em todos os 20 *posts* dos quatro *blogs* analisados, não há uma

manifestação sequer da influência dos leitores no texto original. Não há correção, nem acréscimo de informações partindo dos internautas. O que chama atenção é que os quatro jornalistas foram unânimes ao afirmar, sempre no início das entrevistas, que levam muito em conta a participação dos leitores e usam desse espaço para adquirir alguma nova informação ou atentar a qualquer equívoco apontado nos textos. Tal afirmação reforçaria o que defende Silveira (2010), ao citar que muitos temas são escolhidos a partir da influência dos leitores. Na prática, analisando os textos, a situação é diferente, tendendo a um descrédito dos autores para com a participação dos internautas. Quando questionados sobre um exemplo prático dessa relação, apenas um dos jornalistas citou um caso em que um leitor teria ajudado na produção de um *post*.

Nesse novo espaço, de fato, há uma mudança. O leitor torna-se mais compartimentado, ele busca o que quer, reforçando o conceito do leitor imersivo de Santaella (2004). É um leitor que lê aos pedaços, sem grande fidelidade com os *sites* e que tem a chance de interagir com quem escreve. Aqui encontra-se uma outra descoberta deste trabalho: os leitores aproveitam os espaços digitais de leitura para interagirem entre si, mais do que com os próprios autores. A interação com os jornalistas é quase inexistente, enquanto que entre os próprios leitores o diálogo flui com mais naturalidade. É possível encontrar, em diferentes situações, leitores dialogando entre si nos comentários. Alguns, inclusive, fazem referência a determinado internauta, chamando a atenção dele a uma informação ou opinião manifestada. Com relação aos leitores, essa interação parece muito mais próxima da realidade imaginada nos espaços digitais.

Uma das explicações para esse afastamento dos jornalistas dos espaços de interação, segundo os próprios, estaria no nível de discussão proposto pelos internautas. De forma unânime, os blogueiros afirmaram que há muita falta de respeito por parte dos leitores que comentam. Os indícios são vários, segundo as entrevistas e a análise dos *posts*: leitores que usam nomes falsos para se expressar, termos inadequados para um convívio social respeitoso, desvio do foco da publicação e desinteresse dos internautas em um debate cordial e construtivo. Dessa forma, três dos quatro jornalistas afirmaram pensar, em algum momento, em suspender a atividade do blog.

Talvez seja esse descrédito que tenha levado todos eles a reduzir o número de publicações, a se afastar dos espaços de discussão, a deixar de utilizar recursos de hipermídia, que poderiam diferenciar o blog das colunas do meio impresso, e a ignorar as possibilidades interativas da plataforma digital. Uma das poucas vantagens visíveis que o meio proporciona a todos os jornalistas entrevistados é a oportunidade de abertura total,

sem hora de fechamento, o *deadline*, uma vez que é possível publicar qualquer informação nova a qualquer momento. E talvez seja essa mesma vantagem que ainda faça os quatro blogueiros continuarem acreditando em um mundo digital mais interativo, em um ciberespaço mais colaborativo e construtivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Chartier (2007) definiu o surgimento da era digital como a “revolução das revoluções”, levou em conta uma tripla ruptura com o passado, na divulgação do escrito, na forma de organização e na relação do leitor com esses conteúdos. Foi em cima desses três aspectos que este trabalho se debruçou do primeiro ao último capítulo. Durante a revisão bibliográfica, na fase de definição do método de pesquisa e na aplicação do estudo com os atores sociais, em nenhum momento deixou de se pensar nessa “tripla ruptura”. Não há razão de se escrever que não seja para um leitor. Também não se pode ignorar a importância dos suportes, nesse caso a internet, um ciberespaço capaz de relacionar mídias e proporcionar novas possibilidades de interação entre quem lê e quem escreve.

Por isso, o objetivo central desta pesquisa foi investigar e analisar os efeitos da recepção na produção de *blogs* jornalísticos, a partir da seguinte pergunta de pesquisa: como se estabelece a relação de interação entre jornalistas e leitores pela via das mídias digitais, em específico, em *blogs* jornalísticos, em um contexto em que a imprensa obriga-se a trabalhar a informação “sem fechamento, em tempo real”? Definiram-se ainda outros quatro objetivos específicos: a) refletir sobre as relações entre jornalismo e tecnologia, dos meios impressos ao espaço digital; b) entender se e como os leitores influenciam no texto dos autores dos *blogs*; c) discutir os estatutos de leitura em meio digital, em específico no blog; d) identificar como e em que medida se estabelece a interação entre leitores e blogueiros (jornalistas).

Há que se destacar que este leitor é classificado por Santaella (2004) como imersivo, ator central da Web 2.0, cujas palavras de ordem são “expor-se, trocar, colaborar em atividades de interação”. Sob este conceito, a informação não seria mais fornecida de cima para baixo.

Após meses de revisão bibliográfica, a partir de autores com pontos de vista diferentes, porém convergentes de maneira geral, chegou-se a oito questões definidas e estruturadas a fim de responder a algumas indagações pertinentes na busca por tais objetivos. Depois de quatro entrevistas e da análise de 20 *posts* de quatro blogueiros, é possível traçar algumas considerações. Não são teses definitivas, porém apontamentos reais, baseados numa pesquisa de campo com estudo de caso, em quatro *blogs* disponíveis na página do Grupo RBS. É possível que tal realidade se repita em outros *blogs*, da mesma

forma que tais observações podem não mais serem feitas em outro *corpus*. O que se tem aqui são respostas a um recorte de espaço e de tempo, baseados, sempre, em conceitos que dão luz à análise.

No que diz respeito ao primeiro objetivo específico, de refletir sobre as relações entre jornalismo e tecnologia, dos meios impressos ao espaço digital, de fato, pode-se afirmar que a tecnologia, referindo-se aqui ao ciberespaço de Lévy (1999), proporcionou mudanças à prática jornalística e na relação que se estabelece entre leitores e jornalistas. Não há mais a urgência pelo fechamento, uma vez que a internet proporciona uma abertura total, já apontada por Miranda (2004). Percebe-se na prática que os jornalistas não têm hora certa para publicar, assim como podem aproveitar a abertura para publicar a qualquer tempo. Também há que se ressaltar que os leitores ganharam a possibilidade de se fazerem ouvidos no espaço cujo texto original parte de um jornalista reconhecido em alguma das quatro editorias aqui representadas. Há comentários em 70% dos *posts* analisados.

Contudo, não se pode cair na euforia tecnológica. Um aspecto é das oportunidades que se abrem. Outro leva em conta o aproveitamento que os atores fazem das tecnologias. Por isso, é de fundamental relevância apontar que, na prática, os resultados são muito menos eufóricos. As descobertas da pesquisa, do contato com a realidade e os objetos pesquisados contrastaram com muitos elementos da teoria, que, ao longo do processo do trabalho, foram sendo desconstruídos. Se, por um lado, grande parte dos *posts* recebem comentários, por outro, percebe-se que a interação é quase nula na maioria deles. Há *posts* em que os comentários dos internautas não têm a mínima relação com a publicação original, constituindo-se numa “Torre de Babel”, em que os indivíduos não parecem falar a mesma língua. O diálogo entre leitores e jornalistas é quase nulo. Não há respostas aos comentários, salvo em duas exceções. Tais apontamentos contribuem para responder a outro objetivo específico deste trabalho, ajudando a identificar como e em que medida se estabelece a interação entre leitores e blogueiros.

Os comentaristas, na maioria das vezes, não se identificam de maneira real, criam personagens, muitas vezes agressivos aos blogueiros. Esse fato é observado nas entrevistas e confirmado nas análises. A maioria dos leitores esconde-se atrás de apelidos, não apresenta-se de maneira real, tornando o debate desequilibrado, visto que os blogueiros são pessoas conhecidas e precisam ter um nível de profissionalismo e respeito ao publicar. Do outro lado da tela, isso não acontece. Há intensa agressividade por parte dos leitores, que provocam com termos inadequados e palavras ofensivas. Em grande parte dos casos não há respostas. Em outros, as respostas partem de diversos leitores, que, tal qual os anteriores,

partem para a agressividade.

Os jornalistas aparentam disposição em aproveitar as potencialidades do meio, demonstrando abertura a opiniões críticas, até mesmo contrárias a sua visão. Porém a generosidade dedicada aos leitores nem sempre recebe retorno adequado. Tanto que três jornalistas revelaram significativo descrédito na ferramenta. Alguns, inclusive, passaram a utilizar outros espaços comunicacionais com maior frequência, como as redes sociais Twitter, Instagram e Facebook para publicar seus textos. Na visão deles, nessas redes os leitores têm “rosto”, ao contrário dos espaços de comentários, onde é possível falar sem assinar o nome real.

Essa relação difícil – por vezes até inexistente – é comprovada pela ausência de contribuição dos leitores nos textos originais. Este foi o terceiro objetivo específico do trabalho, identificar se e como os leitores influenciam no texto dos autores dos blogs. De fato tal influência é praticamente nula visto não ter sido encontrada na prática uma contribuição sequer dos leitores.

Por fim, o último objetivo específico pretendeu discutir os estatutos de leitura no meio digital. Eis que encerra-se esta pesquisa com poucas evidências de um avanço significativo da presença do leitor na relação com os autores. Há muito mais um debate entre os próprios internautas e uma comunicação no formato convencional, onde o jornalista é emissor e o internauta aparece como receptor.

De fato, a Web 2.0, o ciberespaço e as ferramentas de “inteligência coletiva”, conceituadas por Lévy (1993), ainda são um mundo a se descobrir. As potencialidades estão à mostra, à espera de quem saiba usá-las. Talvez esteja aí um dos grandes desafios para quem quer estabelecer uma relação de interação efetivamente concreta. É preciso capacitar o usuário, aquele leitor imersivo, conceituado por Santaella (2004) na década passada. Ter as ferramentas à mão não significa saber usá-las, conforme ficou claro nesta pesquisa. Pelo contrário, é preciso saber manuseá-las e aproveitar suas potencialidades para que, de fato, elas tornem-se aliadas na relação dos leitores com os autores. A capacidade interativa está em potência, é preciso dar combustível à ela. Assim como tantas evoluções já vividas pelo homem, esta será mais uma, já que o ciberespaço ainda é obscuro para uma parcela significativa de quem o frequenta. Com essas ferramentas cada vez mais ao acesso dos usuários, há que se disseminar o conhecimento, a fim de que os espaços de diálogo e de interação possam sair da teoria e tornar-se prática.

Incluído na linha de pesquisa *Leitura e formação do leitor*, este trabalho teve uma abrangência transdisciplinar, aproximando áreas afins como as Letras e a Comunicação.

Envolveu atores que transitam em tais áreas e buscou contribuir na compreensão dos processos de leitura e das potencialidades dos mecanismos de interação entre leitor e texto, em meio a diferentes suportes. Ao resgatar os caminhos pelos quais a história da escrita e da leitura trilhou ao longo dos séculos, percebeu-se o quanto os atos de ler e escrever podem ser complexos, plurais e desafiadores.

Esta pesquisa não tem a pretensão de ser definitiva. Há muito mais que se descobrir neste espaço tão fértil em potencialidades. Há que se ter esperança em um futuro com leitores mais capacitados a se apropriar das ferramentas interativas do ciberespaço. Até porque este meio tão rico segue evoluindo. Enquanto se fala em Web 2.0, a terceira geração bate à porta. A web semântica já é uma realidade próxima, capaz de processar informações a partir de dados dispersos. O leitor também deverá se adaptar a isso, evoluindo de um perfil imersivo para um caráter ubíquo, de mobilidade, que anseia atingir seus objetivos com rapidez cada vez maior. É preciso entender que este ciberespaço não estaciona. Enquanto este trabalho é finalizado, outros precisam iniciar para que não nos confundamos em meio a tantas novidades, a fim de que não nos percamos no labirinto da hipermídia, em um universo em tempo real, que nunca se esgota, nunca se fecha, e que, por isso, nos desafia.

REFERÊNCIAS

- BAIRON, Sérgio. *O que é hipermídia*. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BARBOSA, Elizabete. *Jornalistas e público: novas funções no ambiente online*. Universidade do Minho. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/barbosa-elisabete-jornalistas-publico.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2014.
- BEIGUELMAN, Giselle. *Link-se: arte, mídia, política e cibercultura*. São Paulo: Petrópolis, 2005.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.
- BILTON, Nick. *A eclosão do Twitter: uma aventura de dinheiro, poder, amizade e traição*. Tradução Elvira Serapicos. 1. ed. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2013.
- BITENCOURT, Jossiane Boyen. *O que são blogs?* UFRGS, 2008. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf> Acesso em: 03 ago. 2014.
- CÁDIMA, Francisco Rui. *História e crítica da comunicação*. Lisboa: Edições Século XXI, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. A escrita na tela: ordem do discurso, ordem dos livros e maneiras de ler. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania (Org.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.
- DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.
- DEPIERI, Adriana Anunciato et al. *Interfaces das ferramentas da Web 2.0 na construção dos textos coletivos da disciplina CCVAP de 2001 a 2010*. Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://ccvap.futuro.usp.br/TMP_UPLOAD/files/tc-secs1311771291087__nusp1111111.pdf> Acesso em: 10 ago. 2014.
- FERRAZ, André de Souza; MESSIAS, Denyson José da Silva. *Computação ubíqua*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2011.
- GASPAR, Pedro João. *O milênio de Gutenberg: do desenvolvimento da Imprensa à popularização da Ciência*. Universidade de Aveiro. 2004. Disponível em: <<https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/112/1/O%20Mil%20%C3%A9nio%20de%20Gutenberg%20-do%20desenvolvimento%20da%20Imprensa%20%C3%A0.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2014.

HEPP, Ismael Felipe. *A interatividade através dos comentários do Blog: estudos do caso RS Urgente*. Universidade de Passo Fundo, 2010.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. *Conceito e história do jornalismo brasileiro na "Revista de Comunicação"*. Porto Alegre: FAMECOS/PUCRS, 2008.

LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia*. Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. *História da televisão brasileira: Uma visão econômica, social e política*. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

MIELNICZUK, Luciana. *Características e implicações do jornalismo na Web*. Universidade Federal da Bahia, 2004. Disponível em: <http://comunicaufma.webs.com/mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

MIRANDA, Luciano. *Jornalismo on-line*. Passo Fundo: UPF, 2004.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *O Rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

PRADO, Magaly. *Webjornalismo*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. *Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. E-compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, n. 5, p. 1-21, abr. 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/Abril2006_alex_ana.pdf> Acesso em: 8 dez. 2013.

PRIMO, Alex. *Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/quao_interativo_hipertexto.pdf> Acesso em: 31 jul. 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

REZENDE, Ivan Satuf. *A emergência da rede: dinâmicas interativas em um blog jornalístico*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano*. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiqüidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHIRMER, Lauro. *Da voz-do-poste à multimídia*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SILVEIRA, Mariane Rocha. *Blog: eu te lendo e eu te escrevendo*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de Passo Fundo, 2010.

SOUZA, Jorge Pedro. *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2009.

Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2014.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

WESCHENFELDER, Eládio V. et al. (Orgs). *DA PRENSA AO E-BOOK*. Passo Fundo: UPF, 2003.

XAVIER, Antonio Carlos. Hiperleitura e interatividade na Web 2.0. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania (Org.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007. p. 32-49.

ZILBERMAN, Regina. A leitura no mundo digital. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania (Org.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os blogueiros

- 1- Com anos de experiência no jornalismo, quais as principais mudanças aconteceram a partir da inserção do jornalista nas mídias digitais, especialmente com o blog?
- 2- No meio digital, percebe-se a participação do internauta-leitor. Em que medida essa participação influencia na redação dos textos? De que forma a presença do leitor é levada em conta na produção dos textos opinativos online, diferentemente dos textos impressos.
- 3- O blog permite o incremento de outras mídias. Você usa dessas possibilidades, aponta links, apresenta vídeos, ou, no meio digital, são a palavra e a opinião ainda o centro de sua coluna?
- 4- As possibilidades de publicação e de retificação no blog diferem das possibilidades do jornalismo impresso. Em que medida isso influencia a sua coluna, seja na elaboração textual, seja no acompanhamento dos fatos que são notícia?
- 5- Em que medida você percebe o retorno de seus leitores em meio digital, no momento em que sua coluna se encontra imersa na multiplicidade de mídias da internet? É um leitor atento?
- 6- O leitor de blog é mais fiel que o leitor de outras mídias tradicionais? Por quê?
- 7- Qual é a sensação de escrever sem fechamento e em tempo real?
- 8- Até onde pode ser fidedigna uma informação sem fechamento e em tempo real? A credibilidade é diferente do jornalismo impresso?

APÊNDICE B - Entrevista com blogueiro 1

Pergunta 1: Com anos de experiência no jornalismo, quais as principais mudanças aconteceram a partir da inserção do jornalista nas mídias digitais, especialmente com o blog?

Resposta: É bem diferente né, porque antes tu não tinha, não era acessível ao leitor né. O leitor podia mandar uma carta, que daí tu lia e não necessariamente respondia. Ou ele podia ligar para o jornal, mas é uma ação que demanda um pouco de esforço, trabalho, porque ele tem que procurar o número, ligar para o jornal, aquela coisa toda. E quando ele liga, manda uma carta, ele sempre tem o receio de como tu vai reagir, quando ele te liga ou te aborda na rua, ele sempre tem o receio da tua resposta né. Com a internet, blog, comentário, *e-mail*, ele não tem nenhum receio, ele manda. Às vezes ele se irritou com alguma coisa eu ele leu, ele imediatamente, quase que instantâneo, ele vai lá, clica em cima e te xinga, vamos dizer né. É uma reação instantânea dele, às vezes até impensada né. E aí tu tem que entender, eu tô desde o início com blog, fui um dos primeiros a ter blog na internet, eu fui um dos primeiros quatro *blogs* e depois foi multiplicando. Você tem que aprender com isso, o que significa aquilo, porque tem muito cara que, a maioria dos leitores é o seguinte: se ele concorda contigo tu é um gênio. Se ele discorda, tu é um imbecil. Então tu quem saber que tu não é gênio nem imbecil. Não vai te empolgar quando todo mundo te elogia e não vai achar que tu é um imbecil quando tu recebe uma crítica feroz. Tem aquele cara que se tornou comentarista de blog profissional, tem muitos, muitos, muitos. No meu blog, assim, são dezenas. Aquilo se transforma numa pequena comunidade. Eles se conhecem, discutem entre si. E aí aquilo se transforma numa pequena comunidade, é uma coisa curiosa, eles se conhecem, discutem entre si, tu escreve um texto, quando vê eles estão trocando acusações, se elogiando. Eu fiz uma festa do blog para os leitores, fizemos uma festa só com os leitores do blog, só podia entrar leitor do blog. Virou uma pequena comunidade, começam a trocar coisa, já sei de leitores que se relacionaram entre eles. Acaba sendo interessante, é um troço que não existia antes, é curioso.

Pergunta 2: No meio digital, percebe-se a participação do internauta-leitor. Em que medida essa participação influencia na redação dos textos? De que forma a presença do leitor é levada em conta na produção dos textos opinativos online, diferentemente dos textos impressos.

Resposta: Tem que entender também que o cara do blog, o leitor do blog não é o mesmo leitor do jornal, que não é o mesmo ouvinte da rádio, que não é o mesmo cara da TV. O leitor do jornal também é estratificado, tem cara que lê esporte, que não é mesmo que lê a contracapa. Eles podem até se interpenetrar, mas eles são diferentes. Então você tem que entender que é aquela reação. Tudo o que eu escrevo para o jornal vai pro blog, mas a reação do leitor do jornal é uma e do blog é outra. Então eu não, não é que eu leve em consideração, vou escrever para o leitor, eu não faço isso, mas eu sei que certas coisas eu vou escrever pro blog e certas coisas eu vou escrever pro jornal. Certas coisas eu falo no rádio, certas coisas na televisão. No jornal também tem que entender que em cada seção do jornal as linguagens são diferentes. Tem que entender como funciona isso aí, senão você também enlouquece. Tem um monte de jornalistas que desistiu de fazer blog, por causa dos comentários agressivos. Outros ficam perturbados com aquilo, se deixam perturbar, mas não pode deixar isso acontecer.

Pergunta 3: O blog permite o incremento de outras mídias. Você usa dessas possibilidades, aponta links, apresenta vídeos, ou, no meio digital, são a palavra e a opinião ainda o centro de sua coluna?

Resposta: Uso bastante. Poderia usar mais porque.. mas tu acaba ficando sem tempo pra dar um tratamento melhor, mas eu gostaria de usar mais, mais vídeos, afinal de contas o que é o blog, é uma espécie de jornal onde eu posso usar mais sons e imagens, poderia usar mais. Me penitencio de não usar mais um pouco essas possibilidades do blog.

Pergunta 4: As possibilidades de publicação e de retificação no blog diferem das possibilidades do jornalismo impresso. Em que medida isso influencia a sua coluna, seja na elaboração textual, seja no acompanhamento dos fatos que são notícia?

Resposta: Isso é bom. Eu não uso muito isso, porque eu reviso muito o texto antes de escrever. Mas é bom, é algo positivo. De repente tem uma coisa que eu não percebi, às vezes a gente comete um erro né, ou algo que não percebeu, algo que ficou estranho. Essa é outra vantagem do blog.

Pergunta 5: Em que medida você percebe o retorno de seus leitores em meio digital, no momento em que sua coluna se encontra imersa na multiplicidade de mídias da internet? É um leitor atento?

Resposta: São muitas.... pode ter certeza. Você escreveu alguma coisa no blog, você vai ter

diversos tipos de retorno daquilo. Eu tenho uma leitora minha, que não é a única, mas essa é diária, ela faz comentários de todos os erros, ela corrige quando há um erro de português, um erro de digitação. Eu vou lá e corrijo, agradeço ela depois. Ela é uma espécie de revisora do blog, é uma coisa curiosa, dá palpites, dá sugestões. Vários leitores são parte do blog porque no momento que tu escreve aquilo e entram aqueles caras que já são figuras conhecidas, aquilo ali enriquece, mesmo que o cara seja um cara meio imbecil, aquilo ali é engraçado, os outros comentam, brigam com ele. Mas fica interessante. Às vezes eu faço entrevistas com eles, eles me entrevistando, eu abro prá eles, daí eles fazem entrevista, eu respondo, não faço censura nas perguntas, respondo todas. É uma relação diferente que tem, porque o leitor do blog de certa forma ele ajuda a construir o blog, esse comentarista ele ajuda a construir o blog. Esse comentarista de blog ajuda a construir, é até uma figura meio exótica, mas é bacana.

Pergunta 6: O leitor de blog é mais fiel que o leitor de outras mídias tradicionais? Por quê?

Resposta: É que o leitor do impresso não pode fazer essa manifestação né. Ele não tem como comentar na hora, pode mandar um *e-mail*, eu recebo muitos *e-mails*. Certamente o leitor do blog é mais participativo né. Ele quer participar, tem essa vontade de tá lá e comentar, tá lá e tá junto. Tem uns caras que são engraçados, eles me odeiam, sabe? Mas ele tá todos os dias ali, lê todos os textos, comenta todos os textos, então é uma figura que acrescenta também, mesmo te odiando.

Pergunta 7: Qual é a sensação de escrever sem fechamento e em tempo real?

Resposta: É melhor, claro que é. A tecnologia, quanto mais possibilidades tu tem, melhor, tu tá mais aberto, tem mais possibilidades de fazer as coisas. Agora eu tava no Halloween, entrei pelo Skype, queria colocar no blog, mas ficou muito escuro. Queria ter mais tecnologia prá aproveitar, quanto mais tecnologia, quanto mais possibilidades melhor. Acho bom isso e que vai crescer cada vez mais. Esses instrumentos do blog, acho que vai se consagrar, vai ser mais ainda do que é. Vai chegar um momento em que vai haver uma triagem. Essa triagem já existe, mas vai chegar um momento que vai ser muito restrito à internet, com um telefone celular apenas. Se que conseguirem ter uma marca, uma credibilidade, esses vão ficar, agora muita coisa que lixo vai sair. A web é uma rede, uma

rede mesmo, você joga a rede, vem um peixe, vem um pneu, um sapato velho. O leitor, o usuário, vão fazer a triagem. A diferença fundamental que tem é que a internet é boa, principalmente prá nós, jornalistas.

Pergunta 8: Até onde pode ser fidedigna uma informação sem fechamento e em tempo real? A credibilidade é diferente do jornalismo impresso?

Resposta: Não é diferente não, mas tá muito ligada ao trabalho que aquele veículo, aquele jornalista faz. As pessoas vão escolher acessar ele ou não, então essa triagem vai ser feita pelo leitor sempre, seja na internet ou no impresso, o que a gente precisa, para sobreviver nesse mundo é garantir nossa credibilidade e isso se faz com bons textos e com uma relação com o teu público.

APÊNDICE C - Entrevista com blogueiro 2

Pergunta 1: Com anos de experiência no jornalismo, quais as principais mudanças aconteceram a partir da inserção do jornalista nas mídias digitais, especialmente com o blog?

Resposta: Eu acho que o blog serve como receptáculo de todo o trabalho que tu tem. Tudo que tu consegue divulgar nas diferentes plataformas, na TV, no rádio, no papel, na internet, o blog serve como arquivo, quase como um portfólio. Eu sempre vi ele como um receptáculo de todo o teu trabalho. O que todo jornalista, na minha opinião, quer, é aumentar o número de receptores da tua mensagem. No momento que surgem as plataformas digitais elas possibilitam isso. Eu acabei entrando na ideia de jornalista multimídia justamente por isso porque eu via no blog a possibilidade de expandir o meu conteúdo, chegar ao maior número de pessoas. Então nas minhas coberturas, comecei a usar primeiro o blog para aproximar o meu trabalho do leitor mesmo. Vi que no blog eu podia adotar uma linguagem mais informal, podia contar bastidores de coberturas, podia contar o texto mais informal que o jornal, contar bastidores de coberturas e incluir mais fotos também. A grande vantagem dos meios digitais, especialmente daquele momento que eu comecei em 2005, um pouco antes, foi a possibilidade de agrupar todo o meu conteúdo em um primeiro momento e também paralelo a isso, a possibilidade de estreitar a relação com o público. Muitos bastidores. E isso numa cobertura internacional é muito legal porque tu tá sozinho num lugar distante, comunicando para o teu público né, o público da RBS, aqui do Rio Grande do Sul. O blog surge como esse elo. As pessoas vão comentando, sugerindo pautas, vão comentando. Acho que antes das redes sociais é o grande veículo de troca do leitor, dessa interação com o leitor. Vinham obviamente elogios, mas algumas críticas também. Você tinha esse “bate-volta” antes mesmo das redes sociais.

Pergunta 2: No meio digital, percebe-se a participação do internauta-leitor. Em que medida essa participação influencia na redação dos textos? De que forma a presença do leitor é levada em conta na produção dos textos opinativos online, diferentemente dos textos impressos.

Resposta: Na redação do texto basicamente não influencia muito, mas na maneira de pensar a pauta sim, influencia. A gente estuda e percebe que não existe uma objetividade mesmo. No momento de escolher uma pauta você já está de certa forma influenciando,

colocando os teus valores, o teu pensamento, o teu discurso ideológico. No momento que vem uma sugestão, uma crítica, uma colaboração de um internauta do blog, você pensa que aquilo ali pode te ajudar a direcionar a tua cobertura. Quando vem uma sugestão, você avalia se dá prá fazer. No meu discurso não influencia tanto, mas na maneira de pensar a pauta.

Pergunta 3: O blog permite o incremento de outras mídias. Você usa dessas possibilidades, aponta links, apresenta vídeos, ou, no meio digital, são a palavra e a opinião ainda o centro de sua coluna?

Reposta: Eu sempre utilizei. A Zero Hora tem uma história um pouco engraçada. Acontecia em coberturas especiais, de o repórter ir a campo e quando voltava, muitas das histórias legais, bacanas, boas de ler eram contadas no cafezinho para os colegas. E quando você ia escrever era um texto que não era tão gostoso de ler. Era um texto chato, burocrático. Então se criou durante os anos 2000 o diário do repórter. Era uma coluninha do lado da cobertura especial, uma coluna, duas, de coisas curiosas que o repórter viu a campo, pequenos drops. Era um prenúncio do que viria a ser os *blogs*. No momento que os *blogs* passam a ter mais importância, essa coluna se transpassa para a internet, para o digital, com uma possibilidade ainda maior. A gente começa a perceber que os *blogs* precisam de fotos, cada vez mais, que precisam de atualização constante porque um *post* sem foto tem pouca audiência. É um pouco da lógica hoje das redes sociais. Tinha possibilidade de colocar várias fotos e também ser um espaço infinito. Enquanto que no papel a gente tinha a coluna do repórter em viagem, o Diário do Vaticano, Diário do Oriente Médio, Diário da Eleição Americana, onde você tinha possibilidade de escrever cinco, seis notas, no blog você coloca várias. Outra premissa do blog que eu também adotava era atualizar. Claro que durante uma guerra, em que você passa o dia inteiro apurando e de noite você vai despejar o conteúdo, você não consegue fazer muito a premissa do blog, que é atualização constante. Mas numa eleição americana, por exemplo, eu fiz muito. Nas duas últimas eleições. Como é uma coisa mais organizada, mais previsível eu consegui fazer isso. Eu acordava, escrevia um *post*, como tinham sido algumas pesquisas da noite, como eu previa o dia, aí eu saía prá rua pra fazer uma reportagem. Lá por volta de meio-dia voltava pro hotel, já despejava no blog alguma coisa que eu via na rua, algum trecho que tinha tido com alguém, alguma informação nova, colocava uma foto. Deixava para o jornal do dia seguinte aprofundar aquele ponto, mas dava um aperitivo para o leitor. Eu dava vários *posts* ao longo do dia. Se você não tem uma

atualização constante as pessoas te abandonam. Elas entram uma, duas vezes, se não tem atualização, aí elas não entram mais. A premissa do blog é essa, servir de diário. Hoje meu blog está quase abandonado porque estou em outra função, fazendo a capa do jornal, fazendo uma função um pouco mais burocrática, acabo não viajando tanto, não indo para a rua. Então o blog funciona mesmo como diário, ou como análise, opinativo.

Pergunta 4: As possibilidades de publicação e de retificação no blog diferem das possibilidades do jornalismo impresso. Em que medida isso influencia a sua coluna, seja na elaboração textual, seja no acompanhamento dos fatos que são notícia?

Resposta: Eu sempre gostei disso porque eu não acho que a notícia precise ser publicada 12, 24 horas depois. Ela tá acontecendo a todo o tempo, cria quase uma linha direta com o leitor que te acompanha em tempo real. Ele tá o tempo todo ali, te lendo, te criticando, te acompanhando, festejando, e tu te torna um publicador, um homem-banda, que é um cara capaz de produzir todo o conteúdo sozinho, sem precisar da mediação de um editor. Você consegue fazer o vídeo, editar, colocar no blog, subir no youtube sem precisar passar por uma edição mais elaborada de uma emissora de televisão. Isso é muito legal, mas ao mesmo tempo aumenta tua responsabilidade, por causa da possibilidade de um erro, já que não tem editor. Talvez não seja visto como tão grave quanto no papel, onde fica, marca, não tem como reimprimir e na internet você pode corrigir a todo o momento. Mas ao mesmo tempo na internet a chance de errar é maior porque você é apenas um cara que está escrevendo, publicando.

Pergunta 5: Em que medida você percebe o retorno de seus leitores em meio digital, no momento em que sua coluna se encontra imersa na multiplicidade de mídias da internet? É um leitor atento?

Resposta: São públicos diferentes. Num determinado momento eu achava que era o mesmo público. Eu achava que o cara do jornal, iria na internet te acompanhar mais um pouco, usei muito isso no início da fase digital, achando que era assim. Mas hoje eu acho que não. O público do blog é diferente do jornal papel. É um cara que cada vez mais entra nas redes sociais em contato contigo, é um cara que tá na internet, que vai no teu blog via internet e não pelo jornal. Ele não te busca porque te lê no jornal. O público do papel é diferente do *site* e a linguagem do blog te permite ser um pouco mais descontraído, em função de que é um público mais jovem e que você consegue ter uma aproximação diferente. No papel é um público em geral mais velho, mais crítico, mais analítico, mais

experiente. O do digital está em formação, é um público ainda se formando, leitor em formação, que a gente tá descobrindo quem é com as possibilidades de medições, quanto tempo o cara fica no teu blog, quais são os *posts* mais lidos, qual o grau de interação você tem.

Pergunta 6: O leitor de blog é mais fiel que o leitor de outras mídias tradicionais? Por quê?

Resposta: O público do papel é mais fiel, mais conservador e tem uma aderência maior com as marcas, com a grife do jornalista, com a marca do jornal. O público da internet não é fiel, é um cara que se o concorrente oferece uma coisinha a mais ele já vai, a todo o momento existe uma sede de novidades, de atualização, de coisas novas e você precisa chamar a atenção dele o tempo todo. Até porque existe uma crise de marcas, as marcas como um todo, o jornalista, a empresa de comunicação, hoje, existe esse problema da desintermediação, você não precisa mais do jornalista para ter a informação. Essa geração já criada assim que começa a ler e consumir produtos digitais, já nasce digital, é muito crítico, mas é muito volátil. Não gostei desse cara, vou ler outro. O cara do papel não, ele acredita na marca, ele acha que ela tem credibilidade e acredita. Então é mais fácil de lidar com ele.

Pergunta 7: Qual é a sensação de escrever sem fechamento e em tempo real?

Resposta: Eu acho uma das coisas mais legais, mais ricas, nessa experiência digital. Desde o início eu nunca soube muito bem em qual área apostar, TV, rádio, jornal, e na internet acabei aproveitando para fazer muitas coisas. Agora lembrei de outro blog que eu ajudei a coordenar, que era o de cobertura de praia. Todo mundo podia postar, quebra um pouco aquela rotina básica do jornalismo, com editor, revisão e publicação no dia seguinte. Com blog você tem publicação imediata, você tem vários deadlines, e tu é o próprio editor do teu texto. Então surge esse feedback da correção, o leitor vai lá, vê algo errado, te fala e tu corrige. Se quebra na comunicação aquele modelo clássico, matemático, funcionalista, de autor, receptor, canal.... o público passa a ser colaborador e quebra um pouquinho aquela suposta arrogância do jornalista de que ele é o único emissor da informação, começa a virar uma coisa colaborativa.

Pergunta 8: Até onde pode ser fidedigna uma informação sem fechamento e em tempo real? A credibilidade é diferente do jornalismo impresso?

Resposta: No jornal como instituição, a Zero Hora tem como premissa que se está publicado não se despublica. É uma premissa do impresso, do papel, que a gente tenta passar para a internet. Há algumas ações de pessoas, instituições que exigem que o jornal tire a notícia do ar. Mas se a gente entende que a informação não tá errada, não houve violação, não teve crime, a gente banca. Não se despublica por respeito ao leitor.

APÊNDICE D - Entrevista com blogueiro 3

Pergunta 1: Com anos de experiência no jornalismo, quais as principais mudanças aconteceram a partir da inserção do jornalista nas mídias digitais, especialmente com o blog?

Resposta: A primeira preocupação que eu tive foi encontrar uma linguagem para cada. Eu já trabalhei em praticamente tudo o que você pode imaginar. Comecei minha carreira em assessoria de imprensa, depois fui para o rádio e só depois fui para o jornal. Meu maior tempo de carreira é em jornal impresso. Mas depois quando a gente começou a apostar em jornalismo digital, a minha primeira experiência foi com o blog. Ninguém tinha blog, alguns jovens tinham fotologs. É muito antigo. No jornalismo começaram a nascer os *blogs*. O meu foi um dos primeiros. Me dediquei muito, me empolguei muito. Eu achava que era um grande negócio. Aí fui descobrindo qual seria a linguagem. Fui tateando, porque não existia uma fórmula. A primeira conclusão a que eu cheguei é que no blog cabia uma linguagem mais informal, mais direta. Eu na coluna na Zero Hora nunca escrevo em primeira pessoa, salvo em casos raríssimos. No blog eu escrevo em primeira pessoa. Prá sair da política, eu tenho o blog como um território em que eu posso escrever sobre qualquer coisa. E no início eu me empolguei tanto que eu tinha até uma seção de música. Era música na madrugada, eu botava algum link do Youtube. No início eu me sentia motivada prá isso. Então tinha alguns que comentavam no blog, pessoas muito interessantes e me sentia motivada para isso. Com o acúmulo de trabalho fui deixando um pouco de lado. E hoje tenho até sérios questionamentos se o blog ainda tem validade. Continuo fazendo, mas minha participação é bem menos intensa do que foi. Nesse tempo descobri outras formas de me comunicar que parecem mais efetivas. Então, por exemplo, até pela ferramenta de publicação é um negócio meio chato, publica em Wordpress. Às vezes você tá na rua e não tem muito como atualizar. Numa informação de emergência é muito mais rápido me comunicar por Twitter. Até foi uma ferramenta que demorei a entrar porque era apenas 140 caracteres, parecia pouco. Mas entrei na conta e hoje utilizo muito, tenho 38 mil seguidores. Fiz uma conta no Facebook, mas não quero tratar de política no Facebook. Eu quero ter um Facebook como qualquer cidadão, não quero tratar de política ali. Por fim, tenho outra rede como pessoa física, meu Instagram é como pessoa física mesmo. O que eu perdi o encanto no blog foi por conta dos comentaristas. No início era bacana. Era pessoas legais que faziam críticas construtivas, tinha um debate. Aí começaram a entrar uns “crackeiros” digitais, pessoas negativas, que acordam de mal com

a vida e começam a agredir os outros. Eu fico incomodada por dar carona a esses comentários, ser a “tartaruga” que dá carona em sua casca aos “crackeiros” que ficam se agredindo. Perdi gosto pelo blog em função de muitos comentários. Muita gente entra lá de forma anônima. Porque eu tenho nome, tenho rosto, as pessoas sabem quem eu sou, digo onde eu moro, tenho uma rotina. Aí tenho que ficar lidando com pessoas que não são capazes de colocar a cara, que dão apelidos idiotas. Um sujeito que escreve no meu blog, o apelido dele é “arroto”, olha que coisa nojenta. Então eu só mantenho esse blog porque eu ainda tenho esperança de que isso melhore, que a gente encontre um caminho que a pessoa só comente se puder colocar seu nome. Hoje há uma moderação, então eu veto muita coisa com palavrões e palavras agressivas. Comecei a fazer isso porque muitas pessoas legais começaram me perguntar o porquê eu deixava aqueles comentários lá, porque eu não ganho nada para ficar recebendo ataques de pessoas mal-educadas. Então o debate ficou muito pobre. Hoje o debate que se dá no meu blog é muito pobre, pessoas que se agridem, é o Petralha contra o Coxinha. São termos que eu nunca uso. Eu publico um *post* sobre alguma coisa e eles ficam se agredindo por outras. Como tenho muita coisa, sou obrigada a escolher prioridades e no caso não é o blog. Tem pessoas que não valorizam o trabalho, tão ali apenas para vomitar ódio, então não me preocupo.

Pergunta 2: No meio digital, percebe-se a participação do internauta-leitor. Em que medida essa participação influencia na redação dos textos? De que forma a presença do leitor é levada em conta na produção dos textos opinativos online, diferentemente dos textos impressos.

Resposta: A interação que me influencia muito mais é pelo Twitter, tenho uma relação excelente pelo *e-mail*, que as pessoas me escrevem e menos pelo blog. Prá falar bem a verdade, no blog, os comentários eu não me preocupo muito. Eu só não ignoro porque eu preciso passar por eles na ferramenta, porque é uma coisa que não me acrescenta nada. De cada 30 tira um que se aproveita, porque a maioria é essa baixaria. Então eu escrevo o que tem que escrever, não me influencia em nada, deixa que eles fiquem se agredindo lá.

Pergunta 3: O blog permite o incremento de outras mídias. Você usa dessas possibilidades, aponta links, apresenta vídeos, ou, no meio digital, são a palavra e a opinião ainda o centro de sua coluna?

Resposta: Alguma foto, alguma imagem. Quase nada de vídeo. Eu botava às vezes algumas entrevistas da rádio Gaúcha, algum trecho das melhores. Mas por causa de tempo

hoje eu faço muito pouco, porque dei prioridade a outras coisas. Mesmo assim eu não desisto do blog, porque eu acho que inevitavelmente a gente tem que ter um olhar digital. Eu sou analógica ainda, mas eu não quero ser uma velhinha que fica parada no passado. Então tento me adaptar a essas ferramentas. Meus seguidores do Instagram me adoram porque eu posto muita coisa pessoal. Mas sei que tenho que aproveitar a possibilidade que o digital me dá de não ter a limitação da página impressa. Mas claro que preciso de uma readequação, especialmente no que diz respeito aos comentários.

Pergunta 4: As possibilidades de publicação e de retificação no blog diferem das possibilidades do jornalismo impresso. Em que medida isso influencia a sua coluna, seja na elaboração textual, seja no acompanhamento dos fatos que são notícia?

Resposta: Isso eu acho a melhor parte no blog. Se eu tivesse mais tempo eu investiria mais nele, se tivesse comentários mais produtivos eu teria mais gosto por ele. Porque tem várias coisas no blog que eu acho muito interessantes, positivas. Uma delas é essa, a possibilidade de ficar atualizando. Mas quando eu acompanho um debate, eu vou resumindo pelo Twitter, o que eu acho melhor fazer uma cobertura em tempo real, ao vivo pelo Twitter, do que esperar o debate acabar, depois da meia-noite e publicar um texto. Eu chamo muito uma rede na outra. Eu uso o Twitter para chamar alguma coisa do blog e também uso o blog pra chamar alguma cobertura. Eu faço muita coisa pelo Twitter, debates, situações de atualização em tempo real, às vezes ficam no Trends de Porto Alegre no Twitter.

Pergunta 5: Em que medida você percebe o retorno de seus leitores em meio digital, no momento em que sua coluna se encontra imersa na multiplicidade de mídias da internet? É um leitor atento?

Resposta: Eu não quero falar muito sobre o leitor porque eu não sei quem é exatamente esse leitor. Eu conheço o comentarista de blog, que muitos deles são seres abomináveis, porque não fazem outra coisa a não ser ficar ali destilando o ódio nos comentários. Elas comentam em vários. Eu não sei, porque como não temos muito acompanhamento. Tiro muito pouco de positivo. Eu tenho um projeto para o blog, que eu quero transformá-lo em *site*, torna-lo mais plural, eu não falo apenas sobre política, voltar a valorizá-lo. Quero começar a ter comentários que eu não preciso moderar, mas que seja vinculado a alguma conta, desde que ele mostre a cara. Porque aí eu vou readquirir o prazer de escrever prá elas, não gosto de escrever prá gente má que tá ali apenas para esculhambar, avacalhar.

Pergunta 6: O leitor de blog é mais fiel que o leitor de outras mídias tradicionais? Por quê?

Resposta: Olha, eu sei os assuntos que “bombaram” mais. O leitor do blog tem uma visão diferente do leitor do papel. Em toda a história do meu blog o *post* que mais teve acesso foi o dia em que fizeram uma pegadinha para o Lasier na Expointer. Aquele *post* foi o mais lido da história do blog. E não é uma coisa relevante, uma bobagem. No jornal foi uma notinha e não valia mais do que isso. No blog teve grande sucesso. Eu deduzo que é um perfil diferente do leitor, então talvez eu tenho que entender que eu preciso me reciclar pra quem sabe oferecer algo de melhor prá ele, mais adequado o que ele quer.

Pergunta 7: Qual é a sensação de escrever sem fechamento e em tempo real?

Resposta: Eu passei por quase todas as fases né. No início quando eu comecei as pessoas mandavam carta via correio. Já recebi muito mais *e-mails*, do que hoje, porque tem muita gente que prefere comentar direto no facebook. Então eu sei que se eu publicasse tudo o que eu posto no Facebook eu teria mais repercussão, mas eu considero uma traição. Se eu fosse publicar meu melhor conteúdo no Facebook eu estaria traindo meu leitor da Zero Hora, que buscam o veículo de comunicação, a assinatura, Alguns colegas até questionam isso, acham que o negócio mesmo é se divulgar e se popularizar. Mas eu me pergunto: vou dar de graça esse conteúdo, mas quem vai pagar nosso salário? Então é uma discussão que os veículos de comunicação fazem e tem que fazer, pra definir o que vai dar de graça.

Pergunta 8: Até onde pode ser fidedigna uma informação sem fechamento e em tempo real? A credibilidade é diferente do jornalismo impresso?

Resposta: Acho que isso está evoluindo, ainda estou definindo, mas eu acredito muito na marca. Eu quero que a minha marca seja confiável. Quero escrever no meu perfil pessoal, na Zero Hora, no blog, eu quero que as pessoas vejam o meu texto ‘linkado’ ao meu nome com credibilidade. Pode parecer pretensão, mas nós fazemos comunicação de forma profissional. No Facebook qualquer pessoa escreve, inclusive numa linguagem que não precisa ser das mais corretas, mas isso tem credibilidade? Eu quero ter credibilidade no digital como tenho no impresso. Tô completando 11 anos com uma coluna diária, num grande jornal, num tema árido, num estado grenalizado. Recebi dos meus colegas neste ano o prêmio de colunista de opinião de jornal do ano. As pessoas me ouvem, me leem porque sabem da seriedade, então eu tenho que ter essa mesma credibilidade no digital.

APÊNDICE E - Entrevista com blogueiro 4

Pergunta 1: Com anos de experiência no jornalismo, quais as principais mudanças aconteceram a partir da inserção do jornalista nas mídias digitais, especialmente com o blog?

Resposta: Primeira coisa é a linguagem né, ela é completamente diferente do jornalismo impresso. Os textos devem ser bem mais enxutos, menores e mais factuais. Tu pode colocar o que quiser, mas na relação com a audiência, o público é completamente diferente. No jornal eles têm uma repercussão, que eu percebo por *e-mail*, as pessoas me escrevem, e não tem nenhuma troca, não tem nada. E questões que no jornal não tem tanta importância na coluna, no blog acabam ganhando maior importância. Tem uma diferença muito grande do veículo, da ferramenta. Com o tempo você vai se adaptando a escrever com uma linguagem de blog, eu sou criado num universo não-digital. Eu migrei pra isso no meio do caminho, fui tomado por essa onda de tsunami. A primeira constatação é a linguagem, a diferença é grande no texto, na abordagem também. No blog a gente é levado também pela audiência, claro que não interfere no jornalismo. Os colunistas têm muita audiência no *site*, então eles puxam a audiência. Mas a linguagem é o que mais muda.

Pergunta 2: No meio digital, percebe-se a participação do internauta-leitor. Em que medida essa participação influencia na redação dos textos? De que forma a presença do leitor é levada em conta na produção dos textos opinativos online, diferentemente dos textos impressos.

Resposta: Quando eu me propus a fazer o blog, eu me propus a interagir na medida do possível com os comentários, ainda tento fazer isso, nem sempre é possível, porque eu faço tudo e às vezes tô de folga e não consigo ter a frequência que eu gostaria. Com o tempo eu fui vendo que era muito difícil, outros colegas meus não respondem os comentários, porque a maioria vai para criticar além da conta. São os caras que fazem perfis falsos, ficam ofendendo, esperando que seja publicado. Eu tinha receio de censurar, mas acabei adotando conceitos prá censurar. Não coloco nada que tenha muita referência ao sexo, a racismo, palavrões. Se for alguma coisa muito radical, nem libero o comentário. Às vezes os caras começam a distorcer o que você fala então tem que ter cuidado. Mas eu procuro às vezes responder alguma coisa quando percebo que há uma média do pensamento de todo mundo. Se eu tô vendo que tem uma incompreensão em alguma coisa que eu escrevi, eu tento responder um, para que tente colocar as coisas no lugar.

Pergunta 3: O blog permite o incremento de outras mídias. Você usa dessas possibilidades, aponta links, apresenta vídeos, ou, no meio digital, são a palavra e a opinião ainda o centro de sua coluna?

Resposta: Costumo usar fotos, uso muito. Já usei vídeo, mas ultimamente tá tão corrido que não tenho usado vídeo. Mas a ideia é sempre tentar usar imagem, não apenas texto. Porque é basicamente o material da coluna e mais alguma coisa que eu vou apurando durante o dia. Antes a gente só usava no conteúdo editorial no *site*. Mas de uns tempos prá cá o jornal colocou o blog nas listas de conteúdo editorial e aumentou muito os acessos.

Pergunta 4: As possibilidades de publicação e de retificação no blog diferem das possibilidades do jornalismo impresso. Em que medida isso influencia a sua coluna, seja na elaboração textual, seja no acompanhamento dos fatos que são notícia?

Resposta: De um modo geral, o universo online tem que ser uma fonte de pauta, porque às vezes tem comentário que não tem uma informação apurada, mas elas te dão um caminho e pode até virar pauta. Lembro de uma vez que o Alex estava em Porto Alegre, bem antes de ele voltar pro Inter. Um cara comentou no blog que tinha visto o Alex em algum lugar de POA. Eu fui atrás e ele realmente tinha vindo até prá renovar o passaporte, e ele tava aqui com a família. Um tempo depois ele acabou voltando para o Inter. Mas aquilo rendeu um *post*. Foi bem uma interação. Tem alguns ‘caras’ que tentam contribuir de alguma maneira. Com relação a erros é muito bom. Às vezes você tá na correria e vem um comentário te ajudando com alguma informação. Eu libero o comentário do cara e vou ali e arrumo. O blog é mais relaxado. Mas isso é bem interessante, você pode corrigir na hora.

Pergunta 5: Em que medida você percebe o retorno de seus leitores em meio digital, no momento em que sua coluna se encontra imersa na multiplicidade de mídias da internet? É um leitor atento?

Resposta: É um cara que não tem continuidade. Muitos comentam sem sequer ler até o final. Mesmo sendo mais curtos, o ‘cara’ lê um parágrafo e aquilo é suficiente prá ele. Esse é o universo da internet, as pessoas prestam menos atenção. Você percebe às vezes que o cara leu um parágrafo e já sai comentando. Não leu até o final. O cara reclama de alguma coisa, mas sequer foram até o último parágrafo, que às vezes tá explicando aquilo que ele tá comentando, reclamando acima. É um leitor que é mais ansioso e muito compartimentado. Não faz muita relação com as coisas e é bem mais agressivo, muito

mais. Claro que o comentarista, em geral, é um cara mais ranzinza. São os “trolls”. São frequentes, não tem um dia que o cara não mande um comentário prá arrumar confusão. Eles te acompanham durante anos. A gente sabe até o nome, mas usam perfil falso e ficam o tempo todo tentando te agredir.

Pergunta 6: O leitor de blog é mais fiel que o leitor de outras mídias tradicionais? Por quê?

Resposta: Acho que tem um grupo que sim. Esse pessoal do “clube do ódio”, por incrível que pareça, é fiel. Eles entram ali prá ‘trollar’. Ele é fiel, mas completamente diferente. O cara que tá ali no blog tá fazendo um monte de coisa. Ninguém abre o computador só pra ler teu blog. Uma das abas é o teu blog, então ele vai misturando tudo. Alguns até misturam, comentam coisas em *posts* errados.

Pergunta 7: Qual é a sensação de escrever sem fechamento e em tempo real?

Resposta: É uma coisa completamente diferente, é uma revolução. Muda para o jornalismo de um modo geral. É uma revolução mesmo. O pessoal tá aí, tentando surfar nessa onda, alguns não conseguem nem subir na prancha, tomando “caldo” direto. Pro jornalista é muito diferente. Quando a gente faz cobertura fora, muda o perfil, a postura, a gente tem que fazer uma cobertura online, precisa compartimentar tua cabeça, o que vai pro online, o que vai para o impresso. É uma mudança completa na forma como você apura as notícias, tua cabeça deve tá aberta pra traduzir as duas plataformas, o que é impresso e o que é online. É como se estivesse “ao vivo” o tempo inteiro. Prá gente que estava acostumado a trabalhar sempre para o dia seguinte, é um pouco a sensação de estar no ar “ao vivo” o tempo inteiro. Tem que receber a informação, apurar, checar, publicar. Também temos que dar opinião, então é como se a gente saísse do dia seguinte para o vivo.

Pergunta 8: Até onde pode ser fidedigna uma informação sem fechamento e em tempo real? A credibilidade é diferente do jornalismo impresso?

Resposta: O universo digital ainda tem menos credibilidade, porque é uma questão operacional. Como tem que ser tudo muito rápido, às vezes você comete uma mancada. Não apura tudo até o final e dá as coisas compartimentadas. Tem que dar alguma informação depois, consegue falar com o cara mais tarde. É uma lógica diferente. Eu acho que a pressa de publicar antes e tal, ela leva ao erro. Pode ser um erro de digitação, um erro de informação, um erro de abordagem. Tem uma outra discussão que é ainda mais

complexa, porque na busca da audiência você precisa buscar a atenção, o clique do cara. Às vezes você chama com um título mais exagerado prá ter audiência, até que ponto você deve fazer isso, como fazer isso sem virar o fio? Isso contribui prá misturar tudo. O que tá impresso, na mão das pessoas, ainda passa para as pessoas uma ideia de que ele passou por um filtro de apuração mais demorado, mais eficiente, mais cuidadoso. No online você não tem isso, é muito rápido. Há pesquisas que dizem que as pessoas navegam por um milhão de lugares, mas elas acabam procurando a informação com credibilidade nos grandes meios de comunicação, como no UOL que é ligado a Folha, no ClicRBS que é ligado a Zero Hora, e assim por diante.